UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Valéria Carraro

E A TRAJETÓRIA DE VIDA SE ALONGA ALÉM DOS 60 ANOS... O IDOSO UNIVERSITÁRIO

São Paulo
2016

VALÉRIA CARRARO

E A TRAJETÓRIA DE VIDA SE ALONGA ALÉM DOS 60 ANOS... O IDOSO UNIVERSITÁRIO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, da Universidade Nove de Julho - UNINOVE, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

Profa. Elaine T. Dal Mas Dias, Dra.
Orientadora

São Paulo
2016

Carraro, Valéria.
E a trajetória de vida se alonga além dos 60 anos... O idoso universitário/ Valéria Carraro. 2016.
145 f.
Dissertação (mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2016.
Orientador (a): Profa. Dra. Elaine T. Dal Mas Dias.

1. Idoso universitário. 2. Educação. 3. Pensamento Complexo. 4. Subjetividade. 5. História oral.

I. Dias, Elaine T. Dal Mas. II. Titulo

CDU 37

VALÉRIA CARRARO

E A TRAJETÓRIA DE VIDA SE ALONGA ALÉM DOS 60 ANOS...
O IDOSO UNIVERSITÁRIO

Dissertação apresentada à Universidade Nove de Julho – UNINOVE, ao Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE, para obtenção do grau de Mestre em Educação, pela Banca Examinadora formada por:

São Paulo, 03 de fevereiro de 2016.

_____

Presidente: Profa. Elaine T. Dal Mas Dias, Dra. – Orientadora – UNINOVE

_____

Membro: Prof. Mauro José Ferreira Cury, Dr. – UNIOESTE

_____

Membro: Profa. Cleide Rita Silvério de Almeida, Dra. – UNINOVE

_____

Membro: Prof. Marcos Antônio Lorieri, Dr. (Suplente) – UNINOVE

DEDICATÓRIA

Ao meu pai Octacílio Carraro e à minha mãe Ilda, que tantas aventuras juvenis me proporcionaram e que ajudaram-me a ser destemida, corajosa, honesta e a construir com dignidade a minha trajetória de vida.

Às minhas meninas, Carolina e Gabriela, por elas e para elas eu desbravei os labirintos que a vida, sabiamente, me desafiou enfrentar.

Ao Theo... fiel e companheiro, sempre ao meu lado!

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Elaine T. Dal Mas Dias, minha orientadora, que me acompanhou nessa trajetória acadêmica e orientou-me para que eu conseguisse sair do emaranhado das muitas ideias, dúvidas, incertezas e contratempos que surgiram durante esta investigação. Conduziu-me às reflexões fundamentais para a compreensão de questões subjetivas que abarcam o meu objeto de pesquisa.

Aos amigos Selma Venco, Rodrigo Leite, Jorge Torresan e Mauro Cury, por todas as sugestões, contribuições enriquecedoras, pelas correções que fizeram para que o meu trabalho melhorasse cada vez mais e, principalmente, porque vocês sempre acreditaram em mim e foram os maiores incentivadores para que eu conquistasse o título de mestre.

Ao amigo eterno Sérgio Simões, *in memoriam*, pela meiguice, carinho e por ter me apresentado ao mundo da pós-graduação da Uninove; por ter ido de mãos dadas comigo, confiante, para que eu apresentasse meu projeto à professora Cleide Rita Silvério de Almeida.

À minha irmã Renata Carraro, companheira nos momentos de concentração e descontração; parceira nas trocas de experiências, na revisão e correção do texto. Colaboradora imprescindível para que as entrevistas com os idosos fossem realizadas, esteve presente em todos os encontros, observando e gravando... ao meu lado sempre.

Ao Dimas Künsch, meu cunhado, que, com toda sua sapiência somada à experiência e agregado a um cabedal de investigação científica e caminhada acadêmica, contribuiu para despertar em mim a disciplina e a organização necessárias à atividade de pesquisa. Ensinou-me a pensar metodologicamente.

Aos idosos entrevistados que estão anonimamente presentes neste estudo, receberam-me com carinho e, como se fosse um presente, deixaram-me ouvir suas histórias, mazelas vividas, conquistas e alegrias, dores e perdas, projetos de futuro. Todas essas informações foram imprescindíveis para a conclusão desta pesquisa.

A todos que de alguma forma contribuíram para que este trabalho fosse realizado: diretores, coordenadores e professores do programa, professores convidados, palestrantes, funcionários administrativos e os colegas e companheiros que estão comigo na mesma jornada acadêmica.

“As chaves do futuro e de utopia estão escondidas, quem sabe, na memória das lutas, nas histórias dos simples, nas lembranças dos velhos”.

[...]

“Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção é a apropriação veemente do que nós sabemos que não nos pertence mais”.

[...]

“Do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade”.

Bosi, 2003.

CARRARO, Valéria. E a trajetória de vida se alonga além dos 60 anos... O idoso universitário. São Paulo, 2016. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Nove de Julho.

RESUMO

O avanço da idade da população mundial tem mobilizado contínuos empreendimentos e descobertas nas inúmeras áreas e campos do saber para manter ou aumentar as capacidades de autonomia, participação, prazer, sustento e preservação da qualidade de vida dos idosos, indivíduos com 60 anos ou mais. Nesse contexto, este estudo investiga seis idosos universitários, indivíduos que se matricularam em um curso de graduação, em instituição de ensino regular e presencial, frequentam as aulas, realizam atividades acadêmicas e convivem em um ambiente intergeracional. Este trabalho foi realizado com base na metodologia da pesquisa de abordagem qualitativa. Foram ouvidos os relatos orais dos idosos, três homens e três mulheres. Após a análise de conteúdo das entrevistas gravadas e transcritas, identificaram-se cinco temas recorrentes que possibilitaram responder aos questionamentos referentes à motivação do indivíduo para ingressar em um curso de graduação regular, às experiências intergeracionais e às expectativas futuras após a conclusão do curso; além de ampliar as informações sobre o envelhecimento humano. O referencial teórico está ancorado no pensamento complexo proposto por Edgar Morin, nas noções de sujeito e subjetividade e nos operadores que articulam a Teoria da Complexidade, os princípios dialógico, hologramático e recursivo. Concluiu-se que, para os idosos entrevistados, mesmo havendo inúmeros desafios decorrentes da idade, os benefícios da aprendizagem são evidentes e satisfatórios, pois oportunizam as relações intergeracionais, aquisição de novos saberes e a possibilidade de vislumbrarem um recomeço de uma nova carreira e de se tornarem novos atores sociais. A educação possui um papel democrático e constitui um direito social e humano, independentemente da idade. Pensar na educação para idosos é o mesmo que pensar na melhoria de sua qualidade de vida e nas possibilidades de transformação no âmbito social, cultural e intelectual do sujeito. Todo conhecimento adquirido pode interferir e alterar as relações existentes, na medida em que este legitima a autoridade e a conquista da cidadania.

Palavras-chave: Idoso universitário, Educação, Pensamento Complexo, Subjetividade, História Oral.

CARRARO, Valéria. And the trajectory of life extends beyond 60 years...The university elderly. São Paulo, 2016. Dissertation (Master). Graduate Program in Education, Universidade Nove de Julho.

ABSTRACT

The advancing age of the population has mobilized continuous developments and discoveries in many areas and fields of knowledge to maintain or increase the capacity for autonomy, participation, enjoyment, livelihoods and preserving the quality of life for seniors, people aged 60 years or more. In this context, this study investigates six university elderly people who were enrolled in an undergraduate degree in a regular classroom and educational institution, attend classes, perform academic activities and live together in an intergenerational environment. This work was based on the qualitative research methodology. Oral reports of elderly people were heard, three men and three women. After the content analysis of the recorded and transcribed interviews, five recurring themes were identified that made it possible to answer questions relating to the individual's motivation to join a regular degree course, the intergenerational experiences and future expectations after completion of the course; in addition to expanding the information about human aging. The theoretical framework is anchored in Complex Thought proposed by Edgar Morin, in the subject and subjectivity notions and operators that articulate the Complexity Theory, the dialogic, recursive and holographic principles. It was concluded that for the elderly respondents, even with numerous challenges due to age, the benefits of learning are clear and satisfactory as nurture intergenerational relationships, acquisition of new knowledge and the ability to glimpse a new beginning of a new career and become new social actors. Education has a democratic role and is a social and human right, regardless of age. Think of education for the elderly is the same as thinking in improving their quality of life and the possibilities of transformation in the social, cultural and intellectual of the subject. All acquired knowledge can interfere and change the relationship to the extent that this legitimizes the authority and the conquest of citizenship.

Keywords: University Elderly, Education, Complex Thought, Subjectivity, Oral History.

CARRARO, Valéria. Y la trayectoria de vida se extiende más allá de los 60 años... La persona mayor universitaria. São Paulo, 2016. Disertación de Maestría del Programa de Posgrado en Educación, Universidade Nove de Julho.

RESUMEN

La avanzada edad de la población ha movilizado desarrollos y descubrimientos continuos en muchas áreas y campos del conocimiento para mantener o aumentar la capacidad de autonomía, participación, disfrute, medios de vida y la preservación de la calidad de vida para las personas mayores, las personas con 60 años o más. En este contexto, este estudio investiga seis individuos mayores universitarios que se inscribieron en una graduación, en institución de enseñanza regular y presencial, asisten a clases, realizan actividades académicas y viven juntos en un entorno intergeneracional. Este trabajo se basa en la metodología de investigación cualitativa. Se escucharon los informes orales de las personas mayores, tres hombres y tres mujeres. Tras el análisis de contenido de las entrevistas grabadas y transcritas, identificaron cinco temas recurrentes que hicieron posible para responder a las cuestiones relativas a la motivación del individuo para participar en un curso de grado regular, las experiencias intergeneracionales y futuras expectativas después de la finalización del curso; además de ampliar la información sobre el envejecimiento humano. El marco teórico está anclado en el pensamiento complejo propuesto por Edgar Morin, en las nociones de sujeto y la subjetividad y en los operadores que articulan la Teoría de la Complejidad, los principios dialógicos, recursivos y holográficos. Se concluyó que los encuestados mayores, incluso con numerosos desafíos debido a la edad, los beneficios del aprendizaje son claros y satisfactorios y nutren las relaciones intergeneracionales, la adquisición de nuevos conocimientos y la capacidad de prever un nuevo comienzo de una nueva carrera y, de esta manera, sean convertidos en nuevos actores sociales. La educación tiene un papel democrático y es un derecho social y humano, independientemente de la edad. Pensar en la educación para las personas mayores es lo mismo que pensar en su calidad de vida y en las posibilidades de transformación en lo social, cultural e intelectual del sujeto. Todo conocimiento adquirido puede interferir y cambiar las relaciones existentes, en la medida en que esto legitima la autoridad y la conquista de la ciudadanía.

Palabras clave: Persona mayor universitaria, Educación, Pensamiento Complejo, Subjetividad, Historia Oral.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1.....22
QUADRO 1.....23
QUADRO 2.....82

LISTA DE TABELAS

TABELA 1.....23
TABELA 2.....26
TABELA 3.....26

LISTA DE SIGLAS

AVC – Acidente Vascular Cerebral

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CCAA – Centro de Cultura Anglo-Americana

CCI – Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral – Franca – SP

DPs – Dependências de disciplinas na graduação

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBICT – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

IC – Italiano no Campus

IES – Instituições de Ensino Superior

INPS – Instituto Nacional da Previdência Social

MBA – Master of Business Administration (em inglês) - Mestrado em Administração de Negócios

OAB – Ordem dos Advogados do Brasil

ONU – Organização das Nações Unidas

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PMP – Project Management Professional e/ou Profissional de Gerência de Projetos

PNI – Política Nacional do Idoso

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

PUC-CAMP – Pontifícia Universidade Católica de Campinas

PUC-GO – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

PUC-PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RIAIPE – Rede Ibero-Americana de Investigação em Políticas Educacionais

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCB – Universidade Católica de Brasília

UDC – União Dinâmica de Faculdades Cataratas

UE – União Europeia

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

UNATI – Universidade Aberta à Terceira Idade

UnB – Universidade de Brasília

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" – Franca – SP

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

UNINOVE – Universidade Nove de Julho

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

USP – Universidade de São Paulo

UTA – Université Du Troisième Âge

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO – REFAZENDO NAS LEMBRANÇAS OS CAMINHOS POR ONDE ANDEI.....15

1. INTRODUÇÃO.....19

1.1 – INQUIETAÇÕES TRANSFORMADAS EM OBJETO DESTA PESQUISA.....19

1.2 – JUSTIFICATIVAS PARA A PESQUISA.....20

1.3 – REVISÃO DA LITERATURA: CAMINHOS POR ONDE ANDARAM OUTROS PESQUISADORES.....30

1.4 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS.....35

2. CAPÍTULO 1 – CONCEPÇÕES DE VELHICE NA HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES.....38

2.1 – AS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS E O SENTIDO DO ENVELHECIMENTO.....40

2.2 – A VELHICE NA GRÉCIA ANTIGA.....45

2.3 – A VELHICE NA ROMA ANTIGA.....47

2.4 – A CONCEPÇÃO CRISTÃ DA VELHICE NA IDADE MÉDIA.....50

2.5 – O IDOSO NO BRASIL – A FAMÍLIA PATRIARCAL DO SÉC. XVIII.....51

2.6 – A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E OS PARADIGMAS DO ENVELHECIMENTO NA MODERNIDADE.....55

2.7 – A CONTEMPORANEIDADE E AS MUDANÇAS DE PARADIGMAS ACERCA DO ENVELHECIMENTO HUMANO.....58

3. CAPÍTULO 2 – O ENVELHECIMENTO HUMANO: SUBJETIVIDADE E A COMPLEXIDADE EM EDGAR MORIN.....62

3.1 – PRINCÍPIOS DA COMPLEXIDADE.....63

3.2 – A SUBJETIVIDADE.....67

3.3 – TECENDO OS FIOS DA COMPLEXIDADE E DA SUBJETIVIDADE PARA COMPREENDER A VELHICE.....71

4. CAPÍTULO 3 – CAMINHOS METODOLÓGICOS.....78

4.1 – ENTREVISTAS.....85

4.1.1 – Idoso A – 66 anos.....85
4.1.2 – Idoso B – 66 anos.....90
4.1.3 – Idosa C – 60 anos.....92
4.1.4 – Idoso D – 70 anos.....93
4.1.5 – Idosa E – 60 anos.....95
4.1.6 – Idosa F – 74 anos.....101

5. CAPÍTULO 4 – ENTRELAÇANDO OS FIOS DA COMPLEXIDADE E DA SUBJETIVIDADE PARA COMPREENDER AS HISTÓRIAS DOS IDOSOS.....105

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS.....133

REFERÊNCIAS 138

ANEXOS.....145

APRESENTAÇÃO

REFAZENDO NAS LEMBRANÇAS OS CAMINHOS POR ONDE ANDEI

– Seu José, mestre carpina,
que diferença faria
se em vez de continuar
tomasse a melhor saída:
a de saltar, numa noite,
fora da ponte e da vida?

João Cabral de Melo Neto, 1994, p. 195.

Sempre ouvi de minha mãe que uma moça deveria fazer o curso secundário de Magistério, ser professora, casar-se, trabalhar meio período, ter uma profissão e, ao mesmo tempo, disponibilidade para cuidar dos filhos, da casa. Nem sempre os caminhos se concretizam como gostariam os pais, mas isso é outra parte da história.

Cursei o Magistério, apaixonei-me pelas pedagogias, didáticas de ensino e pela psicologia, identifiquei-me desde o início com a professora Dona Maria Barbosa, que ministrava a disciplina de Psicologia e encantava suas alunas com as histórias que contava das práticas em sala de aula. Foi assim que descobri que, profissionalmente, sou e serei sempre professora. Com 15 anos, em 1979, enquanto cursava o primeiro ano do curso de Magistério, já ministrava aulas no 3º ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Erick Andersen, do município de Guairá-PR; eu era, na ocasião, uma criança que, enquanto ensinava, cada vez mais aprendia com os meus trinta e poucos alunos.

Nunca deixei o magistério. Meus ideais e sonhos profissionais e, principalmente, pessoais se concretizam a cada dia ao entrar em uma sala de aula e dar um bom dia ou boa noite para todos aqueles que me aguardam. Atuei em todas as áreas: Ensino Fundamental 1 e 2, Médio e Universitário. Minha graduação é em Letras – Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, curso concluído em 1988, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), de Foz do Iguaçu-PR. No Centro de Cultura Anglo-Americana (CCAA) concluí, em 1997, o curso de Língua Espanhola.

Durante 16 anos morei em Foz do Iguaçu, onde atuei como professora de Português no Colégio Anglo-Americano, nas unidades do Brasil e do Paraguai, em *Ciudad del Este*, cidade

fronteiriça. Fui professora de Língua Espanhola no curso de Turismo da União Dinâmica de Faculdades Cataratas (UDC), além de atuar em escolas da rede pública, Serviço Social Autônomo Paraná Educação, ministrando aulas no Ensino Fundamental.

Pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) concluí, em 1988, o curso de Atualização em Metodologia do Ensino de 1º e 2º Graus (atuais Fundamental e Médio). Em 1990, através de um convênio entre a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), concluí o curso de Especialização *lato-sensu* em Metodologia e Prática de Ensino da Língua Portuguesa.

Desde 2001 resido em São Paulo, onde atuei em colégios particulares, confessionais, sempre como professora do Ensino Médio, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Redação. Em 2003 iniciei minha trajetória na Universidade Nove de Julho (Uninove), como professora de Leitura e Produção Textual, Comunicação Empresarial, Espanhol Instrumental e Espanhol nas Organizações, nos cursos que pertencem à Diretoria de Ciências Gerenciais.

Em 2010, concluí uma Especialização em Gestão Empresarial, também na Uninove, e participei, em 2011, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-Uninove), colaborando com as pesquisas da Rede Ibero-Americana de Investigação em Políticas Educacionais (Riaipe). Esta rede cooperativa, constituída por seis países da União Europeia (EU) e trinta da América Latina, visa a promover a cooperação, equidade, igualdade de oportunidades para a coesão social entre universidades e, também, criar um espaço de comunicação para traçar estratégias de modernização e harmonização dos sistemas de Ensino Superior.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco, 2005), a construção de uma sociedade do conhecimento está sustentada na triangulação entre educação, investigação e inovação. Observa-se que uma quarta dimensão deve nortear todas as políticas públicas: o desenvolvimento sustentável e, principalmente, a redução da desigualdade social. As instituições de Ensino Superior desempenham um papel fundamental nas quatro dimensões referidas.

No âmbito desta pesquisa, da qual participei no ano de 2011, sob coordenação do Professor Doutor José Eustáquio Romão, tive como atribuição analisar os marcos legais normativos que regulam e concedem o direito à educação aos grupos vulneráveis — no meu caso, o idoso. Além disso, realizei um levantamento acerca da produção científica sobre o tema e identifiquei as políticas públicas voltadas para a graduação e pós-graduação para este segmento etário.

Levando em consideração a necessidade de atualização e capacitação contínuas na formação de um profissional, além do desenvolvimento de estudos e pesquisas em educação, a realização de uma pós-graduação *stricto-sensu* é uma exigência que traz subsídios para a docência. Durante muito tempo refleti sobre a necessidade de retomar os estudos; todavia, sempre que pensava no assunto questionava-me acerca do tema da pesquisa. Afinal, em que me interessava aprofundar meus conhecimentos?

Perdi meu pai, Octacílio Carraro, em 2008, ele estava com 70 anos. Há cinco anos havia se aposentado e estava gozando, desde então, do direito de "descansar", depois de tanto tempo de trabalho e contribuição previdenciária. Pelo que pude observar, a aposentadoria, no caso dele, funcionou como uma espécie de doença, que o debilitou e o submeteu a uma estagnação da qual não conseguia sair. Meu pai perdeu-se em um marasmo sem fim, cansado do "descanso" com o qual tanto sonhou e esperou que chegasse.

Dos 65 aos 70 anos poucas atividades o interessavam, quase nenhuma motivação para continuar vivendo se percebia nele, até que um dia "saltou fora da ponte e da vida" (MELO NETO,1994, p.202), adoeceu e não teve vontade de lutar pela vida. Reconheço que esta é uma leitura particularmente minha, que carece de comprovação científica, mas acredito fortemente que, assim como aconteceu com meu pai, vários idosos perdem a vontade de viver e a força para lutar, justamente quando conquistam o merecido benefício da aposentadoria.

Desde então, uma inquietação me estimula a buscar respostas sobre a questão do idoso aposentado. No decorrer dos últimos anos, tem sido recorrente a presença de pessoas mais velhas em alguns cursos em que ministro aulas. Em conversas com colegas de profissão, pude observar que isso acontece também em outras instituições de ensino. São homens e mulheres que, depois de aposentados, procuram a universidade e matriculam-se em turmas regulares, frequentam as aulas, enfrentam um convívio intergeracional, participam de grupos, fazem trabalhos e, determinados, cumprem os semestres rumo à conclusão de um curso de graduação.

O que os motiva a enfrentarem essa nova dinâmica e uma rotina de sala de aula? Por que alguns idosos ainda têm tanta disposição e energia vital, enquanto outros não conseguem nem manter uma pequena centelha de vida acesa?

Quisera meu pai, após a aposentadoria, tivesse "continuado e tomado a melhor saída" (MELO NETO, 1994, p.201) e descoberto um caminho diferente que o alegrasse diante da nova etapa que se anunciava. Não foi assim com ele, todavia para outros muitos idosos a aposentadoria é um recomeço, como para aqueles que se aventuram pela primeira vez, ou

novamente, a cursarem uma universidade. Quiçá mais e mais idosos apreciem o “espetáculo da vida” (MELO NETO, 1994, p.202), confiantes em suas possibilidades de tecerem os muitos fios desta fábrica que é a vida e que não se esgota nunca, nem mesmo com a aposentadoria.

Acredito que, quanto mais o idoso for considerado um sujeito capaz de desenvolver atividades e quanto mais for encorajado a desempenhar novos papéis sociais, teremos menos histórias tristes para contar. É preciso rechaçar essa visão ultrapassada que ainda prevalece sobre a velhice no Brasil. A imagem do idoso incapaz, inútil e improdutivo precisa dar lugar à de um novo agente social que tem chances de se renovar — por meio da educação, por exemplo.

Quando se propõe a ingressar na universidade, interagindo em novos espaços sociais e culturais, o idoso é capaz de se reinventar. E, dessa forma, de superar as dificuldades que podem lhe ter sido impostas durante a vida, dificuldades essas que, muitas vezes, são acentuadas quando se chega à terceira idade.

1– INTRODUÇÃO

1.1 – INQUIETAÇÕES TRANSFORMADAS EM OBJETO DESTA PESQUISA

Proponho-me nesta pesquisa a investigar um tema que contribua para o debate acerca da importância do idoso no cenário brasileiro. O objeto deste estudo é o idoso[1] universitário. Entendido como aquele indivíduo que se matricula num curso de graduação, em instituição de ensino regular e presencial e, durante dois, três, quatro ou mais anos, frequenta as aulas, realiza as atividades acadêmicas e convive em um ambiente com pessoas de diferentes idades/gerações.

Nesse momento, alguns questionamentos são pertinentes:

a) Por que a decisão de ser um universitário nessa fase da vida, aos 60 anos ou mais e, muitas vezes, já aposentados?
b) O que motiva o idoso a ingressar em um curso de graduação como um aluno regular, que frequenta as aulas presenciais e atua em um ambiente acadêmico intergeracional?
c) Quais aspirações e desejos são decorrentes dessa nova etapa educacional que o idoso propôs-se a cumprir?

Partindo de uma visão complexa — isto é, não simplificadora — dos fenômenos humanos é possível, no caso específico do objeto aqui investigado, imaginar um conjunto de razões pelas quais os idosos ingressam na universidade como alunos regulares. Por exemplo, enfrentarem os desafios decorrentes da idade, tais como o declínio das capacidades físicas e mentais ou a perda dos vínculos sociais. Outra razão pode ser a capacitação para o mercado de trabalho, por vislumbrarem a oportunidade de uma nova carreira. Ou, ainda, o desejo de realizarem sonhos ligados à profissão outrora escolhida, mas que não foi possível seguir. Ou, quem sabe, a razão seja apenas a vontade de evitar o ócio intelectual.

A educação é um processo indispensável ao longo da vida. Considerando-se que o homem é um ser inconcluso, de acordo com Paulo Freire (2002, p.55) — "[...] onde há vida, há inacabamento [...]" —, e que continuamente o ser humano está se desenvolvendo, crescendo, aprimorando e o processo de aprendizagem tem importância vital na velhice.

[1] Como idoso, considera-se o sujeito com idade igual ou superior a 60 anos, tal como estabelecido na Política Nacional do Idoso e no Estatuto do Idoso/Brasil, Lei 10.741/2003.

Importância essa de auxiliar na superação de situações de vulnerabilidade com que se defrontam os idosos. Assim, a inconclusão humana é própria da essência da vida e jamais se extingue enquanto movimento próprio da energia vital, independente da fase etária em que se encontra o indivíduo. Dessa maneira, o envelhecimento conduz a uma mudança significativa nos papéis sociais, que precisam de uma re-significação tanto em nível micro, a família, como em nível macro, a sociedade. Monteiro (2005) considera que:

> [...] o envelhecimento é um processo contínuo de transformação do humano como ser único em seu tempo vivido; [...] envelhecer é sinônimo de viver; [...] viver é conhecer; [...] o viver humano constitui-se em possibilidade de construção, desconstrução e reconstrução de configurações totalmente diferenciadas a cada instante em suas experiências formando o seu sentido histórico através do espaço relacional com o mundo e com os outros; [...] o velho precisa continuar sua caminhada permeado pelo amor, porque sua dinâmica biológica depende disso (p.27).

Assim posto, o objetivo geral que norteia esta investigação é a compreensão da pessoa idosa no ambiente universitário em seus processos interacionais. E tem como objetivos específicos:

a) Compreender o sentido da educação na vida do idoso, em decorrência do ingresso nos cursos de graduação regular e as motivações que o impulsionam ao encontro do ambiente universitário;
b) Explicitar quais são os resultados da convivência intergeracional que é oportunizada pelo ambiente acadêmico, com vistas a identificar se há discriminação dos idosos, tanto por parte de discentes como de docentes.
c) Demonstrar quais são as expectativas do idoso, inserido no ambiente universitário, após a conclusão do curso.

1.2 – JUSTIFICATIVAS PARA A PESQUISA

O envelhecimento populacional é, hoje, um proeminente fenômeno mundial. As projeções realizadas pelas Nações Unidas (Fundo de Populações) informam que em 2050, pela primeira vez, haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos. Em 2012, eram 810 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, constituindo 11,5% da população global. Projeta-se que esse número alcance um bilhão em menos de dez anos e, não é apenas isto, que duplique em 2050, alcançando dois bilhões de pessoas, ou seja, 22% da população global. Neste

cenário destaca-se a feminilização da velhice. Simultaneamente, a participação da faixa com mais de 65 anos avançou de 5,9% em 2000 para 7,4% em 2010. O envelhecimento é reflexo do mais baixo crescimento populacional aliado a menores taxas de natalidade e fecundidade[2].

No Brasil este fato pode ser explicitado com base em dados que demonstram um aumento da participação da população maior de 60 anos no total da população nacional: passou de 4% em 1940 para 8,6% em 2001 (BELTRÃO, CAMARANO e KANSO, 2004). No decorrer de seis décadas, o número absoluto de idosos aumentou nove vezes no país. Projeta-se para 2020, no Brasil, um contingente de aproximadamente 30,9 milhões de pessoas que terão mais de 60 anos (BELTRÃO, CAMARANO e KANSO, 2004).

A Organização das Nações Unidas (ONU), preocupada com o aumento significativo da população idosa, realizou no ano de 1982, em Viena, Áustria, a Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento, fórum global intergovernamental direcionado para o tema. Na ocasião, foi realizado um planejamento internacional para o envelhecimento. Tal plano tinha as seguintes metas principais:

> [...] fortalecer a capacidade dos países para abordar de maneira efetiva o envelhecimento de sua população e atender às preocupações e necessidades especiais das pessoas de mais idade, e fomentar uma resposta internacional adequada aos problemas do envelhecimento com medidas para o estabelecimento da nova ordem econômica internacional e o aumento das atividades internacionais de cooperação técnica, em particular entre os próprios países em desenvolvimento (ONU, 1982).

Essa assembleia é considerada o marco inicial para o estabelecimento de uma agenda internacional de políticas públicas para a população idosa. Foi elaborado um plano global de ação, além de serem feitas recomendações para melhoria das condições dessa faixa etária. O plano instava ações na saúde e nutrição, proteção ao consumidor idoso, moradia e meio ambiente, bem-estar social, previdência social, trabalho e educação, família. Importante destacar que foi nesse encontro que houve a definição de que a população idosa dos países em desenvolvimento é aquela que tem idade a partir de 60 anos, e nos países desenvolvidos, a partir de 65 anos[3].

Segundo Kanso (2013), nos últimos 50 anos ocorreram grandes transformações no país e a melhoria das condições sociais, ambientais, culturais e econômicas da população

---

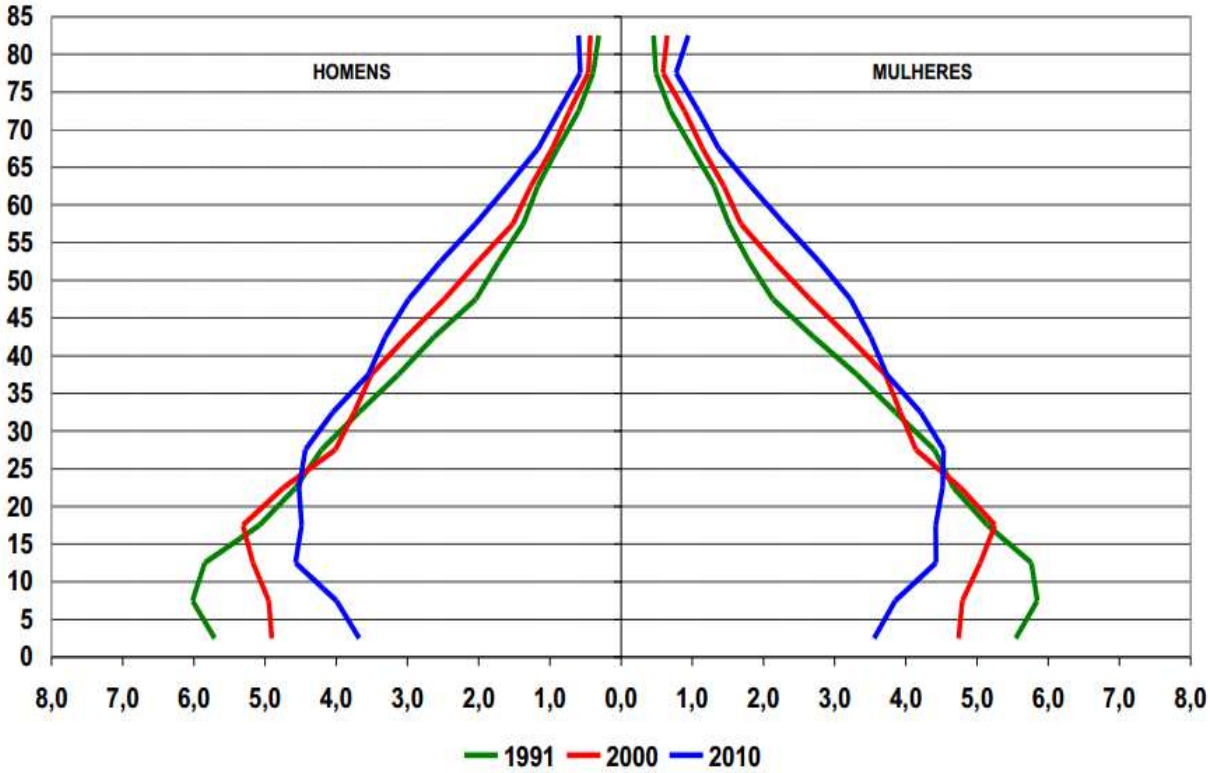
[2] Os dados estatísticos e informações contidas no parágrafo foram coletados no Portal do Envelhecimento. Disponível: http://portaldoenvelhecimento.org.br/index.php/item/1006-uma-em-cada-9-pessoas-no-mundo-tem-60-anos-ou-mais. Acesso: 09 dez. 2015.

[3] Com informações disponíveis: http://www.sdh.gov.br/assuntos/pessoa-idosa. Acesso: 26 ago. 2015.

acabou influenciando na queda do índice de mortalidade infantil e no aumento da expectativa de vida; consequentemente, o envelhecimento populacional brasileiro alongou-se.

O Gráfico 1 traz dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010)[4] que retratam a composição da população brasileira por sexo e idade de 1991/2010. Há um número maior de indivíduos do sexo feminino em relação ao masculino. É possível também observar que a diminuição da taxa de fecundidade provocou um estreitamento na base, enquanto o alargamento do topo aconteceu em decorrência da queda da mortalidade de pessoas idosas dentro desse período. É possível perceber que está ocorrendo uma inversão da pirâmide demográfica, diminuiu o número de crianças de 0 a 4 anos e aumentou a população adulta, consequentemente, cresceu o número de idosos no Brasil.

Gráfico 1 – Composição da população residente total, por sexo e grupos de idade – Brasil – 1991/2010



Fonte: IBGE: Censos Demográficos 1991/2010

[4]Disponível:http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000008473104122012315727483985.pdf. Acesso 26 ago. 2015.

A Tabela 1 apresenta dados do IBGE (2010) que indicam que cerca de 20,6 milhões de brasileiros são idosos, ou seja, 10,79% da população total do país em 2010 (190.755.799 habitantes).

Tabela 1 – População absoluta idosa do Brasil com mais de 60 anos de 2000/2010

Brasil	**População absoluta idosa**		**Percentual da População absoluta idosa**	
	2000	**2010**	**2000**	**2010**
	14.538.987	20.588.890	4,82	10,79

Fonte: IBGE: Censos Demográficos 2000 e 2010

O Quadro 1 indica como a população de aproximadamente 20,6 milhões de indivíduos idosos está distribuída por sexo. Vale ressaltar que desde 1970 até 2010 o percentual de mulheres idosas vem crescendo gradativamente em relação aos homens. Em 2010, os números revelaram que 55,56% da população idosa do Brasil era constituída por mulheres, resultando em 11,12% a mais que os homens da mesma faixa etária.

Quadro 1 – População idosa por sexo – 1970/2010 – Brasil

Sexo	**Ano**				
	1970	**1980**	**1991**	**2000**	**2010**
Total	4.763.570	7.226.805	10.722.705	14.538.987	20.588.890
Homens	2.312.699	3.422.127	4.931.425	6.527.630	9.150.189
Mulheres	2.450.871	3.804.678	5.791.280	8.011.358	11.438.702
Homens	48,55%	47,35%	45,99%	44,90%	44,44%
Mulheres	51,45%	52,65%	54,01%	55,10%	55,56%
+ Mulheres que homens	2,90%	5,29%	8,02%	10,21%	11,12%

Fonte: IBGE: Censos Demográficos

O atual contexto socioeconômico possibilita que as pessoas com mais idade ultrapassem a linha do horizonte em relação ao futuro. Seja por questões meramente de ordem financeira ou por sentirem-se jovens aos 60, 70 anos, os idosos estão mostrando-se com mais energia, disposição e o principal: com a determinação para continuarem a aprender e ampliarem seus conhecimentos (CAMARANO, 2004).

Segundo a Constituição Federal, “a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida.” (BRASIL, 1988, p.149) e a legislação brasileira garante direitos que tratam especificamente da questão do idoso; consolidada em 01 de outubro de 2003, na forma do Estatuto do Idoso (Lei N 10.741), a lei preconiza direitos fundamentais e sua tutela, além de prioridade na prestação de serviços públicos, administrativos ou judiciais. Destaca o Artigo 2º do Estatuto do Idoso que o Poder Público deverá garantir que sejam superadas as atitudes que configurem exclusão social e marginalização deste segmento etário:

> O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo de proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (Lei 10.741/03).

O Estatuto ainda garante legalmente o direito à vida (Artigos 8º e 9º), à liberdade, ao respeito e à dignidade (Artigo 10), à saúde (Artigo 15), à educação, cultura, esporte e lazer (Artigos 20 a 25), ao trabalho (Artigos 26 a 28), à proteção (Artigo 43), à justiça (Artigos 69 a 71). O apoio e o amparo ao idoso configuram-se, desta forma, em compromissos sociais e legais que devem permear as ações voltadas para esse público e ter como propósito contribuir para a constituição de novos papéis sociais na velhice.

O Estatuto do Idoso, em seu capítulo V, Artigo 20, estabelece que o idoso tenha direito ao acesso à educação e, no Artigo 21 rege que o Poder Público criará oportunidades de acesso do idoso à educação, adequando currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais a ele destinados. O Artigo 22 declara que nos currículos mínimos dos diversos níveis de ensino formal serão inseridos conteúdos voltados ao processo de envelhecimento, ao respeito e à valorização do idoso, de forma a eliminar o preconceito e a produzir conhecimentos sobre a matéria (OLIVEIRA; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA, 2012).

O Artigo 25 trata da educação e determina que o Poder Público “apoiará a criação de universidade aberta para as pessoas idosas e incentivará a publicação de livros e periódicos, de conteúdo e padrão editorial adequados ao idoso, que facilitem a leitura, considerada a natural redução da capacidade visual” (Lei 10.741/03). Esses artigos demonstram a importância da educação como instrumento eficiente para a valorização e reconhecimento do

idoso como um cidadão atuante, participativo e, acima de tudo, merecedor de atendimento com qualidade.

O idoso é contemplado, em alguns aspectos, nas políticas específicas para a educação, como também é integrado à educação de adultos ou à educação para todas as idades. Entretanto, é perceptível que ainda falta uma política pública específica para educação do idoso. Outro ponto para ser discutido refere-se à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), que em nenhum momento faz referência à educação para o idoso ou a integração do tema envelhecimento aos currículos.

Quanto aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), a temática do envelhecimento não está presente nos temas transversais; vale a pena chamar a atenção, tendo em vista que o envelhecimento deve ser trabalhado nesta perspectiva e que estes parâmetros foram organizados posteriormente à Política Nacional do Idoso (PNI), que elencou uma série de orientações acerca da educação. E para complementar essa reflexão, vale mencionar que há apenas uma indicação referente ao processo de envelhecimento e à velhice, no PCN do Ensino Fundamental de Ciências Naturais, sobre o desenvolvimento humano (OLIVEIRA; OLIVEIRA; SCORTEGAGNA, 2012).

A educação possui um papel democrático e constitui um direito social e humano, independentemente da idade. Pensar na educação para idosos é o mesmo que pensar na sua melhor qualidade de vida e nas possibilidades de transformações no âmbito social, cultural e intelectual do sujeito. Todo conhecimento adquirido pode interferir e alterar as relações existentes, na medida em que este legitima a autoridade. Além de ser “um instrumento eficiente e necessário para o empoderamento, em especial, para os idosos, na tentativa de superar os desequilíbrios sociais” (OLIVEIRA, OLIVEIRA; SCORTEGAGNA, 2012, p. 12).

Para Severino (1994, p.100), “a educação deve ser vista como mediação para a construção da cidadania, uma educação politizada do povo, ou educação para o exercício da cidadania”. É possível observar uma constante busca do ser humano pelo resgate de características que contribuem para a ressignificação de sua autonomia, no sentido de atualizar-se para sentir-se integrado nos agrupamentos sociais em que esteja inserido.

Pode-se afirmar que, a procura do idoso por espaços educacionais, assim como tantos outros, tem como finalidade manter-se em plena atividade interativa com a sociedade da qual faz parte (OLIVEIRA, 2007). Percebe-se o quão importante é a busca pela Educação Formal, visto que esta se organiza como Instituição legitimada para a difusão de saberes diversos, representada pela Universidade, conforme os objetivos desta investigação.

Os dados da Tabela 2, do IBGE, informam o nível de instrução dos cerca de 20,6 milhões de idosos brasileiros. O que chama a atenção é o baixo índice de idosos com formação superior, aproximadamente 6,17%. Mais agravante ainda é o alto percentual de idosos sem instrução ou com o fundamental incompleto: são aproximadamente 69,63% da população desta faixa etária.

Tabela 2 – População idosa segundo nível de instrução – Brasil 2010

Nível de Instrução	Pessoas
Sem instrução e fundamental incompleto	14.345.195
Fundamental completo e médio incompleto	1.589.402
Médio completo e superior incompleto	1.809.797
Superior completo	1.269.314
Não determinado	17.884

IBGE: Censo Demográfico 2010

A Tabela 3, por sua vez, destaca o número de idosos que estão matriculados e frequentando um curso de graduação: apenas 0,25% da população total de idosos do Brasil (IBGE, 2010).

Tabela 3 – População idosa frequentando curso de nível superior (Superior de Graduação)- Brasil - 2010

Nível Territorial	População
Brasil	50.617

IBGE: Censo Demográfico 2010

Com o acesso à educação assume-se uma nova concepção de vida humana, cujo princípio não está apenas centrado no aprender a ser, mas está, principalmente, associado ao viver para aprender, interagindo com pessoas e situações do contexto em que se está inserido (OLIVEIRA, 2007). Assim, afirmar que o homem é um ser inacabado significa reconhecer que se encontra em constante processo de construção, já que suas necessidades são permeadas por ações no âmbito da expressão da autonomia, na liberdade de ser curioso, instigador e crítico, de ser protagonista da própria história, diferente dos outros seres, de modo a intervir

no mundo, lutando para “não ser apenas objeto, mas sujeito também da História” (FREIRE, 2002, p.60).

O ser humano, como um ser histórico que é, está em constante transformação, o que lhe confere uma condição de permanente incompletude. A educação pode ser um caminho que contribua para que o homem possa experimentar-se, arriscar-se, aprender e até traçar um caminho diferente. Freire (1982, p.27) informa: “A educação é possível para o homem, porque este é inacabado e sabe-se inacabado. [...] a educação, portanto, implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem”.

A noção de Educação no entendimento freireano (2002) é a de que o ser humano é, por sua “natureza”, inacabado e tem consciência de sua inconclusão. Nessa perspectiva, a educação adquire elevado propósito que é o de criar condições para que o indivíduo possa desenvolver sua criticidade e problematizar conscientemente seu inacabamento que é uma fonte de descobertas e possibilidades.

Diante deste contexto, muitas são as Instituições de Ensino Superior (IES) que oferecem programas de Universidade da Terceira Idade. Para esclarecer a nomenclatura, “universidade aberta à terceira idade” é:

> [...] denominação oficial do programa com cursos de atualização oferecidos pelas universidades à população mais idosa, também chamado de universidade da terceira idade, faculdade livre da idade adulta ou universidade da maturidade; a faixa etária dos alunos varia entre 40 e 80 anos e ao longo do curso não há provas e trabalhos obrigatórios; os preços e a periodicidade variam muito segundo a instituição, em geral, as aulas acontecem de duas a três vezes por semana no período da tarde; para ingressar nessas universidades não é preciso prestar vestibular e apresentar diploma de primeiro ou segundo grau (DICIONÁRIO INTERATIVO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, 2006, p.317).

As Universidades da Terceira Idade constituem-se em espaços educacionais devidamente habilitados para a construção de conhecimentos e melhoria das relações interacionais, bem como para a promoção do aumento da capacidade da sociabilidade com o intuito de proporcionar um envelhecimento saudável por meio de atividades culturais, ocupacionais e lúdicas. O crescimento acelerado dessas instituições de ensino na Europa, na Ásia, na Oceania e nas Américas do Norte e do Sul demonstrou dois estilos de programas desenvolvidos por diversos países: o modelo francês e o modelo inglês.

Na França foi criada, na década de 1960, a Universidade do Tempo Livre, com o objetivo de proporcionar atividades lúdicas e culturais que ocupassem o tempo livre dos

idosos. Em 1973, em Toulouse, França, Pierre Vellas funda a Université Du Troisième Âge (UTA). A citação de Pacheco (2003, p.223-224) sintetiza as características deste modelo francês:

> [...] tem suas bases no sistema tradicional universitário daquele país e privilegia o segmento mais velho da população sem, contudo, se fechar às outras faixas etárias preocupadas com o envelhecimento ou em busca de oportunidades de educação continuada. Os cursos, as oficinas de trabalho, os grupos de estudos e outras modalidades oferecidas são diversificados e abertos, compostos de conteúdos e metodologias próprias, centradas no modelo da educação continuada daquele país. Soma-se a eles o acesso aberto e disponível a diferentes cursos universitários, especialmente nas áreas de ciências humanas e artes [...].

O ideal da autoajuda foi o que deu sustentação para que nascesse em Cambridge, em 1981, o modelo inglês. No ambiente da universidade foram criados espaços de troca de experiências entre os professores, que eram especialistas de diferentes áreas e aposentados e os alunos, que eram jovens. O modelo inglês propunha o compartilhamento de saberes e vivências intergeracionais. Pacheco (2003) explica:

> Essa interação de conhecimentos das pessoas envolvidas no projeto aumentaria as relações interpessoais, através do contato com seus semelhantes, e levaria a uma ação integrada dos profissionais mais velhos e dos jovens. Seria esperado, a partir dessa integração, o desenvolvimento de projetos comuns com a colaboração profissional, a integração com a universidade, com a sociedade. Essa experiência criaria oportunidades aos participantes para manutenção da sua competência e do sentimento de autovalorização de forma mais prolongada e constante (p.223-224).

No Brasil, o primeiro programa de Universidade da Terceira Idade foi estruturado no modelo inglês, em Florianópolis, no ano de 1982, por meio do Núcleo de Estudos da Terceira Idade da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Tinha como objetivos: realizar estudos e pesquisas, divulgar conhecimentos técnico-científicos sobre o envelhecimento, auxiliar na formação de recursos humanos e promover o cidadão idoso (CACHIONI, 1999).

Em Campinas, interior de São Paulo, em 1990, surgiu pela primeira vez o modelo francês no Programa Universidade Aberta à Terceira Idade, da Pontifícia Universidade Católica (PUC-CAMP). Promover a educação permanente e estimular a reinserção social de idosos constituíam os objetivos principais do programa.

A maioria dos programas universitários brasileiros destinados aos idosos obedece ao modelo francês, centrando suas atividades em programas de educação permanente, tornando-se um espaço de relacionamento, de ocupação do tempo, de estudos e de atualização, por meio de cursos regulares ou estruturados conforme o perfil dos alunos. Cachioni (1998) esclarece:

> Os programas de Universidades da Terceira Idade procuram corresponder às necessidades características do alunado e, ao mesmo tempo, buscam alicerçar seus objetivos numa visão inovadora de currículo. [...], a maioria dos programas universitários para idosos apresentam-se sob forma de microuniversidades temáticas, ou seja, o currículo é organizado a partir de disciplinas-eixo, com a finalidade de trabalhar os temas de forma integrada, dando atenção à questão da interdisciplinaridade. Existe grande diversidade nessas propostas de estruturação, uma vez que cada instituição toma decisões sobre objetivos, conteúdos, estrutura curricular, atividades, professores, atuando exclusivamente a partir de seus recursos humanos e materiais e de sua ideologia sobre velhice e sobre educação na velhice (p.55-56).

Faz-se necessário compreender a importância do processo educacional para os idosos e, de modo mais pontual, a sua presença na sala de aula das universidades comumente frequentada por jovens – o que muito contribui para a formação heterogênea do ambiente referido acadêmico. Segundo Lacerda (2000, p.71), este cenário é uma espécie de "caleidoscópio, no qual cada peça é importante para garantir a beleza e a riqueza do todo, ou seja, é desejável que na classe regular haja todo tipo de aluno para que o grupo se enriqueça".

O envelhecimento ativo, hoje, revela-se como uma das propostas sociais mais bem estruturadas para o público idoso, visando à integração social, por meio da inserção em diferentes espaços de convivência, além do reconhecimento político das necessidades dos cidadãos velhos. Enquanto atores sociais representam uma das mais significativas forças que começam a se organizar na sociedade contemporânea.

A partir do momento em que o idoso é considerado um sujeito capaz de desenvolver atividades e desempenhar novos papéis sociais, percebe-se que a visão da sociedade sobre a velhice começa a ser alterada, pois do idoso incapaz e sem utilidade passa-se a um novo agente social. "Gradualmente, a visão de idosos como um subgrupo populacional vulnerável e dependente foi sendo substituída pela de um segmento populacional ativo e atuante que deve ser incorporado na busca do bem-estar de toda a sociedade" (CAMARANO, 2004, p.257-258).

1.3 – REVISÃO DA LITERATURA: CAMINHOS POR ONDE ANDARAM OUTROS PESQUISADORES

A revisão da literatura referente ao tema a que se propõe esta investigação foi realizada no Banco de Dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBICT) utilizando as áreas do conhecimento: Educação; Ciências Sociais e Humanas. As palavras-chave foram "idoso universitário" e "idoso – universidade"; e o período de tempo considerado para esta pesquisa foram dez anos, entre 2004 a 2014.

Foi possível constatar que o tema idoso está presente em inúmeros trabalhos que fazem reflexões, debatem e investigam questões acerca de uma grande diversidade de temas. Os trabalhos mencionados nesta revisão da literatura são aqueles que se aproximaram da temática a que se propõe esta pesquisa e contribuíram para o estudo do sujeito idoso.

A abordagem dos temas: Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati); extensão universitária e qualidade de vida estão presentes na dissertação de Tânia Raber Bertelli, de 2006, "As instituições de ensino superior e a efetivação das políticas de atendimento ao idoso", da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). O trabalho analisou as políticas públicas de atendimento ao idoso, principalmente em relação às atividades desenvolvidas pelo Projeto Unati – Universidade Aberta à Terceira Idade.

A pesquisa foi qualitativa; dez idosos foram acompanhados para que se observasse o seu cotidiano; além de avaliar a qualidade de vida nos aspectos físicos, psicológicos, sociais, ambientais e religiosos; e também tentar identificar a satisfação desses idosos no ambiente da Unati. O trabalho mostrou que a extensão universitária no Brasil, por meio do compromisso político e social com a comunidade na qual se insere, pode ser um dos caminhos para amenizar a problemática social do país. Por último, tratou do Projeto de extensão Unati, que muito tem contribuído para a construção de uma abordagem social relacionada às questões do processo de envelhecimento humano.

Velhice e cultura estão presentes na dissertação de Jamile Mamed Bomfim Cocentino, "Envelhecimento e cultura: as perdas na velhice à luz de obra de Gabriel García Márquez", defendida em 2008, na Universidade de Brasília (UnB) – Instituto de Psicologia. O principal objetivo deste estudo foi compreender os processos sociais e individuais relacionados às perdas ocorridas no envelhecimento humano. A abordagem foi qualitativa; e também adotou uma perspectiva interdisciplinar.

O diálogo entre a literatura acerca do envelhecimento e a obra *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez, foi o recurso metodológico adotado pela pesquisadora para analisar as perdas na velhice. O romance possibilitou identificar e analisar as dificuldades e conquistas frequentes ao longo do desenvolvimento humano, os processos subjetivos associados ao envelhecimento, o imaginário social predominantemente negativo sobre essa fase da vida e as perdas vividas na velhice, entre as quais, às relativas ao corpo, ao fim das relações de trabalho e ao relacionamento social e familiar. À luz de reflexões e diálogos entre o pensamento freudiano e a construção literária de Gabriel García Márquez, concluiu-se que as dificuldades associadas à velhice são, frequentemente, aquelas relacionadas às perdas e ao enfrentamento da morte e do consequente luto.

Em 2008, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a tese de doutorado em Educação de Dirce Encarnacion Tavares, com o título: "A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea – Uma leitura interdisciplinar". A autora analisou sete idosos por meio de suas histórias de vida e procurou entender quais os fatores que os impulsionaram a retornar aos estudos com 60 anos ou mais; como eles aprendem e se relacionam com colegas em sala de aula e consigo mesmos.

As entrevistas foram realizadas com idosos que participavam dos projetos e programas para a Terceira Idade, em duas faculdades particulares da periferia da zona sul de São Paulo. A pesquisadora concluiu que o estudante idoso está tentando atualizar-se, conhecer novas pessoas e ambientes diferentes da sua rotina. Ao participar de programas para idosos, sente-se útil, com novos ideais e feliz por ter essa oportunidade na sua velhice. Voltar aos estudos mostrou que, mesmo sendo idoso, há vida, há sonhos, há possibilidades. Inibi-los, é morrer!

Envelhecimento da população, levantamento bibliográfico/histórico da velhice e as políticas governamentais para idosos são temas da obra de Mariele Rodrigues Correa, "Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade: velhice e terceira idade", publicada pela Cultura Acadêmica, em 2009. A autora observou que desde a década de 1950 as estatísticas têm apontado o crescente número de idosos no país; esse cenário tem provocado preocupações sociais desde então. Em meados do século XX, a velhice passou a ter maior visibilidade no cenário brasileiro, sendo tomada como objeto de diversas áreas do conhecimento, do Estado e de investimento do mercado capitalista.

O objetivo desta pesquisadora foi realizar um percurso cartográfico sobre o tema e relacioná-lo à sua experiência com grupos da terceira idade. Ela destacou que a aliança entre o Estado e a medicina no Brasil propiciou a construção de novos procedimentos para a

velhice, fundada num projeto de prevenção ao envelhecimento e na difusão de um ideário que incita a produção de corpos saudáveis e rentáveis ao capitalismo.

Dessa forma, os estigmas e as práticas de invalidação da velhice cederam lugar para tentativas de representá-la como um período da vida que pode comportar atividades produtivas, realização de projetos e participação ativa no mercado de consumo. Nas considerações finais da autora, ela afirmou que a gestão do envelhecimento na atualidade se caracteriza na promoção de diversos programas para a terceira idade que, além de funcionar como controle social da população que envelhece, contribui para a propagação de um ideal de envelhecimento que enrijece outras possibilidades de vivência da velhice.

A caminhada para rastrear material que pudesse iluminar o percurso desta investigação ainda não estava concluída. Outras descobertas foram emergindo e contribuindo para enriquecer este estudo.

A dissertação de Alessandra Harumi Bonito Fukumoto, ano 2011, da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP), foi outra contribuição importante para esta pesquisa. Com o título: "O ambiente intergeracional no ensino de italiano: o caso do italiano no Campus*"*, a autora investigou o espaço intergeracional do curso de Italiano no Campus (IC), curso oferecido na USP e que não foi criado com o intuito de ser um Programa Intergeracional, todavia, possuía grupos etariamente heterogêneos com alunos de 16 até 78 anos. O IC tornou-se um espaço de grandes trocas e de ampla possibilidade para quebra de estereótipos e preconceitos sobre os idosos e o próprio processo de envelhecimento.

A pesquisadora envolveu alunos e monitores do IC em sua investigação, foram aplicados questionários e realizadas entrevistas. Com os dados obtidos foi possível traçar o perfil dos alunos – na época em que a pesquisa foi realizada, um quarto do seu público era constituído de indivíduos da terceira idade e o restante, de diferentes faixas etárias. Os resultados mostraram que a maioria dos alunos dava preferência aos grupos intergeracionais e que, tanto alunos quanto monitores, acreditavam que a heterogeneidade etária enriquecia o curso e possibilitava a inclusão social do idoso.

A investigação realizada por Denise de Barros Capuzzo, no doutorado em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC – GO), defendida em 2012, versa sobre os "Elementos para a Educação de Pessoas Velhas"; a autora notou a expressiva demanda na área da educação para idosos, que é consequência da universalização do acesso ao saber e da abertura de programas de Universidades Abertas à Terceira Idade (Unatis). Assim posto,

realizou um estudo qualitativo por intermédio de pesquisas bibliográficas, análise de documentos, observações e diário de campo e entrevistas. O objetivo da pesquisa foi apontar elementos que pudessem contribuir com o pensar, questionar e problematizar a educação de pessoas velhas. A conclusão a que chegou a pesquisadora foi que os educadores devem possuir as competências técnicas, científicas e políticas para o desempenho de suas atividades com idosos, além de uma formação em gerontologia. Também foi marcante nesta prática educativa a necessidade dos aspectos afetivos na relação educador/a e aluno/a e vice versa. Os dados coletados permitiram que a pesquisadora afirmasse que as pessoas velhas que procuram os programas voltados à terceira idade não estão em busca somente de adaptação à realidade social, mas sim de serem ativas nesse processo, de intervenção e transformação de suas próprias realidades.

Prosseguindo nas trilhas de outros pesquisadores que ajudaram a construir os caminhos deste estudo, faz-se necessário mencionar o trabalho de mestrado em Educação da Universidade Católica de Brasília (UCB), defendido em 2013, da pesquisadora Neuda Ribeiro Macêdo, com o título: “O idoso na contemporaneidade: expectativas, desafios e contribuições vivenciadas em espaços de aprendizagem”. O estudo objetivou identificar expectativas, desafios, bem como as contribuições decorrentes da participação de um grupo de idosas em dois cursos, de informática e de artesanato. Esses espaços de aprendizagem estavam localizados em uma Região Administrativa do Distrito Federal e em Brasília.

A pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, utilizou as técnicas da entrevista individual semiestruturada e da observação; vinte alunas com idade entre 61 e 88 anos, o professor de informática e a coordenadora do curso de artesanato fizeram parte do estudo. Foram analisados os principais motivos que despertam no idoso o interesse em retornar aos estudos, assim como as estratégias utilizadas em sala de aula. Outro fator relevante investigado inclui marcadores sociais, tais como as relações interpessoais que favorecem a aquisição de novos conhecimentos e a autoestima.

Os resultados constataram que as idosas participantes da pesquisa valorizavam como ganhos as qualidades pessoais, as trocas positivas nas relações intergeracionais, encorajando atitudes e valores mais solidários e tolerantes; fatores que contribuem para a construção de um sentimento de pertença e unidade entre as diferentes gerações. A pesquisa constatou que os desafios enfrentados pelas idosas são os mais diversos; entretanto, o maior deles, segundo elas, é o preconceito que se revela em múltiplas faces. Nesse contexto, o estudo demonstrou que os benefícios da aprendizagem de informática e de artesanato são significativos para os

idosos nos aspectos cognitivo, emocional, espiritual, moral e social, levando-os ao envelhecimento ativo e à conquista da cidadania.

A Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia (v.13, n-1, p.215-236) publicou, em 2013, o artigo de Edna Martins, "Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento", que discorre sobre a convivência e a vinculação do idoso ao seu grupo familiar. O artigo apresentou uma pesquisa que pretendia compreender, à luz da perspectiva histórico cultural, a significação dada ao envelhecimento e os sentidos atribuídos à família em seu processo de constituição e manutenção. Para tal, foram realizadas quatro entrevistas com idosos entre 75 e 95 anos que vivem em instituição de longa permanência.

Os resultados indicaram que a significação do envelhecimento é subjetivada em cada história de vida, independentemente da idade ou estado de saúde do idoso. Na visão dos entrevistados, a família moderna atual tem se transformado tanto em sua estrutura como em suas relações, contudo, a convivência familiar e a vinculação do idoso ao seu grupo familiar apareceram como uma das formas privilegiadas do idoso se relacionar com o mundo, nas múltiplas formas de se construir como homem no mundo social.

O trabalho de mestrado de Cristiane de Fátima Poltronieri, "Rememorando vidas: lembranças de velhos trabalhadores", foi apresentado na Universidade Estadual Paulista "Júlio Mesquita Filho" (Unesp – Franca/SP), em 2014. O objetivo era discutir as lembranças, experiências, as memórias do trabalho realizado nas fábricas de calçado de Franca/SP. Para isso, quatro pessoas idosas, inseridas no universo do Centro de Convivência do Idoso Lions Sobral (CCI), foram ouvidas. As histórias orais de vida destacaram a memória sobre o tempo e no tempo; e resultou em três eixos de analise: a memória trajetória de vida, a memória trabalho e a memória família e velhice.

Assim, a pesquisa debruçou-se nas discussões sobre o envelhecimento humano, o mundo do trabalho e a memória e a valorização das experiências advindas das pessoas idosas pelas outras gerações. O estudo foi qualitativo e quantitativo; também foi feito um breve panorama da população idosa da cidade de Franca e o perfil dos participantes do CCI Lions Sobral. A análise dos dados obtidos realizou-se por meio da fundamentação teórico-metodológico do materialismo histórico dialético.

Muitos são os caminhos trilhados que versam sobre o idoso em espaços de aprendizagem; no entanto, a presente investigação traz uma proposta que se diferencia de outros trabalhos realizados e mencionados na revisão da literatura, visto que pretende

compreender o sentido da educação, as motivações, as expectativas futuras e as experiências intergeracionais vivenciadas pelos idosos universitários de Instituições de Ensino Superior, públicas e/ou privadas, em cursos regulares de graduação e, portanto, não tendo como objetivo os programas universitários voltados para a Terceira Idade.

1.4 – PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Este trabalho foi realizado com base na metodologia da pesquisa de abordagem qualitativa, cuja característica é aprofundar os aspectos constantes dos objetivos. Conforme Martins (2004), esta privilegia a análise de microprocessos, englobando sujeitos e grupos. O sujeito investigado tem condições de expressar-se livremente acerca do tema que está sendo proposto, há uma interação entre o pesquisador e o entrevistado que oportuniza uma visão aprofundada das situações e contextos mais complexos. A metodologia qualitativa rompe com a neutralidade e estabelece um comprometimento do pesquisador com valores, crenças, ideologias, hábitos e princípios na construção da pesquisa. Em decorrência da "variedade de material obtido qualitativamente [a pesquisa qualitativa] exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva" (MARTINS, 2004, p.292).

As entrevistas foram realizadas em uma relação programada (pré-agendadas), houve um contato direto e presencial; o pesquisador/entrevistador fez a pergunta norteadora para o entrevistado, o idoso universitário. O tempo não foi pré-determinado e o entrevistado pôde discorrer livremente sobre a questão proposta. As documentações orais[5] apreendidas auxiliaram na coleta de informações e possibilitaram a análise de processos sociais do presente para o conhecimento do meio imediato, sendo assim um recurso para se pensar no papel social que desempenha o idoso na sociedade atual. Os resultados das entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos de áudio transformaram-se em textos escritos, consequentemente, com valor documental (*corpus*) para análise do objeto de pesquisa.

A análise foi pautada na história oral como forma de verificar e compreender o idoso na universidade e, valendo-se dos relatos, ampliar as informações sobre o envelhecimento. Segundo Meihy e Holanda (2007), a documentação oral é o suporte material que é derivado da linguagem oral e se manifesta nas entrevistas e é o que conferiu suporte para que se

[5] Os termos utilizados para referenciar a documentação oral apreendida nas entrevistas estão presentes na obra de MEIHY e HOLANDA, 2007.

identificasse o papel que desempenha o idoso na universidade, visto que há um novo significado na participação deste em sociedade e que vem contribuindo para a reformulação do conceito de velhice.

Pensar a sociedade contemporânea por meio da fonte oral justifica-se, de acordo com Meihy e Holanda (2007, p.17), pois a "história oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva". A valorização da documentação oral de vida como mecanismo de transformações sociais, além de ser um recurso formal de conhecimento, promove transformações na trajetória humana.

Uma lenda balinesa, muito antiga, trata da história de um longínquo lugar em que os velhos eram sacrificados e, com o tempo, não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos, as lembranças se perderam. Bosi (2012) narra o ocorrido:

> Um dia quiseram construir um salão com as paredes de troncos para a sede do Conselho. Diante dos troncos abatidos e já desgalhados os construtores viam-se perplexos. Quem diria onde estava a base para ser enterrada e o alto que serviria de apoio para o teto? Nenhum deles poderia responder: há muitos anos não se levantavam construções de grande porte, e eles tinham perdido a experiência. Um velho, que havia sido escondido pelo neto, aparece e ensina a comunidade a distinguir a base e o cimo dos troncos. Nunca mais um velho foi sacrificado (p.77).

Dar voz ao idoso e conhecer sua prática, seu dia a dia, suas escolhas, sentimentos e motivações acentuam a importância do reconhecimento do território e das manifestações subjetivas que dele emanam. A comunicação traz a subjetividade atrelada à linguagem, que desvela e oculta, simultaneamente, as aparências, os pontos de vista, os preconceitos, as ideias, o modo de ser e de não ser. A propósito, Bosi (2003) assegura que:

> A memória dos velhos desdobra e alarga de tal maneira os horizontes da cultura e faz crescer junto com ela o pesquisador e a sociedade onde ele se insere. Se alguém colhe um grande ramalhete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu (p.69).

A presente dissertação tem a seguinte estrutura: APRESENTAÇÃO, em que se descreve a trajetória profissional do pesquisador e o caminho percorrido até chegar ao desenvolvimento desta investigação. Logo depois está a INTRODUÇÃO e mais quatro

capítulos. O CAPÍTULO 1 – CONCEPÇÕES DE VELHICE NA HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES – refere-se às distintas concepções de velhice e os papéis desempenhados pelos velhos na história das civilizações desde a antiguidade até a contemporaneidade. O CAPÍTULO 2 – O ENVELHECIMENTO HUMANO: SUBJETIVIDADE E A COMPLEXIDADE EM EDGAR MORIN – trata dos aportes conceituais sobre o pensamento complexo e a subjetividade na ótica de Morin; seus princípios, a noção de sujeito e a compreensão do processo de envelhecimento. O CAPÍTULO 3 – CAMINHOS METODOLÓGICOS – abarca o percurso metodológico que guiou os procedimentos de coleta de dados e os recursos utilizados para a análise das entrevistas. O CAPÍTULO 4 – ENTRELAÇANDO OS FIOS DA COMPLEXIDADE E DA SUBJETIVIDADE PARA COMPREENDER AS HISTÓRIAS DOS IDOSOS – refere-se aos resultados desta investigação, os procedimentos de organização e análise do material oral coletado; compreende também a elaboração dos núcleos de sentido e o entrelaçamento com os princípios norteadores da complexidade e a subjetividade do grupo de idosos entrevistados. Por fim, as CONSIDERAÇÕES FINAIS, as REFERÊNCIAS e os ANEXOS.

2. CAPÍTULO 1

CONCEPÇÕES DE VELHICE NA HISTÓRIA DAS CIVILIZAÇÕES

Años

El tiempo pasa,
nos vamos poniendo viejos
y el amor no lo reflejo, como ayer.
En cada conversación,
cada beso, cada abrazo,
se impone siempre un pedazo de razón.

Pasan los años,
y cómo cambia lo que yo siento;
lo que ayer era amor
se va volviendo otro sentimiento.
Porque años atrás
tomar tu mano, robarte un beso, sin forzar un momento
formaban parte de una verdad.

Vamos viviendo,
viendo las horas, que van muriendo,
las viejas discusiones se van perdiendo
entre las razones.
A todo dices que sí,
a nada digo que no,
para poder construir la tremenda armonía,
que pone viejos, los corazones.

Pablo Milanés, 1975.

O presente capítulo pretende mostrar que a preocupação com o processo de envelhecimento e suas consequências inquieta o homem desde tempos muito remotos. Constitui uma temática universal e esteve e está presente em diversas sociedades de diferentes épocas, fazendo parte da evolução da civilização humana. Ao ler as contribuições de diversos autores que fornecem indícios para que se possa compreender o envelhecimento, aprende-se a pensar pelos caminhos que outros já trilharam: em passagens do Antigo Testamento, nas reflexões dos filósofos antigos e dos contemporâneos, em que o tema do idoso está presente

nas inquietações do homem. Foram esses materiais que serviram de matéria-prima para que se pudesse escrever este capítulo.

Acredita-se que um olhar sobre as épocas que constituem a história do homem pode contribuir para iluminar alguns aspectos do envelhecimento, conforme as coordenadas do tempo histórico, do espaço geográfico e das tradições comunitárias em que o tema se faz presente.

A origem da humanidade é tão antiga quanto as concepções sobre a velhice, às vezes associada ao poder, ao prestígio, à sabedoria e/ou à razão; em outras é vista como uma etapa inevitável de decadência, declínio e antecessora da morte. As preocupações com o tema velhice permeiam a filosofia de antigos e modernos pensadores, cada um com o olhar pautado em sua época, no qual contribuíram para que o tema do envelhecimento fosse evoluindo conforme as coordenadas espaço-temporal, culturas e tradições comunitárias em que o tema esteja inserido.

Simone de Beauvoir, no ensaio *A velhice* (*La Vieillesse*), lançado em 1970, apresenta um traçado histórico dessa fase da vida desde a Grécia Antiga e destaca que pensadores e pesquisadores acreditam ser esta fase correspondente ao inverno da vida, com desgastes do corpo e doenças. Segundo a autora, "até o século XV, todas as obras sobre a velhice são tratados de higiene" (1990, p.25), em que são apresentadas receitas para conservar a saúde ou minimizar doenças, sintomas e seus respectivos tratamentos.

A autora também assegura que estudar os velhos por meio das diversidades das épocas não é fácil, haja vista que documentos encontrados, trazidos pela literatura, mitologia e iconografia, raramente aludem ao papel desempenhado pelo idoso nas sociedades antigas, o que tornou difícil compreender a verdadeira significação da velhice em diferentes épocas, em diferentes lugares. Beauvoir (1990) elucida que:

> O envelhecimento, no decorrer da história, possui diferentes conotações. A ideia de decadência do corpo, a aproximação do final da existência e o possível desaparecimento dos sonhos e desejos, traziam uma espécie de luto existencial. De outro modo, sabe-se que as virtudes adquiridas com o avanço da idade e a sabedoria pela experiência vivida também eram modelos de honra a quem viveu além do tempo do outro. Estudar a condição dos velhos através das diversas épocas não é uma empresa fácil. (...) É difícil determinar. A imagem da velhice é incerta, confusa, contraditória. (...) É uma certa categoria social, mais ou menos valorizada segundo as circunstâncias. É para cada indivíduo, um destino singular – o seu próprio (p.109).

Nas reflexões de Beauvoir é possível reconhecer o *imprinting* cultural, que é a obediência e/ou aceitação de uma normalização cultural que determina a impossibilidade de reagir e contestar mitos e ideias que "domesticam" as sociedades e seus indivíduos. Morin (2002a, p.27) explica como sendo um "determinismo de convicções e crenças que, quando reinam em uma sociedade, impõem a todos e a cada um a força imperativa do sagrado, a força normalizadora do dogma, a força proibitiva do tabu". E acrescenta: "O *imprinting* cultural marca os humanos desde o nascimento, primeiro com o selo da cultura familiar, da escolar em seguida, depois prossegue na universidade ou na vida profissional" (2002a, p.28).

Não é possível nos apartarmos do nosso meio socioambiental; é indispensável compreender que, ao nos separarmos do meio em que nos inserimos, não há possibilidade alguma de construirmos conhecimento. Apenas o fato de pertencermos a uma coletividade organizada e sistematizada pela cultura nos autoriza a aprender, a nutrir, a comunicar, a nos socializar como categorias indispensáveis à vida social, em sua essência de coletividade, levando-nos ao pensamento sistêmico e complexo (MORIN, 2003).

Morin (1999) parte da perspectiva de que há uma ligação entre envelhecer e morrer; a rejeição do indivíduo em relação à morte justifica-se porque esta determina seu fim e está associada também à rejeição à velhice, pois esta fase da vida é identificada como a etapa que precede o seu fim. Esse vínculo velhice/morte é motivador do processo de criação dos mitos, cuja função é minimizar a sensação de finitude; infere-se que sua construção assume o papel de negar a morte.

Para o mesmo autor, o processo de envelhecimento não é perceptível com facilidade, pois a natureza patológica da velhice se explicita em três planos: no social; na percepção de que a velhice sadia é patológica enquanto velhice em si; na morte, que é patológica e tem sua distância minimizada pela velhice. Por fim, o pensamento de Morin se inscreve na percepção de que a velhice e a morte estão registradas na herança genética humana e que são "coisas normais e naturais, porque uma e outra são universais e não sofrem qualquer exceção entre os 'mortais'" (1997, p.320).

2.1 – AS CIVILIZAÇÕES ANTIGAS E O SENTIDO DO ENVELHECIMENTO

O primeiro texto conhecido no Ocidente, dedicado à velhice, foi escrito em 2.500 a.C., pelo filósofo e poeta egípcio Ptah-hotep[6]. Quando já estava em idade avançada, o velho vizir

[6] O Ensinamento de Ptah-hotep é um texto do Antigo Egipto cuja autoria é atribuída a Ptah-hotep, vizir do rei Djedkaré Isesi da V dinastia. Os ensinamentos atribuídos a este vizir encontram-se registrados de forma

solicitou ao rei a possibilidade de retirar-se do cargo e ser substituído pelo filho, algo habitual na sociedade egípcia, em que se espera que o filho siga a profissão do pai. O rei aceitou a proposta, mas o velho vizir deveria transmitir os seus conhecimentos sobre a vida ao filho, o que iria funcionar como uma espécie de testamento moral. Ao escrever seus ensinamentos e tratar da velhice, Ptah-hotep é sombrio, desolador e até depressivo em seu texto. Beauvoir (1990) menciona esse texto:

> Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope, e não se pode sentir nenhum odor (p.114).

A visão desoladora das deficiências das pessoas velhas data de antigas eras; remonta aos tempos dos Babilônios, Hebreus e da Grécia Antiga. Os egípcios tinham a esperança de superar e vencer a velhice ao recomendar o consumo de glândulas frescas retiradas de jovens animais; o objetivo pretendido era transformar o velho em jovem. Os Babilônios valorizavam a imortalidade e a manutenção da juventude. A Grécia Clássica exaltava a beleza, força, vitalidade e relegava aos velhos um papel insignificante. A imortalidade e a busca incessante pela eterna juventude são sonhos míticos da espécie humana. Os mais antigos escritos já contavam histórias da procura da fonte da juventude ou do elixir para manter a eterna jovialidade.

A velhice, na Antiguidade, era um raro fenômeno e estava fortemente relacionado com o sagrado, visto que apenas poderia ser lograda com o consentimento e ajuda dos deuses. O velho era representado na sociedade como um indivíduo digno de uma graça divina e a velhice era atrelada à ideia de merecimento. Eram os mais velhos que se destacavam no

---

completa no Papiro Prisse (assim chamado devido ao egiptólogo francês Émile Prisse d'Avennes, que o encontrou na necrópole de Tebas no século XIX), datado do Império Médio (c. de 1900 a.C.) e que se encontra na Biblioteca Nacional de França. Há ainda mais dois papiros que possuem fragmentos do texto e que se encontram no Museu Britânico, datando do Império Médio e do Império Novo respectivamente; além disso, a tábua Carnavon I, no Museu Egípcio do Cairo, possui igualmente um fragmento. O texto divide-se num prólogo (no qual Ptah-hotep se apresenta perante o rei pedindo a sua reforma), nos ensinamentos (trinta e sete máximas) e o epílogo. Disponível: Revista do Dpto. de Teologia da PUC-Rio / Brasil Atualidade Teológica- http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18576/18576.PDF. Acesso: 17 jun. 2015.

cenário político de diversas sociedades antigas, daí a relação entre velhice, amadurecimento, sabedoria e sagrado (MINOIS, 1999; MUCHINIK, 2005).

Concepções da velhice permeiam a história das civilizações, são distintas de uma cultura para outra, de um tempo histórico para outro e de espaços geográficos diversos. Tal tema é constantemente tratado inclusive de maneira poética para simbolizar metaforicamente a vida real como, por exemplo, é o que fazem Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2015) ao destacarem que o envelhecimento e a juventude poderiam ser comparados às árvores frondosas que perdem suas folhas já sem vida e se renovam de tempos em tempos.

Numa concepção de cunho religioso, temos a sacralização do envelhecimento por povos antigos e tribais para representarem esse estágio da vida. Exemplo disso são os africanos de Bengala, que adotaram a figueira para simbolizar a vida comunitária, pois em seus galhos mais de vinte mil pessoas poderiam abrigar-se.

Os mesmos autores acima mencionados ainda acrescentam que os celtas consideravam o carvalho como símbolo da sabedoria, força e longevidade. “O carvalho é, por excelência, a figura da *árvore* ou do *eixo do mundo*, tanto para os celtas quanto na Grécia” (2015, p.195). Tribos africanas do Senegal cultuavam o baobá[7] como sendo a árvore da imortalidade, tendo em vista o aspecto de seu tronco gigantesco, afirmando que “se a velhice é um sinal de sabedoria e de virtude, se a China desde sempre honrou os velhos, é que se trata de uma prefiguração da longevidade, um longo acúmulo de experiência e de reflexão, que é apenas uma imagem imperfeita da imortalidade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2015, p.934).

Da antiguidade até os dias de hoje, em sociedades orientais, segundo Beauvoir (1990, p.113), ao ancião era conferido um lugar primordial na família, sendo que toda casa devia-lhe obediência. A vida longeva e a experiência conferia ao idoso uma autoridade dentro e fora dos limites da família, costume este que contribuía para que as pessoas fingissem ser mais velhas do que eram para terem atenção e respeito.

O Taoísmo[8], fundado pelo filósofo e historiador Lao-Tsé ou Lao-Tzy (acredita-se que tenha vivido no sec. VI a.C.), postulava que a velhice é um momento supremo, em que se

---

[7] Baobá, segundo o Grupo Cangurussu & Luiz Murá (2008). [...] árvore lendária para os povos africanos, na maioria das vezes, plantada em uma área aberta da tribo. Os velhos sábios contadores de histórias, conhecidos como Griots, costumavam reunir ao pé dessa árvore crianças e adultos, para transmitir sabedoria através de lendas, canções, feitos heroicos, lições de vida e para tomar decisões quanto ao futuro da tribo (p.1).

[8] O Taoísmo consiste, fundamentalmente, numa doutrina oriunda do Extremo Oriente e apresenta uma visão de unidade da vida. Os taoistas não separam ciência, arte e religião. Consideram todos os elementos perfeitamente integrados, em dança permanente. Atribui-se a Lao-Tsé (“ancião” ou “velho mestre”) a autoria da obra criadora do Taoísmo, o "Tao Te Ching", ou livro *Da Razão Suprema e da Virtude*, composto por 81 poemas. Disponível: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/85040. Acesso: 17/06/2015.

alcança um nível espiritual máximo; aos 60 anos de idade o ser humano consegue libertar-se de seu corpo através do êxtase de se tornar um santo. Para Lao-Tzy, "[...] a vida nada mais é do que o ser humano que atua espontaneamente como centro do mundo" (1999, p.23). Sobre a cultura chinesa, "[...] o fim supremo consiste na longevidade. O envelhecimento, nessa cultura, significa a vida em um plano máximo de depuração, não jamais entendido como flagelo, mas, ao contrário, como representação de suprema sabedoria", atesta Secco (1994, p.10).

Confúcio, outro filósofo da civilização oriental, pregava que a família é a base e, em seus domínios, todos devem obediência ao patriarca, homem mais velho da família. Justificava essa autoridade associando velhice à posse de sabedoria, uma vez que aos 60 anos o ser humano consegue compreender, sem que tenha que refletir, tudo o que ouve; aos 70 anos o coração é quem comanda os desejos do homem e é possível segui-lo sem transgredir regras. Para Confúcio (1999), nada no mundo é tão grande quanto o ser humano e nada é mais sublime que a piedade e o amor filial. Em sua doutrina, os filhos têm deveres para com os pais envelhecidos e devem assegurar-lhes proteção, segurança e tranquilidade na última idade do seu processo de viver.

Na Índia, segundo os princípios do *Código de Manu*[9], a realidade absoluta e o profundo aprendizado espiritual tornam-se possíveis nas etapas finais do desenvolvimento humano.

A tradição judaico-cristã tem os seus mistérios sagrados guardados pelos mais velhos, que são os que conquistam maior sabedoria através de estudos prolongados das sagradas escrituras (SOCCI, 2006).

A primeira citação bíblica referente aos anciãos é encontrada em *Gênesis* (BÍBLIA, A.T., 1980, 50:7, p.100), quando José vai sepultar o pai e está acompanhado dos servos do faraó, dos anciãos de sua casa e de todos os anciãos do Egito. O livro Eclesiástico (BÍBLIA,

---

[9] Na antiguidade, alguns dos "primeiros passos de defesa da dignidade e dos direitos do ser humano encontram-se expressos no Código de Manu", na Índia. As leis foram redigidas entre os séculos II a. C. e II d. C. em forma de poesia e expostas em versos. A data de promulgação do Código não é certa, alguns estudiosos calculam que seja aproximadamente entre os anos 1300 e 800 a.C. Nesse momento histórico a classificação do indivíduo e de sua dignidade estava atrelada à posição social que ocupava, inclusive o seu grau de reconhecimento por parte da comunidade onde estava integrado ocorria de acordo com seu *status* social.
KUMAGAI, Cibele; MARTA, Taís Nader. Princípio da dignidade da pessoa humana. In: **Âmbito Jurídico**, Rio Grande, XIII, n. 77, jun 2010.
Disponível: http://www.ambito-juridico.com.br/site/index.php?artigo_id=7830&n_link=revista_artigos_leitura Acesso: 17/06/2015.

1980, 3:14-15), do Antigo Testamento, trata do respeito aos mais velhos e menciona "Obrigações dos filhos", que são recomendações quanto ao cuidado com os idosos:

> Filho, ampara a velhice de teu pai, e não lhe dês pesares em sua vida: e se lhe forem faltando as forças, suporta-o, e não o desprezes por poderes mais do que ele: porque a caridade que tu tiveres com teu pai, não ficará posta em esquecimento (p.865).

Outra menção feita no texto bíblico do Eclesiástico (BÍBLIA, 1980, 25:5-8) a respeito da "Maturidade da Velhice" proclama:

> Como acharás tu na tua velhice, que o não ajustaste na tua mocidade? Quão belo é às cãs o juízo, e aos anciãos o ter conhecimento do conselho! Quão bem parece a sabedoria nos velhos, e a inteligência, e o conselho nas pessoas da alta jerarquia! A experiência consumada é a coroa dos velhos, e o temor de Deus é a sua glória (p.898).

Maltratar os pais idosos era crime e poderia ter a morte como punição. Os mais velhos exerciam papel político na sociedade dos antigos judeus. O órgão máximo do povo hebreu era o *Sinédrio*[10], tribunal composto por 71 membros – "anciãos do povo", em sua maioria sacerdotes, anciãos e escribas fariseus – que controlavam a vida religiosa e julgavam crimes contra a lei.

Povos Hebreus destacavam-se pela importância atribuída aos seus velhos, que em períodos de nomadismo eram considerados os conselheiros e chefes naturais dos povos. Matusalém, personagem bíblico do Antigo Testamento, citado em *Gênesis* (BÍBLIA, 1980, 5:21-27, p. 53), é um exemplo na cultura hebraica: era considerado tão sábio como se tivesse vivido 969 anos, é conhecido por ser o personagem mais longevo do toda Bíblia. Os patriarcas bíblicos, desde Adão até Noé, tiveram vida longa, o que era considerado uma bênção.

---

[10] (***gr synédrion***) - Conselho supremo dos judeus em Jerusalém que tratava e decidia os assuntos de Estado e de religião. O Sinédrio funcionava no Templo (Mc 14,53-54). Templo e a Lei eram os dois pilares principais sustentando toda organização e a vida judaica.
O comando do Sinédrio estava em Jerusalém e a data provável de sua instituição foi o século III a.C.. Disponível:http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=sin%E9drio. Acesso: 17/06/2015.

2.2 – A VELHICE NA GRÉCIA ANTIGA

Na Grécia Antiga, nos anos de 4.000 a.C a 1.000 a.C., com o advento da filosofia o pensamento mítico começa a declinar e tem início um saber racional. Em Esparta, proeminente *pólis* (cidade-Estado) e o poder terrestre militar dominante, a velhice era honrada, os homens com 60 anos ou mais eram liberados das obrigações militares e eram encarregados de formar a juventude e nelas inculcavam o respeito aos idosos. O conselho de anciãos de Esparta, chamado *Gerúsia*, era composto por trinta membros, sendo que dele faziam parte 28 anciãos ou gerontes, de idade igual ou superior a 60 anos, e os dois reis. A *Gerúsia* dividia o poder com a mais alta corte e tinha a autoridade de julgar os próprios reis; possuía, também, total controle da cidade-Estado (BEAUVOIR, 1990).

Em Atenas, Sólon[11] acreditava que os prazeres não eram tão importantes quanto os ganhos com a sabedoria, tendo declarado: "Ao avançar em anos, nunca deixo de aprender" (BEAUVOIR, 1990, p. 123). Sólon criou um código de leis e promoveu uma reforma das estruturas social e política da *pólis* ateniense. No aspecto social, são de interesse para esta pesquisa aquelas que obrigavam os pais a ensinarem um ofício aos filhos, caso contrário, estes ficariam desobrigados de os tratarem na velhice. As leis de Sólon conferiam poder às pessoas idosas.

Sócrates temia ser velho e pagar o tributo que vinha com a velhice: ser cego, surdo, ter dificuldades de aprendizagem e falta de memória. Seus pensamentos se tornaram conhecidos por intermédio de Platão, que foi seu discípulo e seguidor. No obra *A República*, Platão (1985) traz passagens em que Sócrates faz referências ao envelhecimento e adverte que a velhice não será um peso para os seres humanos prudentes e bem preparados, será apenas a continuidade natural da vida que o indivíduo teve até aquele momento. Um envelhecimento tranquilo e saudável é decorrente de uma juventude sadia.

Em *A velhice* (1990), Beauvoir descreve um diálogo travado entre Sócrates e Céfalo:

> Céfalo convidou Sócrates para visitá-lo, desculpando-se por não ir procurá-lo, pelo fato de estar velho e ser difícil sair de casa. Queria

---

[11] Sólon foi eleito arconte único em 594 a.C.. Sua missão política consistia em enfrentar a grave crise socioeconômica que punha em risco a unidade da polis ateniense. Adotou medidas em benefício das classes mais pobres, intentando reconciliá-las com as classes mais ricas. Aristocrata de nascimento, inicialmente trabalhava no comércio, passando depois a dedicar-se inteiramente à política. Criou a Eclésia (assembleia popular), da qual participavam todos os homens livres atenienses, filhos de pai e mãe atenienses e maiores de 30 anos. Disponível: http://www.revistas.usp.br/rfdusp/article/view/67779/70387. Acesso: 17/06/2015.

> conversar com o amigo, pois para Céfalo, quanto mais amortecidos ficam os prazeres do corpo, mais crescem o deleite e o prazer da conversação. Sócrates aceitou o convite, respondendo que lhe agrada muito conversar com pessoas de mais idade, que já tinham percorrido um caminho que ele teria que percorrer. Assim, deu-se o início da conversa, quando Sócrates perguntou a Céfalo, como ele, já velho, sentia-se ao atingir a fase que os poetas chamam de o limiar da velhice. Céfalo respondeu que muito bem, pois a triste cantinela, evocada por muitos, responsabilizando a velhice por todos os males, para ele era decorrente da própria vida e não da idade avançada (p.135).

A questão da senilidade aparece na filosofia de Platão. Em *A República*, o pensador afirmava que a velhice concede ao ser humano imensa paz e libertação; criticava severamente a democracia ateniense por não respeitar as competências e lastimava-se por Esparta escolher para magistrados os homens que a guerra formou, sendo que deveriam ser escolhidos os homens mais sábios, os velhos, tendo em vista que a velhice conduziria a uma melhor harmonia, prudência, sensatez, astúcia e juízo. Para Platão, apenas estariam preparados para governar a *Pólis* os indivíduos com uma educação desenvolvida desde a adolescência e que frutificasse plenamente aos 50 anos, idade a partir da qual o filósofo possuiria a verdade. A verdade do homem, em Platão, residiria na sua alma imortal, que se aparentava às ideias, enquanto que o corpo não passava de uma realidade ilusória, sendo assim, o declínio físico do homem não importava (PLATÃO, 1985).

Aristóteles foi discípulo de Platão e tornou-se professor muito jovem; cultuava a lógica (relação de causa e efeito) e, em seus textos, trata os anciãos com tons deprimentes, são indivíduos enfraquecidos, inconstantes, temerosos, melancólicos, egoístas, vivem de mais recordações do que de esperanças e desprezam a opinião alheia. Com esta percepção, resume suas concepções em um dos breves tratados de *Parva Naturalia*, em que trata da juventude e da velhice e afirma que o homem só poderia existir por meio da união do corpo e alma; sendo assim, o corpo deveria manter-se intacto para que a velhice fosse feliz. Assim, “uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiências. Ela depende ao mesmo tempo das vantagens corporais que se poderia ter, e também do acaso” (ARISTÓTELES, 2012, p.96).

O filósofo grego do período helenístico, Epicuro de Samos, na obra *Carta sobre a felicidade,* transmite seus ensinamentos para um de seus discípulos, Meneceu, e o alerta que eles são fundamentais para se conhecer melhor a conduta humana e que versam sobre o desejo de alcançar a tão desejada vida feliz. Faz também uma exortação ao exercício da filosofia que

considerava fundamental para a existência e felicidade do homem desde a mais tenra juventude até a idade mais avançada. A respeito disso, Epicuro (2002) adverte:

> Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém jamais é demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. [...] a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando esta presente, tudo temos, e, sem ela, tudo fazemos para alcançá-la (p.21-23).

Na Carta a Meneceu, Epicuro ainda discorre sobre a morte e declara que, por mais temida que seja, é necessária, já que não há nenhuma vantagem em viver eternamente, pois o que importa não é a duração, mas a qualidade da vida: "Quem aconselha o jovem a viver bem e o velho a morrer bem não passa de um tolo, não só pelo que a vida tem de agradável para ambos, mas também porque se deve ter exatamente o mesmo cuidado em honestamente viver e em honestamente morrer" (EPICURO, 2002, p.31).

Para o médico Hipócrates, a velhice começava depois dos 50 anos e apresentava desequilíbrios de humores; esses líquidos ou humores biológicos provocariam temperamentos coléricos, sanguíneos, fleumáticos ou melancólicos.

Tais comportamentos, muitos séculos depois, justificariam perseguições e execuções de milhares de anciãs, que foram consideradas bruxas no período medieval. Período este em que a velhice é discutida por meio de estereótipos negativos, pelo fato de o homem apresentar nessa fase da vida limitações físicas evidentes.

2.3 – A VELHICE NA ROMA ANTIGA

O direito que os anciãos romanos tinham sobre todos os membros da família, com uma autoridade sem limites, *pater familias*, concedia-lhes uma posição privilegiada na sociedade de Roma. Exerciam importantes cargos no senado, como *"patrícios"*. Os ricos proprietários fundiários, que chegavam ao fim de suas carreiras de magistrados, compunham o senado, a mais importante instituição de poder. A palavra senado vem do latim *senatus*, cuja origem terminológica encontra-se no termo "*senex*", que significa idoso, de cabelos brancos, aquele que é valorizado pela sua experiência e sabedoria.

No primeiro século antes da Era Cristã, Marco Túlio Cícero, senador romano, compõe aos 62 anos sua obra em defesa da velhice, *"De Senectute"* ou *"Catão, o Velho"* (44 a.C.), com tradução para o português: "Saber envelhecer" (1997); é um longo diálogo em que o personagem principal, Catão Maior, transmite a dois jovens interlocutores suas reflexões sobre o envelhecimento, a velhice e a morte. Cícero afirma que "a velhice é a cena final dessa peça que constitui a existência. Se estamos fatigados dela, então partamos, sobretudo se estamos saciados" (1997, p.65). Sua obra mostra que algumas características morais somente se desenvolvem na idade avançada, que o amadurecimento atinge o ápice na velhice e que os prazeres corporais são substituídos pelos intelectuais. Para Cícero (1997):

> [...] se a velhice não está incumbida das mesmas tarefas que a juventude, seguramente ela faz mais e melhor. Não são nem a força, nem a agilidade física, nem a rapidez que autorizam as grandes façanhas; são outras qualidade, como a sabedoria, a clarividência, o discernimento (p.18).

Cícero orienta os jovens e os velhos para que tenham uma vida feliz, saudável e em consoante harmonia com a natureza. Defende a ideia de que todas as idades têm os seus prazeres e suas virtudes e que não deve haver conflitos intergeracionais; para ele, é possível envelhecer com saúde quando se cuida do corpo e da mente. Cícero (1997) esclarece, ainda, que há quatro razões para detestar a velhice: afasta o ser humano da vida ativa; enfraquece o corpo; priva o homem dos melhores prazeres e coloca o indivíduo frente a frente com a morte. Em sua óptica, "todas as idades têm seu termo certo; só a velhice não o tem: vive-se nela bem enquanto se podem cumprir os deveres e sem o temor da morte; do que resulta que a velhice é mais animosa e mais forte que a mocidade" (CÍCERO, 1997, p.18).

O fracasso do regime republicano faz com que o senado perca seus poderes que, aos poucos, passam para as mãos dos militares, ou seja, dos homens jovens. Sêneca combate a imagem negativa da velhice; um homem que chega ao fim da vida contando cem ou mais anos, morre precocemente. Na obra *"De brevitate vitae"* (2008) ele afirma que a vida não é breve; pequena e breve é a parte em que se vive de fato. Parte esta que é dotada da consciência da existência. O autor destaca o quão importante é a autoridade do indivíduo como condutor de sua própria vida quando escreve: "[...] a vida, se bem empregada é suficientemente longa e nos foi dada com muita generosidade para a realização de importantes tarefas" (SÊNECA, 2008, p.26).

De acordo com Sêneca (2008), ao deparar-se com um velho às portas da morte, deveria ser feito com ele a seguinte reflexão:

> Vemos que já atingiste o fim da vida, tem cem ou mais anos. Vamos, faz o cálculo da tua existência. Conta quanto deste tempo foi tirado por um credor, uma amante, pelo poder, por um cliente. Quanto tempo foi tirado pelas brigas conjugais e por aquelas com escravos, pelo dever das idas e vindas pela cidade. Acrescenta, ainda, as doenças causadas por nossas próprias mãos e também todo o tempo desperdiçado. Verás que tens menos anos do que contas. Perscruta a tua memória: quando atingiste um objetivo? Quantas vezes o dia transcorreu como o planejado? Quando mantiveste uma boa aparência, o espírito tranquilo? Quantas obras fizeste para ti com um tempo tão longo? Quantos não esbanjaram a tua vida sem que notasses o que estavas perdendo? O quanto de tua existência não foi retirado pelos sofrimentos sem necessidade, tolos contentamentos, paixões ávidas, conversas inúteis, e quão pouco te restou do que era teu? Compreenderás que morre cedo (p.30-31).

Sobre a morte, o pensador alega, "[...] tanto os velhos a têm diante dos olhos quanto os jovens. Não somos chamados de acordo com a idade e, além disso, ninguém é tão velho que não possa esperar um único outro dia" (SÊNECA, 2008, p.21). Dos ensinamentos de Sêneca é possível concluir que tanto a morte como a velhice não precisam ser temidas; o que se deve temer na vida é a perda de tempo.

Nota-se que tanto Cícero como Sêneca, e na própria Roma Antiga, havia certa preocupação em alertar sobre a importância do velho para a vida e para a sociedade, como advertência aos jovens e como preservação de espaços e lugares. Esses alertas se aproximam do Art. 2º do Estatuto do Idoso (2003):

> O idoso goza de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhe, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, para preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade (s/p).

A preocupação com o tema do ancião permeia os sistemas filosóficos antigos e modernos. Cada pensador, filósofo, historiador manifesta o seu olhar específico e o de sua época e, assim, ilumina determinados aspectos do envelhecimento.

2.4 – A CONCEPÇÃO CRISTÃ DA VELHICE NA IDADE MÉDIA

Durante o Baixo-Império e a alta Idade Média (séculos V ao X) surge a concepção cristã de que a velhice é a última fase da vida e, por isso, uma fase de preparação para o inevitável fim humano. Nesta perspectiva, a velhice tem sua representação social relacionada aos momentos finais e, também, da providência divina. Segundo o historiador e medievalista francês Philippe Ariés (2014), a sociedade medieval estava preocupada com as guerras e privilegiava os jovens; os velhos eram excluídos da vida pública e passaram a ser considerados ridículos e decrépitos e sua imagem era representada pela figura do ancião avarento ou de um bruxo velho. As forças das armas e da Igreja prestigiavam a virilidade e a coragem dos jovens e Cavaleiros das Cruzadas, cuja missão era resgatar o Santo Sepulcro.

Ariès (2014, p.4) observa que as "idades da vida ocupam lugar importante nos tratados pseudocientíficos da Idade Média". Os autores empregavam terminologias para designar diferentes períodos da vida a partir de uma representação que se tinha do corpo: infância e puerilidade, juventude e adolescência, velhice e senilidade. Ainda segundo o autor, "a idade do homem era uma categoria científica, assim como o peso e a velocidade são para os contemporâneos" (p.4).

Ariès (2014) também descreve os quadros que retratam as atividades próprias a cada etapa da vida no século XIV, final da Idade Média. Na descrição das idades da vida é possível verificar a associação entre velhice e sabedoria; as idades são representadas até o século XVIII de acordo com as funções sociais. Em pinturas do palácio dos Doges, assim como em afrescos dos Eremitani de Pádua, esses traços podem ser observados.

> Primeiro, a idade dos brinquedos: as crianças brincam com um cavalo de pau, uma boneca, um pequeno moinho ou pássaros amarrados. Depois, a idade da escola: os meninos aprendem a ler ou seguram um livro e um estojo; as meninas aprendem a fiar. Em seguida, as idades do amor ou dos esportes da corte e da cavalaria: festas, passeios de rapazes e moças, corte de amor, as bodas ou a caçada do mês de maio dos calendários. Em seguida, as idades da guerra e da cavalaria: um homem armado. Finalmente, as idades sedentárias, dos homens da lei, da ciência ou do estudo: o velho sábio barbudo vestido segundo a moda antiga, diante de sua escrivaninha, perto da lareira. As idades da vida não correspondiam apenas a etapas biológicas, mas a funções sociais (ARIÈS, 2014, p.9).

O parâmetro etário era um regulador das atividades sociais dos indivíduos: havia uma idade própria para ir à escola, uma idade para iniciar no mundo do trabalho, para contrair

bodas e aposentar-se. Idade não era apenas um marcador biológico, mas também uma maneira de definir direitos, deveres e formas de atuar nas diferentes fases da vida. Até o início do século XIX essas etapas eram bem delimitadas e relacionavam-se a modos de atividade, tipos físicos, a funções e a modas no vestir (ARIÈS, 2014).

Associar a idade cronológica com a sabedoria não era algo pensado como intrínseco e inseparável. Os relatos do historiador Georges Minois (1999) revelam que, para Santo Agostinho, a velhice não era, necessariamente, sinônimo de sapiência. Alguns de seus textos trazem uma visão negativa da velhice, estabelecendo uma relação entre decrepitude e feiura; para ele, o pecado é igual à velhice, ambos conduzem à morte. Velhice seria uma parte da herança deixada por Adão, que preferiu o sofrimento e a morte a viver no paraíso e ter vida eterna. Velhice e pecado são, portanto, vistos como momentos ou situações repugnantes e estão associados ao paganismo; por outro lado, os cristãos que viveram uma vida virtuosa não temem a velhice (MINOIS, 1999). O velho, com suas debilidades e temores, corporifica o pecado na Idade Média. Minois (1999) ilustra muito bem este pensamento:

> Santo Agostinho não dirá outra coisa no seu primeiro tratado sobre a Epístola de São João, onde estabelece a equivalência entre o pecador e o homem de idade e entre a criança e o homem regenerado. Aliás, ao comentar uma passagem de Isaías, "enquanto vós envelheceis, eu continuo o mesmo", faz a seguinte distinção: aqueles que louvarem a Deus terão os cabelos brancos da sabedoria, enquanto os outros hão de ver seu corpo enfraquecer (p.150).

É a partir da Idade Média que o ancião, apartado dos vínculos do mundo, passou a ser aquele que nada sabe e a velhice tornou-se "uma espécie de segredo vergonhoso do qual era indecente falar", consoante Beauvoir (1990, p.8). A autora ainda acrescenta que "a sociedade não é apenas culpada, mas criminosa" (p. 8). Em seu livro, não apenas realiza um traçado histórico dessa fase da vida; mas, principalmente, desenvolve uma obra em que denuncia, conscientiza e investiga minuciosamente a senectude em suas múltiplas singularidades.

2.5 – O IDOSO NO BRASIL – A FAMÍLIA PATRIARCAL DO SÉC. XVIII

Ao escrever a história da velhice no ocidente, Minois (1999) já se perguntava sobre esse silenciamento dos historiadores a respeito desse tema, "[...] o mais importante talvez seja o facto de os velhos outrora nunca terem construído uma categoria homogénea e isolada do resto da sociedade" (p.15). No Brasil, a documentação sobre os velhos não é muito rica. A

ausência de cartas pessoais, de diários, de memórias ou recordações se justifica, posto que, numa sociedade que era praticamente iletrada, poucas eram as mulheres que sabiam ler e escrever. Portanto, aquilo que se poderia contar de histórias de afetividade e sentimento foi substituído por uma história de atitudes, comportamentos, decisões. Sendo assim, os documentos que trazem informações da vida cotidiana dos indivíduos no Brasil são as escrituras de doação de bens, as petições, as partilhas e os testamentos (SILVA, 1993). A documentação original brasileira raramente alude diretamente ao envelhecimento e aos velhos, eles fazem parte do grupo dos adultos.

Gilberto Freyre (1981) realizou uma ampla pesquisa sobre a história da sociedade brasileira no período da colonização. No Brasil colonial oitocentista, a formação da família[12], tanto no campo como na cidade, organizava-se sob um regime patriarcal e com a influência da miscigenação de três culturas presentes no país: indígena, europeia e africana. Foi nesse contexto que a estrutura social desenvolveu-se, a família constituía um núcleo formado pelo chefe da família, o patriarca branco, que era proprietário de um engenho ou de uma grande fazenda, a sua esposa, os filhos e netos, esses eram os representantes principais. Outro núcleo compunha-se dos membros considerados secundários, eram os filhos ilegítimos ou de criação, parentes, afilhados, serviçais, amigos, agregados e escravos.

A autoridade patriarcal estendia-se por todo grupo doméstico que habitava a residência do senhor de engenho ou do grande proprietário rural; nessa concepção, os escravos integravam, dentro de uma hierarquia, a família e o fogo[13] de seus senhores. A prática de contabilizar os escravos como membros dos fogos de seus donos refletia a concepção patriarcalista de fogo e família que permeava a sociedade brasileira na época. A família patriarcal foi um modelo de suma importância na sociedade colonial e, hoje, suas raízes ainda estão presentes no cotidiano do brasileiro (BARICKMAN, 2003).

No período colonial, o fio condutor da vida privada brasileira era “a gestão do patrimônio familiar e a sua divisão quando sobrevinha a morte” (SILVA, 1993, p.9). Nos mapas de população do final do século XVIII aparecem as classificações etárias; para os critérios da época, as mulheres aos 50 anos eram consideradas velhas, uma vez que não podiam procriar. Os homens eram considerados velhos aos 60 anos. O tempo de vida era menor e, com isso, percebia-se pouco os efeitos da senilidade. Silva (1993) esclarece que:

---

[12] “As pessoas de que se compõe a casa, e mais propriamente as subordinadas aos chefes, ou pais de família” – definição de Antonio de Moraes e Silva, dicionário publicado em 1823.
[13] Unidade doméstica, casa ou grupo doméstico.

> Dado que no séc. XVIII a idade dos indivíduos só era conhecida aproximadamente e, para a mentalidade da época, o rigor nesta informação era considerado desnecessário, nenhum testamento nos fornece a idade do testador(a). As referências à velhice são sempre imprecisas: "estando muito adiantada em anos". Uma forma indirecta de averiguar se se tratava de um idoso ou não é através dos filhos: se estes estavam todos casados, é indício de que os pais já tinham entrado na velhice ou estavam próximos dela (p.125).

As pesquisas realizadas por Silva (1993), sobre o problema da velhice na sociedade colonial, fazem referência a uma filha casada que cuidava da mãe idosa e recebe uma mulatinha de três anos como doação "[...] em pagamento, remuneração e agradecimento de lhe ter assistido diariamente por si e seu marido há muitos anos com alimentos, e da boa companhia que a dita sua filha lhe tinha feito" (p.125).

A gratidão pelo amor filial também está presente nos testamentos; uma senhora idosa deixa uma chácara, terras e benfeitorias a uma das suas filhas por não desampará-la e ter sido "fiel companhia e ter cuidado as suas enfermidades" (p.125). Uma viúva baiana doou à sobrinha uma morada de casas em Salvador; sua gratidão era porque a parenta a tratava com "reverência e carinho" (p.125) tanto na saúde quanto na doença. As filhas de criação e as afilhadas, muitas vezes, eram o arrimo das viúvas que não tinham filhos legítimos ou os filhos estavam ausentes. Essas moças sempre recebiam um legado pelo apoio dado às senhoras na velhice.

Os homens idosos também manifestavam a sua gratidão pelos cuidados e pela companhia na velhice. Faziam doações ou legados. Um fazendeiro fez escritura de doação de uma morada, dois lanços térreos e uma escrava com sua cria fêmea a sua enjeitada "pelo amor que lhe tem e bons serviços que lhe tem feito tratando-o com muito zelo e cuidado, assim na sua saúde como em sua enfermidade" (p.126-127).

Por meio da prática de redigir testamentos, bastante comum no final do período colonial, é possível constatar que tanto os homens quanto as mulheres preocupavam-se antecipadamente com a morte. Assim sendo, tomavam as devidas precauções para registrar as suas decisões quanto às recompensas para aqueles que os ajudaram em momentos de moléstias e na vetustez. Silva (1993) observa que:

> [...] o amparo lhes vinha principalmente de mulheres: filhas, sobrinhas, afilhadas, filhas de criação, enjeitadas, com algumas referências a genros que colaboravam com suas mulheres o auxílio às sogras carentes de ajuda e companhia (p.127).

Os velhos tinham o domínio financeiro, patriarcal e religioso. Eram vistos como fonte de experiências vividas e de sabedoria; colaboraram com a evolução social, política e religiosa da sociedade da época. No entanto, o tempo vai passando e novos valores surgem.

Os sinais de uma sociedade voltada para o capitalismo e a tecnologia começam a surgir no final do séc. XVIII. Durante os séculos XIX e XX essas mudanças são mais visíveis; a força física, a capacidade de criação e produção do ser humano são os valores que imperam na sociedade da época. É nesse contexto que o velho começa a perder espaço. Freyre (1973) denuncia a depreciação do velho pela sociedade e afirma que a cultura nacional dos três últimos séculos julga o idoso sob a lógica da produção; ressalta que o idoso é deixado de lado com o tempo, tendo em vista que esse tempo é estritamente econômico e relaciona-se à produção de dinheiro, valores materiais e ao trabalho físico e produtivo.

Freyre (1973) questiona os efeitos da revolução biossocial[14] nas relações estabelecidas entre os grupos etários existentes e os denomina "[...] pátrias no tempo semelhantes às que dividem os homens no espaço; [...]" (p.20). O autor sustenta que a revolução biossocial tende a dar uma nova interpretação e um novo direcionamento para essas relações a partir de novas dimensões de tempo e de novas noções de valor. Em suas afirmações, Freyre (1973, p.20), esclarece que são três os tipos de pátrias no tempo:

> [...] o dos constituídos pelos muito jovens; o dos constituídos pelas gentes de meia idade: espécie de alta burguesia no tempo, com tendências a dominarem os muito jovens e os muito idosos; o dos constituídos pelos idosos que, lúcidos e favorecidos por crescente aumento de média de vida e de conservação de saúde, se consideram com o direito de agir, de participar, de intervir na política, nas artes, no pensamento gerais; [...].

Sendo assim, com o respaldo da revolução tecnológica e biossocial, a expectativa de vida tende a aumentar, e aumentou, e oportunizou a participação crescente de "[...] grupos de idade outrora considerados incapazes dessa participação: os indivíduos de mais de sessenta anos ou mesmo de mais de setenta e até de oitenta anos" (FREYRE, 1973, p.21). Há que existir uma preocupação das instituições para que se adaptem às necessidades desse novo

[14] Para Freyre não basta ao homem ser apenas moderno. É preciso ter a visão dos tempos pós-modernos, onde é imperativo o entendimento do tempo tríbio: passado, presente e futuro interdependentes. Essa noção implica uma revolução biossocial, a adaptação do homem ao ambiente, pela tecnologia, e do ambiente ao homem, para atender suas pós-modernas necessidades, como a melhora da refrigeração ou o aumento da média de expectativa de vida.Texto: O homem que pinta e borda, de Rosa Maria Barboza de Araújo. Disponível: http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3103200213.htm. Acesso: 03 nov. 2015.

contingente populacional, além de uma reorientação no que diz respeito ao procedimento dos médicos na sua relação com as pessoas de mais de sessenta anos de idade; essas pessoas não podem mais ser tratadas como se fossem senis, inúteis e desprezíveis.

Os avanços tecnológicos na área da saúde fez surgir uma nova realidade: as pessoas começaram a viver por mais tempo. O desenvolvimento de medicamentos sofisticados visava à longevidade, o controle de epidemias, o sanitarismo. Ademais, a preocupação com uma alimentação saudável possibilitou à população uma melhor qualidade de vida. Logo, a pirâmide demográfica da população sofreu alterações, diminuindo o número de crianças e aumentando o de idosos (SANTIN; BOROWSKI, 2008).

2.6 - A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E OS PARADIGMAS DO ENVELHECIMENTO NA MODERNIDADE

Novas formas de pensar que valorizavam a observação, experimentação e verificação são fundamentais para o pensamento científico que caracterizou os séculos XVI e XVII; com isso, as causas da velhice, através de um estudo sintomático, começaram a merecer atenção. Os avanços no campo da fisiologia, anatomia, patologia intensificam-se nos séculos XVII e XVIII. Esses avanços trouxeram mudanças de comportamento que se refletiram na população idosa do século XIX, período em que há o crescimento das fábricas e a ascensão da burguesia.

A perda de poder e prestígio dos idosos tem seu início com a Revolução Industrial, considerada como a causa fundamental de grandes transformações estruturais no mundo ocidental e que acabaram interferindo na estrutura familiar, nas relações de trabalho, nos valores econômicos, no desenvolvimento urbano acelerado. Surgem novos paradigmas para a família; a família nuclear, em que o idoso perde seu valor por não mais ser um sujeito produtivo economicamente. Destarte, instala-se uma visão negativa da velhice, de que o velho é improdutivo e descartável já que não conta com o vigor, a força física e rapidez de antes e o que lhe resta é apenas o ócio como recompensa por uma vida de labutas e labores. Secco (1999), em *As Rugas do Tempo na Ficção*, tece a sua consideração acerca deste tema:

> A infância e a velhice, excluídas dos círculos de produção, pairam, idealizadas, acima da condição humana. [...] A velhice passa a ser encarada como uma segunda infância, cabendo ao velho o ócio como recompensa pelos anos de trabalho. [...] Esta concepção romântica da velhice é ambígua e paradoxal, uma vez que o velho, por não ser uma força produtiva, perde totalmente sua função social (p.19-20).

No final do século XIX e início do século XX a população idosa não desperta atenção e tem sua aura de nobreza ou sabedoria esquecida. A característica marcante desta população era a não possibilidade de assegurar-se financeiramente; seu destino era o desprezo e o isolamento social. A noção de velho remetia à incapacidade de produzir e trabalhar, portanto, aquele que não desfrutava de *status social* e vivia na pobreza era chamado de velho (vieux) ou velhote (veillard) na França do século XIX e, para designar os que tinham recursos financeiros, usava-se a terminologia idoso. Clarice Peixoto (2007) explica:

> [...] a questão da velhice se impunha essencialmente para caracterizar as pessoas que não podiam assegurar seu futuro financeiramente – o indivíduo despossuído, o indigente, pois as pessoas com certo patrimônio, aqueles que Ariés designa como 'os patriarcas com experiência preciosa', detinham certa posição social, administravam seus bens e desfrutavam de respeito (p.71).

A visão do envelhecimento em Beauvoir (1990) também está presente na obra de Ecléa Bosi, *Memória e sociedade – Lembranças de velhos*, lançado em 1979. O livro tem um enorme apelo poético e traz uma lição de ciência e vida. Para as duas autoras, a velhice é muito mais uma questão de luta de classes que está presente nas relações sociais do que um problema de conflito de gerações. Beauvoir assegura:

> No decorrer da história, tal como hoje em dia, a luta de classes determina a maneira pela qual um indivíduo se torna presa da velhice, um abismo separa o velho escravo do velho eupátrida, um antigo operário que recebe uma pensão miserável de um Onassis (p.14-15).

A autora acrescenta que a sociedade industrial extrai sua energia da divisão de classes e, desta forma, cria rupturas nas relações entre os homens e na relação dos homens com a natureza. Este fato foi maléfico para a velhice, pois todo sentimento de continuidade lhe é arrancado; destruirão amanhã o que foi construído hoje. Beauvoir escreve:

> As árvores que o velho planta serão abatidas. Quase em toda parte a célula familiar explodiu. As pequenas empresas são absorvidas pelos monopólios ou se deslocam. O filho não reconhecerá o pai, e o pai sabe disso. Ele desaparecido, a herdade será abandonada, o estoque da loja vendido, o negócio liquidado. As coisas que ele realizou e que fizeram o sentido de sua vida são tão ameaçadas quanto ele mesmo (p.402).

Quando a mercadoria tem mais valor sobre o homem, a idade é sinônimo de desvalorização. Ao rejeitar o velho, a sociedade tira-lhe o direito de ser um produtor, pois não

há chance de que sua obra sobreviva. Beauvoir (1990) elucida que as condições do idoso rico e do velho miserável eram muito discrepantes na sociedade industrial, uma vez que, para os idosos endinheirados, os anos vividos eram valorizados pela acumulação de seus bens e assim conferiam prestígio aos indivíduos, enquanto os velhos miseráveis pertenciam a uma classe sofrida e desprezada dentre os proletários. Eram os opostos exatos da nova sociedade industrial. Beauvoir (1990) faz uma reflexão acerca do tema:

> Antigos operários reduzidos à indigência e à vagabundagem, velhos camponeses tratados como bichos, os velhos pobres situam-se no mais baixo nível da escala social. São os velhos das classes superiores que ocupam o cume. A oposição é tão flagrante que se poderia quase pensar que se tratava de duas espécies diferentes. As mudanças econômicas e sociais, tão nefastas para uns, favoreceram, ao contrário, outros (p.242).

O século XX abrandou algumas dificuldades encontradas na velhice. Os avanços da medicina e da farmacologia amenizaram muitos desconfortos próprios do envelhecimento do organismo, os progressos da medicina possibilitaram o surgimento de disciplinas como a gerontologia e psicologia, áreas que se debruçaram sobre os aspectos sociológicos, fisiológicos e psicológicos da velhice.

As bases clínicas para identificação da velhice surgem com a geriatria, ciência derivada da medicina que estuda e trata as enfermidades e as mudanças físicas da velhice. Essa disciplina surgiu por volta de 1910 com o fisiologista Ignatz Nascher. Silva (2008) esclarece:

> Por meio da observação do corpo dos velhos, Nascher formulou as características biológicas da velhice – a degeneração do corpo –, conceituou o tratamento médico a ser dispensado aos velhos e introduziu na literatura médica o termo geriatria. A diferenciação científica entre a velhice e as outras etapas da vida estava, então, realizada; era possível identificá-la por meio do saber médico (p.158).

A mesma autora ainda acrescenta:

> Além do corpo envelhecido, objeto da geriatria, os hábitos, as práticas, as necessidades sociais e psicológicas dos velhos seriam agora alvo de um saber especializado, que incluía novos aspectos em sua definição e tornava mais complexa a categoria velhice (p.159).

Um olhar diferente para a velhice começa a anunciar-se, o aumento da expectativa de vida, a queda da taxa de mortalidade, o aumento do número de idosos em proporções globais acabou gerando visibilidade para esse segmento da população.

2.7 – A CONTEMPORANEIDADE E AS MUDANÇAS DE PARADIGMAS ACERCA DO ENVELHECIMENTO HUMANO

De modo muito sutil vai surgindo uma nova ideação de velhice. Antes uma única terminologia era usada para designar as pessoas velhas; todavia, com o processo de modernização e o advento da industrialização, começam a surgir diferenciações entre esses indivíduos. A velhice, como categoria etária, somente acontece a partir do saber médico. A terceira idade surge como um reflexo da mudança de concepção de uma sociedade, dos interesses políticos, do desenvolvimento da medicina e, principalmente, da ascensão da gerontologia como um conhecimento especializado no processo de envelhecimento. Essa trajetória é fundamental para a compreensão dos agentes e interesses que motivaram o surgimento da terceira idade e quais as consequências que essa concepção traz para a tomada de decisões e formulação das políticas públicas destinadas aos idosos.

A noção de terceira idade marca a passagem na mudança de perspectiva de uma velhice decadente para uma velhice ativa que valoriza e incentiva a vivência do lazer, as atividades físicas, a realização pessoal, a criação de habilidades e o cultivo de laços afetivos. A terceira idade reflete a “disseminação de conhecimentos e práticas de prevenção e cuidado” com o corpo, baseadas, sobretudo, “em práticas de atenção à saúde, rejuvenescimento do corpo e desenvolvimento de uma vida social ativa” (ALVES JÚNIOR, 2004, p.15).

Essa nova visão da velhice está claramente concretizada em espaços como clubes, associações, cursos, e também em atividades físicas, viagens e passeios organizados e preparados para o bem estar e a qualidade de vida das pessoas de mais idade. Expressões como “melhor idade”, “idosos”, “terceira idade” são utilizadas para nomear pessoas que envelhecem cronologicamente, no entanto, continuam ativos e são os chamados “jovens idosos”. Barros e Castro (2002) discutem acerca desse “novo velho”:

> Envelhecimento bem sucedido, qualidade de vida e terceira idade implicam na circulação da ideia de um velho identificado como fontes de recursos — (autônomo, capaz de respostas criativas frente às mudanças sociais, disponível para ressignificar identidades anteriores, relações

> familiares e de amizade. Assim, sociabilidade, lazer e educação (como estratégia de socioterapia e de manutenção da "mente ativa") fazem-se dispositivos privilegiados de intervenção junto a essa população e ganham espaço significativo na mídia para criação e divulgação de uma "nova velhice" (p.21).

Debert (2004) defende que na categoria "terceira idade" não inclui todos os idosos, apenas identifica aqueles que são envolvidos em algum tipo de atividade — ginástica, dança, artesanato —, em relação aos que escolheram envelhecer na quietude. Para a autora, tal aspecto é relevante para pensar a "terceira idade" como uma categoria intermediária entre a vida adulta e a velhice; ela chama a atenção para essas estratégias de socioterapia e de manutenção da "mente ativa", já que são meios privilegiados de intervenção junto a esta população e ganham um espaço significativo na mídia para a criação e divulgação de uma "nova velhice". É preciso refletir acerca do jogo de interesses econômicos e políticos envolvidos em conquistar/explorar uma população de velhos dispostos a consumir bens e serviços e que estão cada vez mais presentes no cenário social.

Para Peixoto (2007), o termo "terceira idade" está substituindo termos como *velhice*, *idoso* e *velho*. A autora esclarece que, antes dos anos 1960, os documentos oficiais brasileiros, dentre eles os produzidos pelo Instituto Nacional da Previdência Social (INPS), denominavam as pessoas com idade acima de 60 anos de *velhas*. O termo *idoso* surge no Brasil no final da década de 1960, era usado para as pessoas que demonstravam capacidade produtiva, mesmo depois de alcançados os 60 anos. Assim, os termos: idoso, terceira-idade, melhor-idade passaram a ser utilizados com o objetivo de diferenciar formas de envelhecer; uns tinham uma velhice ativa, saudável e, outros, não ativa, não produtiva.

A sociedade, em Beauvoir (1990), é que destina ao velho seu lugar e seu papel; há que se levar em conta sua idiossincrasia individual: sua impotência, experiências, seus medos e limitações tendo em vista que o indivíduo é condicionado pela atitude prática e ideológica da sociedade em relação a ele. Esclarece a autora que:

> [...] a velhice, como todas as situações humanas, tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence (p.34) .

Há, nesse momento, que se fazer um questionamento: Como deveria ser uma sociedade para que, na velhice, o homem permaneça um homem? Bosi (2012) responde:

> É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele (p.81).

O Brasil[15] está ficando de cabelos brancos e este fato deve ser analisado, de um lado, porque houve um processo de socialização progressiva desta categoria e, por outro, porque passou a ser objeto de gestão pública. Por muito tempo coube aos familiares e parentes o cuidado e a assistência aos seus velhos; no entanto, com os avanços e saberes da medicina, por intermédio da gerontologia e da geriatria e também do advento da aposentadoria, o Estado passa ter responsabilidades (CORREA, 2009). A mesma autora acrescenta que, em meados do século XX, os conceitos de meia idade, terceira idade e aposentadoria ativa começam a surgir interpostos à etapa adulta e ao envelhecimento.

> A criação de conceitos intermediários entre maturidade e a velhice provocou mudanças significativas no modo de olhar e viver essa fase da vida. Atualmente, a aposentadoria deixou de ser o marco de passagem da fase adulta para a velhice propriamente dita, principalmente a partir das novas políticas que visam alocar o tempo dos aposentados e criar outros estilos de vida. Nesse sentido, há uma intensa produção de demanda para o consumo de produtos destinados a essa população e a propagação da ideia de que a velhice é uma fase própria para o resgate e a realização de sonhos adiados ou não concretizados durante a existência do indivíduo (p.30).

É possível perceber que um novo modelo de ser humano começa a ser construído, aquele que almeja a autorrealização por intermédio do amor, do bem-estar, da vida privada. São indivíduos que organizam suas aspirações fora dos quadros do envelhecimento, desejam a juventude eterna para que se amem e desfrutem sempre do presente, ou seja, não há uma visão de futuro qualitativo dentro do contexto da velhice. Torna-se possível perceber a construção do estado da manutenção da juventude por intermédio de diversificados meios que asseguram seu alcance como: dieta, ginástica, cirurgia plástica e outros. Isso nos remete ao sentido que vai ao encontro do protesto ilimitado contra o mal irremediável da velhice (MORIN, 2000a).

---

[15] O Brasil, segundo dados do IBGE, de 2010, em 34 anos, a população brasileira praticamente dobrou em relação aos 90 milhões de habitantes da década de 1970. No que tange o envelhecimento, prevê-se que, se 2000, o grupo de 0 a 14 anos representava 30% da população brasileira, enquanto os maiores de 65 anos eram apenas 5%; em 2050, os dois grupos se igualarão em 18%.

O processo de envelhecimento não é vivenciado com facilidade e aceitação, uma vez que, neste contexto, reside uma situação dialógica, em que convivem o medo e as perdas em conjunto aos ganhos e boas perspectivas de vida. O idoso é produto do processo de desenvolvimento de seu curso de vida, sendo considerado a expressão das relações de suas interdependências. Organiza as cognições coletivas, em que se instala no seu pensar e agir, descobre suas próprias forças e possibilidades, constituindo as ligações com as forças dos demais, na construção de suas forças organizacionais, direcionando seu emprenho em lutas mais amplas e tornando-as lutas sociais e políticas, demonstrando um envelhecimento humano ativo.

Finalizando essa reflexão, é oportuno reportar-se a Freyre (1973), que afirma que os idosos devem receber um tratamento ético que os identifique sob o ponto de vista biossocial; além disso, são necessários alguns reajustamentos nos relacionamentos interpessoais e intergrupais. Freyre crê em uma velhice saudável ou semi-sã; que será prolongada e amparada pela ciência médica e pela engenharia social, capazes de influir nas gerações contemporâneas. Sua crença anuncia novos valores e paradigmas e também propõe uma reinterpretação do indivíduo biologicamente idoso e de sua capacidade de continuar sendo criativo e útil à sociedade.

O próximo capítulo desta pesquisa apresenta a fundamentação teórica que deu suporte às percepções e a compreensão do sujeito idoso. As informações acerca do envelhecimento e do idoso serão analisadas à luz da Teoria da Complexidade de Edgar Morin, levando em conta as noções de sujeito e subjetividade, bem como, os princípios norteadores do pensamento complexo: dialógico e recursivo e hologramático.

3. CAPÍTULO 2

O ENVELHECIMENTO HUMANO: SUBJETIVIDADE E A COMPLEXIDADE EM EDGAR MORIN

A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou – eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas,
que olha o relógio,
que compra pão às seis horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva, etc.,etc.
Perdoai.
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem usando borboletas...

Manoel de Barros, 2010, p.374.

Ao tratar da complexidade é fundamental retornar à ideia de *complexus*, ou seja, o que é tecido junto, formado por componentes heterogêneos, embora sejam inseparavelmente associados, integrados pelo paradoxo do uno e do múltiplo. Por conseguinte, a complexidade é legitimada ao tecido de acontecimentos, ações interações, retroações, determinações, acasos, constituintes do mundo fenomênico. Entretanto, e por meio dos traços inquietantes do emaranhado, do enredado, da desordem, da ambiguidade, da incerteza que a complexidade se mostra.

Isso decorre da necessidade que emerge do conhecimento em estabelecer uma noção de ordenamento dos fenômenos, desprezando a desordem, com vistas a se afastar do incerto, ou seja, a escolha dos elementos da ordem e da certeza vai ao encontro da necessidade de clarificar, distinguir e hierarquizar o que ocorre no mundo como estado ou noção do real, na construção de contextos de significação para a organização das ações humanas nas mais diversificadas situações. A respeito disso, Morin (2003) chama a atenção:

> O problema do conhecimento é um desafio, porque só podemos conhecer, como dizia Pascal, as partes se conhecermos o todo em que se situam, e só podemos conhecer o todo se conhecermos as partes que o compõe. Ora, hoje vivemos uma época de mundialização, todos os nossos grandes problemas deixaram de ser particulares para se tornar mundiais: o da energia e, em especial, o da bomba atômica, da

> disseminação nuclear, da ecologia, que é o da nossa biosfera, o dos vírus, como a Aids, imediatamente se mundializam. Todos os problemas se situam em um nível global e, por isso, devemos mobilizar a nossa atitude não só para os contextualizar, mas ainda para os mundializar, para os globalizar; devemos, em seguida, partir do global para o particular e do particular para o global (p.13-14).

Nesse âmbito, é possível compreender a tessitura heterogênea que constitui o pensamento complexo a partir do paradoxo do uno e do múltiplo que contribui para a visualização sistêmica dos fenômenos enredados em suas idiossincrasias.

Dessa forma, as dificuldades que emergem do pensamento complexo são correlatas ao enfrentamento de uma teia resultante de um jogo infinito de inter-retroações, em função das relações de intersecção estabelecidas pelos fenômenos entre si, pois são consideradas, no cômputo global, como constituintes do que designamos chamar de realidade. Segundo Morin (2003):

> O pensamento complexo é, portanto, essencialmente aquele que trata com a incerteza e consegue conceber a organização. Apto a unir, contratualizar, globalizar, mas ao mesmo tempo a reconhecer o singular, o individual e o concreto (p.30).

O que propõe o pensamento complexo é, concomitantemente, fundir (com o objetivo de contextualizar e globalizar) e acatar o desafio da incerteza. O que possibilita a melhor compreensão do pensamento complexo são os princípios e/ou operadores que, mesmo interdependentes, estão imbricados e auxiliam no entendimento da complexidade.

3.1 – PRINCÍPIOS DA COMPLEXIDADE

A complexidade possibilita ao homem adquirir a consciência do seu próprio limite e, também, de descobrir que não há limites. O próprio conhecimento humano não tem limite; Petraglia (1995) afirma que não há um saber total, o que há é a construção de um saber que é inesgotável. As noções de complicação (confusão e desordem) e completude (solidariedade advinda da necessidade de não isolar os objetos) que estão presentes no pensamento complexo, proporcionam ao homem a certeza de que jamais será possível separar-se das incertezas, pois na vida e na ciência as certezas não são absolutas.

Para a melhor compreensão do pensamento complexo, Morin (2011a) apresenta o exemplo de uma tapeçaria que é confeccionada com diferentes tipos de fios de seda, de

algodão, de lã e com cores variadas. Para que se conheça verdadeiramente a tessitura, a forma e a configuração desta tapeçaria não é suficiente apenas saber quais os princípios que compõem cada um dos fios, suas qualidades e propriedades. São necessárias três etapas para compreender a complexidade, para Morin (2011a):

> Primeira etapa da complexidade: temos conhecimentos simples que não ajudam a conhecer as propriedades do conjunto. Uma constatação banal cujas consequências não são banais: a tapeçaria é mais do que a soma dos fios que a constituem. Um todo é mais do que a soma das partes que a constituem.
> Segunda etapa da complexidade: o fato de haver uma tapeçaria faz com que as qualidades deste ou daquele tipo de fio não possam se exprimir plenamente. Elas são inibidas ou virtualizadas. O todo é então menor do que a soma das partes.
> Terceira etapa: isto apresenta dificuldades para nosso entendimento e nossa estrutura mental. O todo é ao mesmo tempo mais e menos do que a soma das partes. [...] os fios não estão dispostos ao acaso (p.85-86).

Morin (2011a) aponta três princípios com os quais se articula a teoria da complexidade que são o dialógico, o recursivo e o hologramático, os quais se complementam, são interdependentes e contribuem para a compreensão do pensamento complexo. Acerca da complexidade, Almeida (2004) discorre:

> Trata-se de um método capaz de absorver, conviver e dialogar com a incerteza; de tratar da recursividade e dialogia. Que movem os sistemas complexos; de reintroduzir o objeto no seu contexto, isto é, de reconhecer a relação parte-todo, conforme uma configuração hologramática; de considerar a unidade na diversidade e a diversidade na unidade; de distinguir, sem separar nem opor; de reconhecer a simbiose, a complementaridade e, por vezes, mesmo a hibridação, entre ordem e desordem, padrão e desvio, repetição e bifurcação, que subjazem aos domínios da matéria, da vida, do pensamento e das construções sociais; de tratar do paradoxo (p.15).

Pelo princípio dialógico, Morin (2011a) explica a questão da Gênese e da criação do mundo, que se apresenta como o início da relação existente entre ordem, desordem e organização, que se dá por via das interações presentes em ações no mundo físico, biológico e humano. Esses termos presentes na dialogia se atraem e se desenvolvem em complexidade crescente e são, ao mesmo tempo, complementares, concorrentes e antagônicos. Morin (2011a) destaca a importância do operador dialógico, visto que contempla as contradições e ambivalências.

> O que digo a respeito da ordem e da desordem pode ser concebido em termos dialógicos. A ordem e a desordem são dois inimigos: um suprime o outro, mas ao mesmo tempo, em certos casos, eles colaboram e produzem organização e complexidade. O princípio dialógico nos permite manter a dualidade no seio da unidade. Ele associa dois termos ao mesmo tempo complementares e antagônicos (p.74).

O princípio da recursão organizacional remete à relação do tempo, produto e produtor. É o processo que, ao mesmo tempo em que os produtos e os efeitos são causas, são também produtores que o produz. Diante disso, Morin (2011a) afirma:

> Uma vez que somos produtos, nos tornamos os produtores do processo que vai continuar. Esta ideia é válida sociologicamente. A sociedade é produzida pelas interações entre indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida, retroage sobre os indivíduos e os produz. Se não houvesse a sociedade e sua cultura, uma linguagem, um saber adquirido, não seríamos indivíduos humanos. Ou seja, os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos. Somos ao mesmo tempo produtos e produtores (p.74).

Esse princípio é fundamental para a compreensão da complexidade, o anel recursivo, o operador recursivo ou recorrente. Os efeitos retroagem sobre as causas, determinando que os produtos sejam produtores daquilo que os produz. Esse fato gera a chamada causalidade circular recursiva que ajuda a compreender que os fenômenos e processos são, em cada momento e ao mesmo tempo, produtores e produto do momento seguinte. Conforme Petraglia (2001), o princípio recursivo:

> Transmite a ideia de “anel recorrente”, em que os efeitos e produtos são simultaneamente causadores e produtores. Esses processos iniciais dependem dos estados finais e vice-versa. É mais que um circuito e que uma retroação reguladora presente na cibernética: trata-se de um processo organizador necessário e múltiplo que envolve tanto a percepção como o pensamento (p.35).

O princípio hologramático evidencia que a(s) parte(s) só pode(m) ser entendida(s) em função do todo e vice-versa. Para que se possa compreender a tessitura de algo ou o significado de um fato ou um fenômeno é necessário contextualizá-lo. A construção de conhecimentos por meio da contextualização requer a participação das diferentes dimensões do aprendente, tais como as emotivas, as corporais e as mentais. No operador hologramático cada célula faz parte de um todo, ou de um organismo global; o todo, por sua vez, está

presente em cada célula individual. São, portanto, intercomplementares entre si. Petraglia (2001) esclarece:

> O princípio hologramático destaca o aparente paradoxo dos sistemas em que a parte está no todo assim como o todo está na parte. Trata-se da totalidade do patrimônio genético que está presente em cada célula individualmente. Concebe a imagem do holograma, que concentra em si todos os pontos. O holograma é uma imagem física projetada no espaço em três dimensões. Sua projeção remete-nos à imagem do objeto hologramático em que estão presentes as sensações de relevo e cor. O rompimento de uma imagem hologramática não mostra imagens mutiladas ou fragmentadas, mas imagens completas e multiplicadas (p.35).

O operador hologramático inclui características que, ao mesmo tempo, distinguem e diferenciam os indivíduos em um processo organizado, além de remeter às noções elementares do pensamento complexo de ordem, desordem, organização e interação entre elas.

Tais princípios, aplicados às produções e às relações humanas, evidenciam as interações entre os indivíduos e a sociedade, posto que o ser humano é produto e produtor ao mesmo tempo, o que configura uma auto-eco-organização que emerge da trindade humana, indivíduo-espécie-sociedade, e assim constituindo-se em dialógica, recursiva e hologramática; esses operadores cognitivos possibilitam ampliar o foco e o campo de observação, de análise e de compreensão do ser humano.

Cada indivíduo constitui-se do todo e das partes que se complementam e interagem com a trindade humana: indivíduo/sociedade/espécie. O pensamento complexo possibilita estabelecer um canal de diálogo entre os diferentes paradigmas: entre o homem e as ideias que ele produz; entre o ser humano e suas racionalizações. Nesse pensar complexo integram-se pontos de vista distintos, às vezes antagônicos, contraditórios, concorrentes ou complementares.

Na complexidade supera-se a explicação linear, a disjuntiva, a redutiva; tudo é compreendido a partir dos princípios da dialogia, da recursividade e do hologramático. O indivíduo lê e interpreta a tradição, a cultura e as racionalizações do pensamento. Procura nelas as ligações complexas, porque é dotado de superioridade em relação à sociedade e à espécie; apenas o homem possui a consciência e a plenitude de sua subjetividade.

3.2 – A SUBJETIVIDADE

O termo “subjetividade” tem sua raiz etimológica, assim como a palavra sujeito, no latim *subjectum*, e significa: “o que subjaz”, “o que jaz no fundo”, ou ainda, “colocar sob”. Ou seja, é onde se organizam as experiências individuais, pessoais (mundo interno) e que possibilitam a relação com os outros, com o mundo social (mundo externo), resultando nas marcas singulares que fazem parte da formação do indivíduo, de seus valores, suas crenças, ritos. Essas marcas são compartilhadas numa dimensão cultural e constituem a história coletiva dos grupos, da humanidade. É possível também explicar subjetividade com a seguinte definição de Dias (2006):

> A subjetividade é um sistema organizador do mundo interno e do mundo externo do sujeito, construído nas relações interpessoais e por sua influência. Ela se manifesta na singularidade e na peculiaridade de cada um, podendo ser conhecida ou desconhecida. Esta subjetividade permite ou obstrui o desenvolvimento e o crescimento pessoal. Impede ou resgata lembranças do passado que se mostram e interferem no presente (In: ALMEIDA; PETRAGLIA, 2006, p.13-14).

Para Dias (2008a), egocentrismo está posto na noção de subjetividade, que implica em ocupar um lugar no mundo e lidar com os princípios de inclusão e exclusão. Enquanto sujeito, cada indivíduo traz uma unicidade singular, mas que também é partilhada com os outros. Sendo assim, adverte Morin (2007):

> Ser sujeito supõe um indivíduo, mas a noção de indivíduo só ganha sentido ao comportar a noção de sujeito. A definição primeira do sujeito deve ser bio-lógica. Trata-se de uma lógica de autoafirmação do indivíduo vivo, pela ocupação do centro do seu mundo, o que corresponde literalmente à noção do egocentrismo. Ser sujeito implica situar-se no centro do mundo para conhecer e agir (p.75).

O autor (2007) ainda afirma que ser sujeito implica ocupar uma posição, um lugar no centro do mundo que possibilita o lidar com ele e consigo mesmo. Essa é a noção de egocentrismo que também comporta os princípios da exclusão e o da inclusão. No que tange à exclusão, refere-se à singularidade genética antagônica, psicológica, afetiva do ser: “’Eu’ é único em cada um” (MORIN, 2000b, p.122). O princípio da inclusão, para o autor, é que permite a inserção do sujeito em uma comunidade, família, em um grupo e no mundo; dá a

possibilidade ao ser humano de comunicar-se (princípio de identidade) entre os sujeitos da mesma espécie, mesma cultura, da mesma sociedade.

Um princípio é, ao mesmo tempo, complementar e antagônico ao outro; ao situar o sujeito no centro do mundo também permite situar o outro nesse mesmo lugar. Morin (2000b) alega ser possível:

> [...] inscrever um "nós" em meu "Eu", como eu posso incluir meu "Eu" em um "nós": assim, posso introduzir, em minha subjetividade e minhas finalidades, os meus, os meus parentes, meus filhos, minha família, minha pátria. Posso incluir em minha subjetividade aquela (aquele) que amo e dedicar meu "Eu" ao amor, seja à pessoa amada, seja à pátria comum (p.122).

Morin (2011b) chama a atenção para o prefixo *com-* que está presente na formação das palavras c*om*plexidade e *com*preensão e que abarca o entrelaçar, envolver a tessitura de seus elementos. O pensamento complexo propõe a compreensão complexa para que seja possível ao homem aceitar a sua incompletude e o seu inacabamento e, desta maneira, entender que "a incompreensão produz a vontade de prejudicar, que gera a incompreensão" (p.111), provoca ódio, desprezo, calúnias, violências, além de acentuar o individualismo e a exclusão. O autor também informa quais os três procedimentos que devem ser conjugados para engendrar a compreensão humana:

> - A compreensão objetiva [...] comporta a explicação. A explicação obtém, reúne e articula dados e informações objetivos relativos a uma pessoa, um comportamento, uma situação, etc.
> - A compreensão subjetiva é o fruto de uma compreensão de sujeito a sujeito que permite, por *mimesis* (projeção-identificação), compreender o que vive o outro, seus sentimentos, motivações interiores, sofrimentos e desgraças.
> - compreensão complexa engloba explicação, compreensão objetiva e subjetiva. A compreensão complexa é multidimensional; não reduz o outro a somente um dos seus traços, dos seus atos, mas tende a tomar em conjunto as diversas dimensões ou diversos aspectos da sua pessoa (p.112-113).

O indivíduo tem características próprias que o singulariza, distingue e o diferencia dos demais, como a autonomia, fisiologia, comportamento, aspectos psicológicos, inteligência, sua cultura e raça. Petraglia (1995) admite que a noção de sujeito é o que faz o indivíduo ser único e original e ser autor de seu processo organizador. A autora destaca que o "[...] sujeito emerge ao mesmo tempo que o mundo a partir de sua auto-organização, que é a capacidade

que o ser humano tem de transformar-se, sempre" (p.58). Desta forma, o ser humano escolhe e decide o que quer, o que deseja vivenciar e quais possibilidades experimentar. Ou seja, ele vai traçando sua própria trajetória de vida a partir das escolhas que realizou (MORIN, 1980 *apud* PETRAGLIA, 1995). Ainda, consoante com a autora:

> A consciência humana, última filha da subjetividade, surgiu tremendo no mundo. Embora seja oscilante, embora seja tão frágil diante do medo de si mesmo que cada um dos seus ímpetos fulgurantes é sempre seguido duma queda, ela entra por sua vez na vida e é no seu próprio devir que vai jogar-se o devir-sujeito do homem (p.62).

O conhecimento, para Petraglia (1995), faz parte da existência humana; e a ação de conhecer está presente nas ações biológicas, cerebrais, espirituais, culturais, linguísticas, sociais, políticas e históricas do homem. Assim sendo, todo tipo de conhecimento envolve características que são individuais, existenciais, subjetivas, e também as que norteiam a razão, as objetivas. No ato de conhecer uma variedade de aspectos devem ser considerados: paixão, dor e prazer. No ato de aprender, a união do que é conhecido e do que é desconhecido está presente, há uma conjunção do reconhecimento e da descoberta. Como destaca Morin (2007):

> Cada idade tem suas verdades, suas experiências, segredos. [...] Contudo, através da multiplicidade sucessiva das idades, cada um, sem perceber, carrega, presente em todas as idades, todas as idades. A infância e a adolescência não desaparecem na idade adulta, mas são recessivas; a infância reaparece nos jogos; a adolescência, nos amores e nas amizades; também o velho guarda as idades anteriores e pode facilmente voltar à adolescência e à infância. Talvez o bebê já seja um velho (p.85-86).

Nesse contexto, não se pode negar a relevância desempenhada pela educação, como mediadora do processo de inclusão social do idoso. Assim, a convivência entre diferentes gerações, no espaço universitário, contribui para um valioso intercâmbio de experiências, pois as pessoas idosas podem, em decorrência de seus conhecimentos e vivências, colaborar com as novas gerações na aprendizagem em conjunto e na construção de processos reflexivos, em relação à interação com os conhecimentos acadêmicos difundidos nesse espaço.

No que se refere às relações intergeracionais, segundo Oliveira (2007):

> Com a inserção do idoso na comunidade universitária a integração entre gerações ocorre necessariamente, fomentando debates sobre as questões que envolvam essa faixa-etária, analisando preconceitos e discriminações ora sustentados socialmente e que se apresentam sem

> fundamentação científica. O próprio idoso, ao se conscientizar do seu espaço na sociedade, terá de si mesmo uma visão mais otimista, considerando-se produtivo, útil, capaz de muito ainda colaborar para a sociedade na qual está inserido (p.283).

Conviver é, em sua origem, característica natural do ser humano – e é organizada com base no diálogo. Convivência e diálogo, por sua vez, estão presentes na construção de relações interpessoais, as quais contribuirão para a edificação da história do indivíduo como ser integrado, integrador e participativo da sociedade. Quando se olha a educação sob a ótica da complexidade, percebe-se que ela é composta por um entrelaçamento de relações entre indivíduos, como um fenômeno multidimensional, um holograma. Sá (2008) destaca que:

> O olhar que tece a compreensão à luz do pensamento complexo vê a educação além de sua historicidade, as dimensões: antropológica, étnica, de raça, gênero, biológica, sociológica, econômica, cultural, religiosa, filosófica, mítica, geográfica. Elas se interpenetram, interdependem, e articulam, num processo dialógico e recorrente, conformando - deformando os processos educativos (escolares e não escolares) da sociedade humana (p.226).

É de importância vital considerar a trindade humana: indivíduo, sociedade e espécie, assim como a articulação existente entre elas. Os processos culturais influenciam nas interações entre os indivíduos e a sociedade; estão presentes no processo de ensino-aprendizagem; e permeiam as conexões e ligações estabelecidas na trajetória escolar. É fundamental que se respeite o outro pela diferença, identidade, experiência, faixa etária e cultura. Mais uma das contribuições de Morin, fruto do paradigma da complexidade, a transdisciplinaridade, propõe uma ruptura com tudo que reduz, separa, fragmenta e simplifica. Petraglia (1995) discorre sobre o tema:

> [...] prática transdisciplinar proposta por Morin não há espaço para conceitos fechados e pensamentos estanques, enclausurados em gavetas disciplinares, mas há obrigatoriamente a busca de todas as relações que possam existir entre todos os conhecimentos (p.74).

Onde existe a vida, há ciência, e onde há ciência, a vida se manifesta. Nessa relação, o ser humano vai se desenvolvendo e se organizando, transforma-se e transforma a natureza. Considerando os princípios de ordem, desordem e organização, o ser humano procede a sua auto-eco-organização e para que isso aconteça é necessário que haja "[...] uma consciência reflexiva de si e do mundo, uma nova ética da solidariedade, que implica em mudança de

atitude e perspectiva diante da vida" (PETRAGLIA, 1995, p.62). Ainda segundo a mesma autora (2002), é importante ressaltar a auto-eco-organização do "*homo complexus*".

> O ser humano traz em si um conjunto de características antagônicas e bipolares. Ao mesmo tempo em que é sábio, é louco; é prosaico e é poético; é trabalhador e lúdico; é simultaneamente empírico e imaginário. Vive de muitos jeitos e se apresenta de várias maneiras. É unidade e diversidade; é multiplicidade, pluralidade e indissociabilidade; é corpo, ideias e afetividade. É um *homo complexus* (p.04).

É possível inferir que o sujeito está em constante processo de construção de sua formação e que a contemporaneidade abre espaço para a perspectiva de adotar novas posturas e comportamentos que são influenciados pelo modo de pensar. Sendo assim, os pensamentos determinam as práticas que se estabelecem e se desenvolvem nas sociedades e a educação apresenta-se como propulsora da transformação social, pois é por intermédio dela que, além da aquisição de conhecimentos, o processo de socialização se intensifica e a formação de um sujeito crítico e reflexivo se consolida.

3.3 – TECENDO OS FIOS DA COMPLEXIDADE E DA SUBJETIVIDADE PARA COMPREENDER A VELHICE

Na complexidade não se busca a certeza, convive-se com a incerteza. Os fios do pensamento complexo são tecidos de maneira a formar uma trama em que tudo está harmoniosamente em desarmonia. Nada está separado de nada, tudo se liga com tudo. Sete séculos antes de Cristo, Heráclito já dizia que há harmonia na desarmonia e vice-versa (MORIN, 2011a); o mesmo filósofo grego também proferiu uma frase célebre que Morin reproduz em sua obra: "Viver de morte, morrer de vida" (2011a, p.64).

Em sua concepção filosófica está presente a doutrina dos contrários: a lei secreta do mundo reside na relação de interdependência entre dois conceitos opostos, em luta permanente e, no entanto, ao mesmo tempo, um não poderia existir sem o outro. De acordo com a doutrina de Heráclito, nada existiria se não existisse, ao mesmo tempo, o seu oposto. Para Morin (2011a), a dialógica vida-morte é plenamente comprovada, já que vivemos da morte de nossas células, sendo a vida o que resiste à morte.

> [...] viver é, sem cessar, morrer e se rejuvenescer. Ou seja, vivemos da morte de nossas células, como uma sociedade vive da morte de seus indivíduos, o que permite rejuvenescer. Mas à força de rejuvenescer,

> envelhecemos e o processo de rejuvenescimento desanda, se desequilibra e, efetivamente, vive-se de morte, morre-se de vida (p.63).

Conforme mostra Morin (1997a), a velhice e a morte fazem parte da herança genética humana e são "coisas normais e naturais, porque uma e outra são universais e não sofrem qualquer exceção entre os mortais" (p.320). Ainda acrescenta: "[...] o risco de morte é participação e a participação é vida. O medo da vida é o medo da morte e o medo da morte é o medo da vida. Viver é assumir o risco de morrer" (p.250).

Envelhecimento, última fase do viver humano, provoca modificações biológicas, psicológicas e sociais no organismo. O surgimento de rugas, as madeixas brancas, calvície, diminuição dos reflexos, enrijecimento muscular, alterações de funções orgânicas e transformações das reações químicas estão em ebulição no organismo do indivíduo que avança na idade cronológica. Há que adaptar-se às mudanças psicológicas, organizar-se em uma nova rotina diária, além de lidar com modificações no âmbito social, a diminuição da produtividade e, em consequência, a redução da capacidade física e econômica.

Morin (2000b) relaciona um dos princípios da identidade do sujeito com o envelhecer, denomina-o como *inseparável*, que é:

> "Eu" continua o mesmo a despeito das modificações internas do "eu" (mudanças de caráter, de humor), do "si mesmo" (modificações físicas devidas à idade). De fato, o indivíduo modifica-se somaticamente do nascimento à morte. Há modificações extremas no interior do "eu". A despeito disso tudo, o sujeito continua o mesmo. Ele diz simplesmente: "Eu era criança", "Eu estava irado", mas é sempre o mesmo "Eu", ao passo que os caracteres exteriores ou físicos do indivíduo se modificam. Aí está o segundo princípio da identidade, esta permanência da auto-referência, apesar das transformações e através das transformações (p.121).

O envelhecimento é, portanto, um processo universal, normal e dinâmico que afeta o próprio sujeito que envelhece, a família, a comunidade, a sociedade, visto que o indivíduo está em contato permanente com as influências e interferências do meio em que vive, organiza-se em redes de relações e inter-relações e, desde que nasce até sua morte, é nessa trama de fios entrelaçados que constrói sua subjetividade. Ao considerar o sujeito idoso nesta relação do todo com as partes e vice-versa, torna-se uma contradição definir o ser idoso

apenas no plano cronológico[16]; as condições físicas, biológicas, mentais, funcionais, psicológicas interferem ao determinar o que é ser idoso.

É importante destacar o quão relevante é o papel da linguagem na constituição dos sujeitos e como alguns eufemismos interferem nos processos de subjetivação. Da década de 1980 em diante muitas formas de identificar o envelhecimento foram surgindo: "terceira idade", "melhor idade" e, em documentos e textos legais, o termo oficial que se utiliza nos países em desenvolvimento é a palavra "idoso" ou "idosa", para referir-se às pessoas acima dos 60 anos de idade. Idoso(a): pessoa que tem muita idade; a palavra "velho" também aparece nos dicionários como sendo um sinônimo; todavia, o uso de idoso(a) tornou-se o "politicamente correto", e nos atropelos de tratamento, com um apelo à própria negação do estereótipo da decrepitude, inatividade, ou mesmo, invisibilidade.

Silva (2000, p.82) sustenta que "a afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir [...] dizer 'o que somos' significa dizer 'o que não somos'". Em suas reflexões sobre o tema, ainda observa que quando se usa a designação "velho(a)", que carrega um estereótipo de um ser que é improdutivo, é possível perceber o quanto a sociedade moderna colocou no trabalho o sentido de dignidade do homem.

Por outro lado, cria-se uma nova identidade geracional com o uso do termo idoso(a), já que o envelhecimento atinge a todos e ninguém precisa mais temer ou envergonhar-se de envelhecer, pois as marcas nefastas da velhice podem ser evitadas ou adiadas. Morin (2000a) sustenta que surge um novo modelo de ser humano que está "[...] em busca de sua auto-realização, através do amor, do bem-estar, da vida privada. É o homem e a mulher que não querem envelhecer, que querem ficar sempre jovens para sempre se amarem e sempre desfrutarem do presente" (p.157).

É possível perceber que cada vez mais o rejuvenescimento se democratiza, são muitos os meios para alcançar esse propósito: através de dietas, atividades físicas, intervenções cirúrgicas, cremes que suavizam as marcas do tempo; enfim, tudo isso demonstra, "metafisicamete, um protesto ilimitado contra o mal irreversível da velhice" (MORIN, 2000a, p.157).

---

[16] Para a Organização das Nações Unidas (ONU), 1982, o *ser* idoso difere para países desenvolvidos (65 anos) e para países em desenvolvimento (60 anos). No Brasil é considerado idoso quem tem 60 anos mais e mais. Essa definição foi estabelecida pela ONU, em 1982, na Resolução 39/125, durante a Primeira Assembleia Mundial das Nações Unidas sobre o Envelhecimento da População, relacionando-se com a expectativa de vida ao nascer e com a qualidade de vida que as nações propiciam aos cidadãos.

Transformações e avanços científicos, progressos na medicina e na tecnologia possibilitaram que o ser humano seja longevo e tenha mais qualidade de vida. O tema velhice tem ocupado espaço em jornais, debates, congressos, estudos interdisciplinares, em dissertações e teses e passa a ser entendido como um processo complexo que envolve fatores de ordem biológica, social, econômica e cultural. A identidade do ancião, que antes era fixa, imutável e sem um lugar preciso, já que transitava em dois territórios – o passado impossível de retornar e o presente que não lhe possibilitava uma atuação digna –, está se modificando.

O conceito de velhice, aos poucos, está envelhecendo e mostrando que a identidade de cada indivíduo nunca está concluída e acabada, mas sempre em processo de transformação. Cada indivíduo, sendo único, é dotado de reações e atitudes diferentes, de sonhos e de frustrações que a ele pertence. Sá (2002) ilustra com maestria essas transformações ocorridas na velhice:

> O idoso é um ser de seu espaço e de seu tempo. É o resultado do seu processo de desenvolvimento, do seu curso de vida. É a expressão das relações e interdependências. Faz parte de uma consciência coletiva, a qual introjeta em seu pensar e em seu agir. Descobre suas próprias forças e possibilidades, estabelece conexões com as forças dos demais, cria suas forças de organização e empenha-se em lutas mais amplas, transformando-as em força social e política (p.1120).

Os critérios cronológicos são categorias criadas socialmente para determinar o lugar de cada indivíduo na sociedade; todavia, a dimensão temporal subjetiva não pode ser deixada de lado ao conceituar um indivíduo como velho. Fatores como temperamento, saúde, família, história de vida, classe social, condições socioeconômicas, atividades laborais ou cognitivas influenciam no conceito de velhice.

Existem idosos que aceitam o novo, sacodem a poeira da idade, deixam as mazelas e as vicissitudes de lado. Não ficam parados no tempo e buscam as novidades trazidas pelas tecnologias, realizam diversos cursos informais, frequentam as Universidades da Terceira Idade; outros idosos optam por fazer vestibulares e ingressam em universidades presenciais, em que são alunos regulares e vivenciam uma relação intergeracional em sala de aula. San Martin e Pastore (1990) comentam a esse respeito:

> Não existe um consenso sobre o que se chama velhice porque as divisões cronológicas da vida humana não são absolutas e não correspondem sempre às etapas do processo de envelhecimento natural, os desvios se produzem em ambos os sentidos, isto é, a velhice não é definível por

> simples cronologia, senão – e melhor! – pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas analisadas, o que vale afirmar que podem ser observadas diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica. Sucede assim porque o processo do envelhecimento, em geral, é muito pessoal e cada indivíduo envelhecendo pode apresentar involuções em diferentes níveis e em diversos graus, no sentido de que certas funções e dificuldades declinam mais rapidamente que outras (p.74).

Morin (1997b, p.255) conta que envelheceu aos dez anos de vida, quando perdeu a mãe. Esse fato determinou "um envelhecimento irremediável e uma infantilização duradora". Em sua trajetória de vida, desde criança até os dias atuais, em que está com mais de 90 anos, conserva a curiosidade e os questionamentos da infância.

> É agora, quando se misturam envelhecimento e rejuvenescimento, que sinto em mim todas as idades da vida. Sou permanentemente a sede dialógica entre infância/adolescência/maturidade/velhice. Evoluí, variei, sempre segundo esta dialógica. Em mim, unem-se, mas também se opõem, os segredos da maturidade e os da adolescência (p.256).

No processo de envelhecer verifica-se uma relação dialógica em que estão presentes o medo e as perdas, assim como os ganhos e as boas expectativas. Na busca da hominização, em que se desenvolvem as potencialidades psíquicas, espirituais, éticas, culturais e sociais, torna-se desejável estabelecer algumas metas, tais como o viver melhor, o viver verdadeiramente, o que significa viver com compreensão, solidariedade e compaixão.

Morin (2000b) considera que a "ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada" (p.51) e acrescenta:

> A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão (p.51).

Essa forma de viver, como propõe Morin (2000b), deve considerar uma reforma do pensamento, que leva a uma reforma nas atitudes, permitindo ao homem aprender a compaixão pelo sofrimento dos humilhados e conquistar a verdadeira compreensão. "A ética da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave de nossos tempos de incompreensão generalizada" (p.51).

Um constante e sem cessar morrer e rejuvenescer faz parte da vida de cada um. Morin (2000b) destaca que o sujeito humano é um sujeito auto-eco-organizador de si mesmo, de suas ações e do seu conhecer e que isso lhe dá possibilidade de se conhecer e até de conhecer como se conhece. É possível afirmar que quando o idoso reflete e repensa a sua vida e decide estudar, isso ocorre porque ele é capaz de ampliar suas habilidades, de elaborar novos objetivos e, assim, traçar estratégias para alcançá-los. Pensar na possibilidade de educação para idosos é pensar em instrumentos de melhoria na qualidade de vida desse segmento etário.

É essencial romper com os estereótipos negativos atribuídos à velhice, há que se ter um novo olhar sobre essa etapa da vida e promover a desconstrução dessa imagem do idoso como excluído do convívio social e profissional. Portanto, como destaca Oliveira (2007):

> Faz-se necessária uma transformação progressiva do lugar social da terceira idade, o reconhecimento da velhice e do idoso como sujeito psíquico existente e como agente social, permitindo uma outra maneira de redimensionamento e da inserção do idoso na ordem da temporalidade, delineando a possibilidade de dimensão de futuro (p.282).

As transformações e os avanços sociais decorrem da ação educacional. Logo, pela educação o idoso é capaz de ampliar suas relações interpessoais/intergeracionais, melhorar sua qualidade de vida, aprimorar e aumentar suas habilidades, além de expandir sua vida social e cultural. A educação se constitui como uma prática social situada historicamente em uma realidade total; dependendo do projeto de homem e de sociedade que se deseja construir, “a educação pode ser trabalhada dentro de uma perspectiva ingênua ou crítica, dentro de uma perspectiva que vise alienar ou libertar os seres nela envolvidos, surgindo como instrumento eficaz na criação do tipo de homem e de sociedade idealizada” (OLIVEIRA, 2007, p.282).

Oliveira, Oliveira e Scortegagna (2012) afirmam que pensar a educação como uma ação permanente, em que o processo de aprendizagem ocorre durante toda a vida, não demonstra apenas uma evolução do pensamento pedagógico, “trata-se de uma necessidade de constante atualização num ambiente globalizado onde as mudanças são rápidas e contínuas, permitindo que o homem evolua segundo estes preceitos” (p.12).

A educação, enquanto prática social, permite que o idoso continue aprendendo, seja atuante e participativo. A aquisição de conhecimentos, a atualização, o sentir-se situado no mundo possibilitará a este idoso traçar estratégias para alcançar novos objetivos, vislumbrar novas perspectivas de futuro e conscientizar-se do seu papel enquanto ator social.

Dessa forma, é possível afirmar que o conhecimento é um instrumento eficaz para promover o empoderamento individual e coletivo, sobretudo para os idosos, num esforço para solucionar os desequilíbrios ainda presentes na sociedade. Para as autoras Oliveira, Oliveira e Scortegagna (2012):

> O poder pode ser entendido no sentido de transformação social, entre aqueles que detêm ou não o poder, gerando uma mudança significativa em busca de uma maior equitatividade. Por outro lado, o poder, segundo Paulo Freire, constitui um aumento da conscientização e desenvolvimento da criticidade entre os marginalizados e oprimidos, suscitando maior capacidade de intervenção e controle das situações. Entre estes grupos marginalizados situa-se o segmento do idoso e, nesta nova postura, os idosos serão capazes de desempenhar um papel mais ativo, fortalecendo suas habilidades e assumindo a postura de protagonistas legítimos do próprio desenvolvimento (p.8-9).

Sendo a educação o que impulsiona as transformações sociais, ela também intensifica o processo de socialização e colabora para a formação de um sujeito crítico e reflexivo. Nesse contexto, factível imaginar e/ou até sonhar com uma transformação cultural e da própria sociedade em relação ao processo de envelhecimento.

O capítulo seguinte traça o caminho metodológico que guiou os procedimentos de coleta de dados e os recursos utilizados para a análise do conteúdo das entrevistas realizadas com seis idosos universitários (três homens e três mulheres). São quatro alunos de universidades privadas de São Paulo; uma estadual do Paraná e uma federal de Goiás. Esses sujeitos foram os colaboradores que oportunizaram a construção do *corpus* documental desta pesquisa.

4. CAPÍTULO 3

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Eu já fui de vários jeitos
Jeitos que não eram eu
Demorei a encontrar
meu caminho
Trilhando caminhos
que não eram o meu
Mas ao longo dos caminhos
Encontrei muitas flores
E também muitos espinhos
Descobri vários amores
Enfrentei vários temores
Pelas beiras dos caminhos
E eles foram se fundindo
Todos em uma coisa só
Os caminhos, os amores
E os temores
Tudo o que encontrei
Tentando ser o que não era eu
Transformou-me no que eu sou
E formou o caminho
Que finalmente era o meu...

Raul Seixas, 1982.

Os pressupostos teóricos que guiaram este estudo estão embasados na literatura que aborda o pensamento complexo e a subjetividade do sujeito idoso em suas relações sociointerativas no espaço universitário. Pensamento complexo é o responsável pela ampliação do saber e postula que os encontros, desencontros, reencontros com outros saberes são necessários. Do contrário, sempre prevalecerá um pensamento reducionista e simplificador que debilita e impede o acesso a outros conhecimentos. Essa forma de pensar amplia e liberta o sujeito aprendente dos estereótipos produzidos pelas certezas, posto que, tanto na vida quanto na ciência não há certezas absolutas e, sendo assim, não existe um saber total, que se esgota.

A construção do saber acontece junto com a ação. Morin (1986) faz uma referência à inseparabilidade do conhecimento e da ação:

> Como todo o conhecimento cerebral, o conhecimento humano é, na sua origem e nos seus desenvolvimentos, inseparável da acção; como todo conhecimento cerebral, elabora e utiliza estratégias para resolver os problemas postos pela incerteza e a incompletude do saber (p.192).

Em oposição aos mecanismos reducionistas, faz-se necessário um pensamento que integre os modos de pensar e considerar as influências externas e internas e sua interdependência e também lidar com as incertezas no processo de aquisição de conhecimento. O pensamento complexo dialoga com a complexidade do universo, com os sentidos inesgotáveis e sempre abertos do real, o que Morin (1999) denomina de pensamento civilizado e que é capaz de produzir conhecimento pertinente.

Três princípios contribuem para organizar o conhecimento complexo: o dialógico, o hologramático e o recursivo; estes princípios possibilitam religar saberes, perceber as contradições e as relações entre as partes e o todo e vice-versa. Por esse caminho é possível entender o núcleo do pensamento complexo que se revela enquanto *unitas* e *multiplex*, ou seja, a unidade na diversidade.

Morin (2002b, p.43) acredita que se vive uma cidadania planetária em que há um excesso de comunicação e, por outro lado, muito pouca compreensão. Por isso, defende que "[...] não basta multiplicar as formas de comunicação, também é preciso a compreensão". Para que não haja uma confusão com essas duas palavras, o autor adverte que "[...] a compreensão é um fenômeno que mobiliza os poderes subjetivos de simpatia para entender uma pessoa como uma pessoa que é também sujeito" (2002b, p.42-43). E complementa: "A ética da compreensão exige que compreendamos a incompreensão" (2011b, p.116). Assim:

> A compreensão do ser humano baseia-se, implicitamente ou não, numa antropologia complexa que reconhece a dupla natureza do *homo sapiens/ demens* e assume as consequências éticas da concepção de Mac Lean do cérebro triúnico, comportando o paleocéfalo (herança dos répteis), fonte de agressividade, do cio, das pulsões primárias; o mesocéfalo (herança dos antigos mamíferos), onde se desenvolvem a afetividade e a memória a longo termo; o córtex, que cresce nos mamíferos até envolver as outras estruturas e formar os dois hemisférios cerebrais. O neocórtex alcança no homem um desenvolvimento extraordinário (p.114-115).

A presente investigação é uma pesquisa qualitativa, tendo como finalidade aprofundar os aspectos constantes dos objetivos estabelecidos para este estudo. Conforme Martins (2004), pesquisa qualitativa privilegia a análise de microprocessos, englobando sujeitos e grupos. O sujeito investigado tem condições de expressar-se livremente acerca do tema que

está sendo explorado, há uma interação entre o pesquisador e o entrevistado que oportuniza uma visão aprofundada das situações e contextos mais complexos.

A metodologia qualitativa rompe com a neutralidade e estabelece um comprometimento do investigador com valores, crenças, ideologias, hábitos e princípios na construção da pesquisa. Em decorrência da "variedade de material obtido qualitativamente [a pesquisa qualitativa] exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica que, por sua vez, depende do desenvolvimento de uma capacidade criadora e intuitiva" (MARTINS, 2004, p.292).

Entrevistar um indivíduo é muito mais que um encontro; é preciso que exista uma interação entre as partes envolvidas e uma escuta atenta. Ao escutar a experiência individual, um leque de oportunidades se abre para a compreensão do coletivo, do conjunto social que envolve as pessoas, suas verdades, conhecimentos, sabedoria, ilusões, equívocos (MORIN, 2002b). Registrar o que se ouve é uma prática antiga aliada à política de documentar; aqueles que guardavam os relatos eram também detentores do poder. Sobre o tema, Meihy e Holanda (2007) asseguram:

> Seria um erro supor que o uso de entrevistas signifique novidade. Desde sempre elas se constituíram em recurso para a formulação de argumentos repassados para a cultura em diversos níveis. De pais para filhos, de geração para geração, na vida cotidiana, através dos séculos, as pessoas transmitem suas experiências, preceitos e ensinamentos úteis. Há, portanto, certa naturalidade na comunicação. Isso, contudo, não deve ser confundido com entrevistas, que se caracterizam por um mínimo de objetivo e formalidade (p.101).

Meihy e Holanda (2007) seguem discutindo o valor da entrevista como método essencial usado na constituição de um *corpus* documental de caráter científico para a pesquisa no fragmento que segue:

> Como método, a história oral se ergue segundo alternativas que privilegiam as entrevistas como atenção essencial dos estudos. Trata-se de centralizar os testemunhos como ponto fundamental, privilegiado, básico, das análises. História oral como metodologia implica formular entrevistas como epicentro da pesquisa. Tudo giraria em torno delas, que atuariam como força centrífuga das preocupações. Para a história oral ser valorizada metodologicamente, os oralistas centram sua atenção, desde o estabelecimento do projeto, nos critérios de recolha das entrevistas, no processamento, na passagem do oral para o escrito e nos resultados analíticos. Com um *corpus* documental estabelecido em cima das entrevistas, pensa-se nas análises que demandam diálogos com outros documentos (p.72).

Para a realização desta pesquisa foram realizadas seis entrevistas com universitários idosos (60 anos ou mais) voluntários e que são estudantes de cursos de graduação presencial em instituições públicas e/ou privadas; quatro deles residem na cidade de São Paulo, uma em Foz do Iguaçu-PR e outra em Goiânia-GO. Todos ingressaram no ensino superior após a aposentadoria.

Os participantes desta investigação foram indicados por colegas da pesquisadora que desenvolve este trabalho; esses colegas são professores que lecionam em faculdades ou universidades e convivem com idosos em sala de aula. Após a indicação, os colegas passaram o contato desses idosos (endereço eletrônico e número de celular) e, em seguida, houve um primeiro contato virtual (e-mail) em que foi apresentada a proposta e os objetivos deste estudo, a fim de que o possível participante pudesse decidir se iria ou não colaborar.

Aqueles que decidiram ser voluntários continuaram mantendo uma troca de mensagens até que ficasse estabelecida a data, o horário e o local da gravação da entrevista. Todo processo de preparação para o encontro presencial foi previamente agendado e respeitou a disponibilidade e as necessidades dos idosos. O **Idoso A** e o **Idoso B** foram entrevistados no Laboratório de Rádio da faculdade onde estudam, foi realizado o agendamento do espaço e as entrevistas aconteceram em dias diferentes, visto que sempre se respeitou o tempo e a disposição de cada um.

A **Idosa C**, que reside na cidade de Foz do Iguaçu, foi entrevistada na universidade em que estuda; a pesquisadora viajou até o local no mês de julho e o encontro aconteceu em uma sala de aula, espaço escolhido por sentir-se mais à vontade e tranquila para contar suas experiências. O **Idoso D** optou por ser entrevistado em sua própria casa e estava ao lado de sua esposa enquanto relatava suas experiências. A **Idosa E** concedeu a entrevista na Praça de Alimentação da faculdade em que cursa o segundo ano de Direito.

A **Idosa F** é moradora da cidade de Goiânia-GO, mas estava passando uma temporada na casa da filha, em São Paulo-SP; ela decidiu que o mais cômodo seria conceder a entrevista onde reside a filha, assim foi feito. Ela é a única, entre os seis entrevistados, que fez um curso universitário (Biblioteconomia) com 62 anos, terminou aos 66 anos. Com 67 anos passou em um concurso público e trabalhou durante dois anos e meio como bibliotecária na Universidade Federal de Goiás. No mês de janeiro de 2011, com 70 anos, teve que aposentar-se, pois alcançou a idade estabelecida por lei.

O processo realizado foi dialógico[17], em que estavam presentes o pesquisador/entrevistador e o(a) entrevistado(a). Um documento, **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** (TCLE - Anexo-1), foi assinado pelo idoso, autorizando a publicação de sua entrevista para a realização desta pesquisa. As narrativas orais apreendidas foram norteadoras para a coleta de dados que possibilitaram a análise de processos sociais do presente para o conhecimento do meio imediato, sendo assim um recurso para se pensar e observar o papel social que desempenha o idoso no contexto atual. As entrevistas gravadas foram integralmente transcritas para que, desta forma, as palavras dos entrevistados permanecessem inalteradas e, consequentemente, adquirissem valor documental (*corpus* documental) para análise do objeto de pesquisa proposto neste estudo.

Seguidamente será apresentado um quadro com as principais características dos sujeitos entrevistados:

Quadro 2 - Características dos sujeitos entrevistados para esta pesquisa.

Entrevistado	Idade	Sexo	Estado Civil	Graduação	Tipo de Instituição
Idoso A	66	Masculino	Casado	Comunicação Social	Privada – SP
Idoso B	66	Masculino	Casado	Administração	Privada – SP
Idosa C	60	Feminino	Separada	Hotelaria	Estadual – PR
Idoso D	70	Masculino	Casado	Engenharia	Privada – SP
Idosa E	60	Feminino	Viúva	Direito	Privada - SP
Idosa F	74	Feminino	Viúva	Biblioteconomia	Federal – GO

Fonte: elaboração própria

No Quadro 2 é possível verificar que todos entrevistados são considerados idosos, visto que estão com 60 anos ou mais. Foram três idosos e três idosas, o estado civil que predominou na pesquisa foi casado, sendo apenas uma separada e duas viúvas. Quatro idosos são de instituições privadas da cidade de São Paulo; uma idosa estuda em instituição pública/estadual no Paraná e a outra foi aluna de instituição privada/federal de Goiás.

[17] Dialógico, neste contexto, tem significado de diálogo, em uma relação dialética na interação de sujeitos.

Uma pergunta norteadora foi realizada no início da entrevista: **“O que é e como é ser um idoso universitário?”**. Depois desta interrogação, o(a) entrevistado(a) teve ampla liberdade para narrar fatos, acontecimentos em sala de aula, experiências intergeracionais, relacionamentos com colegas e professores e tudo o que achou pertinente contar sobre sua experiência de ser idoso universitário. Não houve nenhuma restrição quanto ao tempo, todos ficaram à vontade para realizar o seu relado. Meihy e Holanda (2007) afirmam que:

> Deve-se ter em mente que a capacidade de narrar está na anuência, no estado psicológico e físico do entrevistado, que pode, sim, decidir sobre os rumos finais da entrevista. Isso que parece óbvio não é tão claro, pois se julga que o controle da relação se concentra nas mãos do entrevistador, que detém o gravador e que poderia apertar botões de comando, assumindo os rumos da relação (p.60).

A análise pautada na experiência oral de vida é uma forma de verificar e compreender o idoso na sociedade contemporânea e, valendo-se dos relatos gravados, ampliar as informações sobre o envelhecimento. Conforme Meihy e Holanda (2007), a documentação oral é o suporte material que é derivado da linguagem oral e se manifesta nas entrevistas; é o que dará suporte para que se identifiquem mudanças nas formas de ver o mundo e no papel que desempenha o idoso, visto que há um novo significado na participação deste em sociedade que vem contribuindo para a reformulação do conceito de velhice. Os autores escrevem:

> A memória como geradora de conhecimento deve ser vista como uma usina capaz de propor relatos que sirvam menos para encantar ou anestesiar lembranças caras e mais pelo impacto social. Não se despreza, porém, a alegria e pertinência de histórias que mereçam registros. Assim, as entrevistas devem conter registros de temas capazes de sugerir reflexões atentas ao interesse público amplo. As expressões estéticas das histórias não são desprezíveis (p.74).

O papel da história oral narrada pelo sujeito, que se relaciona com a pergunta norteadora, traz em seu âmago sentidos totalmente subjetivos de experiências vivenciadas que fortalecem o seu desenvolvimento, a sua atuação em determinado contexto cultural. Como forma de pensar e modificar a sociedade contemporânea, a história oral justifica-se, ainda de acordo com Meihy e Holanda (2007, p.76), pois: “Pensar a história oral como mecanismo de mudanças sociais é mais do que vê-la como mero recurso formal de conhecimento. [...], ela carrega a promoção das transformações em políticas públicas”.

Valorizar o relato oral de cada idoso entrevistado é um recurso formal de conhecimento que pode promover transformações na trajetória humana. A compreensão das narrativas, da descrição de fatos e acontecimentos possibilita ao pesquisador identificar caminhos que dão acesso à experiência de ser. São fios de uma vida que permitem a tessitura de pontos que foram interrompidos ou sonhos não realizados durante a trajetória de vida; são "encontros do saber com o não saber, do aprofundamento com a superficialidade, da concretude com a transcendência, revelando os meandros de histórias vividas que se imbricam" (CORTADA; DIAS, 2009, p.82).

Morin (2002b, p.72) afirma que, em uma entrevista, "o indivíduo dirá ao mesmo tempo o que ele é, o que ele pensa ser ou aquilo que ele gostaria de ser. O fluxo da comunicação pode ser uma torrente de comédia-sinceridade". E acrescenta:

> As entrevistas mais profundas são geralmente registradas por um gravador. Pode-se notar que a força inibidora do gravador é igual à sua força exibidora. Isso quer dizer que, se ele aumenta a tendência do entrevistado de se defender contra a entrevista (o medo surge do fato de as palavras serem registradas), ele aumenta, também, a sua tendência à expressão, ao lançamento de sua mensagem ao mundo (p.75).

Ouvir, registrar e documentar as vozes dos idosos universitários, conhecer sua realidade, aspectos de sua vida, seu dia a dia em sala de aula, suas escolhas, sentimentos e motivações acentuam a importância do reconhecimento do território e das manifestações subjetivas que deles emanam. Suas histórias, seus relatos trazem a subjetividade atrelada à linguagem, que desvela e oculta, simultaneamente, as aparências, os pontos de vista, os preconceitos, as ideias, o modo de ser e de não ser. Bosi (2012, p.76) afirma, de maneira magistral, que "o ancião é o maior bem social". E acrescenta que a sua voz é privilegiada e seus relatos orais têm o poder:

> [...] de tornar presentes na família os que se ausentaram, pois deles ainda ficou alguma coisa em nosso hábito de sorrir, de andar. Não se deixam para trás essas coisas, como desnecessárias. Esta força, essa vontade de revivência, arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que entre de modo constitutivo no presente. Para Hegel, é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento (p.74-75).

O próximo item deste trabalho traz a transcrição literal das entrevistas realizadas no período de setembro de 2014 a outubro de 2015.

4.1 – ENTREVISTAS

"O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem!
[...]Tudo tem seus mistérios.
Tudo o que já foi é o começo do que vai vir.
Quem quer aprender, aprende..."

Guimarães Rosa, 2001, p.334.

4.1.1 – **Idoso A** – 66 anos

O que é e como é ser um idoso universitário?

Em primeiro lugar, Valéria, eu quero agradecer o convite e vou tentar conversar com você sobre a minha experiência. Cada cidadão tem uma experiência de vida *sui generis*. No meu, específico, voltar à faculdade após os 60 anos, aposentado e já com os filhos devidamente adultos, fazia parte de um grande projeto que se iniciou na minha adolescência. Na adolescência eu tinha em mente estudar comunicação social, eu precisava informar, ter uma formação em comunicação social para que eu pudesse me expressar e expressar os anseios da nossa geração. Os anseios da nossa geração, estou me referindo especificamente à década de 60. Na década de 60 eu fui adolescente e ao final da década de 60 eu entrei na fase adulta. Então, como era importante estudar comunicação social?

Vivíamos em época de efervescência no Brasil, efervescência política, época em que as liberdades democráticas, todas, as liberdades que um cidadão pode ter em uma sociedade livre foram caçadas. A perseguição política era uma regra geral na sociedade brasileira. Em 64, eu era apenas um adolescente quando o golpe militar ocorreu. Após 64 não havia outro caminho para o jovem brasileiro a não ser participar da luta para redemocratização do país. É nessa luta que se engajou toda a minha juventude. Os colegas que hoje detêm cadeiras importantes em universidades aqui no Brasil, em vários estados, estavam comigo lá nessa época.

Fazer Comunicação Social era um grande projeto, não consegui fazer. Primeiro porque eu precisava trabalhar, os jovens da minha época saíam de casa, deixavam as suas famílias aos 16/17 anos, no máximo aos 18 anos. Então, era preciso que esse jovem trabalhasse para que

ele pudesse se manter, não depender da família, não depender de mesada de família, mesmo família de classe média como a minha era. Então, procurar emprego, procurar uma profissão onde você pudesse ter uma remuneração ou mantivesse dentro não só do mercado, mas também dentro de um padrão que pagasse as suas contas, era uma coisa que priorizava a vida de cada um, foi o que fiz.

Os primeiros estudos que eu fui fazer, a primeira formação que eu procurei, foi uma formação técnica. Eu estudei projetos de engenharia industrial e me tornei um coordenador de obras industriais e tive a sorte de iniciar toda essa minha carreira na Petrobras. Fui trabalhar para a Petrobras muito jovem e fiquei lá durante 10 anos. Depois eu estudei Administração de Empresa e Comércio Exterior porque eu mudei para São Paulo. Eu morei em quatro, cinco ou seis estados diferentes, cidades diferentes, morei porque tive que trabalhar para a Petrobras nestes locais. E quando eu pude parar e me organizar com um casamento, eu tive a felicidade, mesmo estando morando no Rio de Janeiro, de encontrar uma grande parceira, que era paulista, é paulista, com a qual eu casei e ontem, inclusive, eu completei 38 anos deste casamento. Tenho três filhos, duas meninas e um menino, todos estão com a idade entre 30 e 35 anos, formados e com seus empregos, com seus trabalhos, uma vida praticamente encaminhada a deles.

Diante deste quadro e aposentado, eu priorizei nos dois primeiros anos de aposentadoria, cuidar da minha saúde. Com 42 anos de trabalho que eu tenho e que completei quando me aposentei e depois fiquei mais nove anos trabalhando depois de aposentado, totalizando 42 anos de trabalho, eu adquiri uma série de problemas de natureza orgânica que não faz parte do meu nascimento, do meu DNA, não estava previsto no meu DNA. Uma delas é arritmia cardíaca, uma coisa que começou a me incomodar muito e tal. Eu priorizei fazer um tratamento sério, modificar hábitos alimentares, exercícios, essa coisa toda, um padrão que se usa normalmente hoje, academia, exercícios, caminhada. Eu fui fazer também montanhismo, comecei a viajar e a participar de grandes caminhadas e subir montanhas específicas dessa natureza do montanhismo. Aqui mesmo no sul de São Paulo, no sul de Minas, Pico das Agulhas Negras, em Campos do Jordão, Pedra do Baú, Pedra Bonita, Pedra do Forno. Foi um período muito fértil. Mas, a arritmia me incomodava e a gente teve que pegar mais pesado para que a gente pudesse, com os médicos, para resolver este problema.

Então, após esta fase que levou dois ou três anos após a aposentadoria eu lembrei do meu projeto da minha juventude que era cursar Comunicação Social. Neste momento eu já não tenho mais as mesmas necessidades da época juvenil. As minhas necessidades agora estão

voltadas para que eu possa exercer uma função de jornalista independente para alguns veículos que a gente possa trabalhar, mas completamente independente, sem nenhum vinculo empregatício e escrever. Escrever vai ser o meu grande desafio nesses últimos anos que ainda me restam de vida, que a gente calcula no Brasil, 80-82 anos, aqui no sul, para as pessoas que vivem aqui no sul. Se essa é mesmo a perspectiva que eu tenho, eu tenho aí uns 14, 15 anos pela frente, 17 por aí para que eu possa contar algumas histórias, escrever alguma ficção, mas baseada na experiência de vida que eu tive no trabalho, no deslocamento por todos estes estados, pelo conhecimento que eu tive do povo brasileiro em cada estado. Pelo conhecimento que eu adquiri de antropologia, de sociologia, de filosofia, com cursos livres que eu fiz na Universidade Federal da Bahia e aqui em São Paulo também. Se eu puder me realizar publicando alguns livros, um, dois, sei lá, o quanto eu possa escrever, se eu conseguir vencer esta dificuldade e me colocar no mercado ou dentro de uma perspectiva de discussão do meu trabalho no meio acadêmico, eu já vou me dar por satisfeito.

A perspectiva que eu tenho é exatamente essa. Não estou pensando que a formação Comunicação Social, que esta formação tinha o propósito de voltar ao mercado de trabalho. Quando eu cheguei aqui nas Faculdades Integradas Rio Branco, eu poderia ter escolhido um curso à distancia, fazer um curso para a terceira idade, fazer um curso que não me exigisse a presença física e o recomeço de uma vida acadêmica desde o 1º ano até o 4º ano, mas isso não me colocaria de volta em uma sala de aula, de volta ao convívio que eu desconheço, o meu filho caçula tem 30 anos.

Então, esta juventude com quem eu convivi era uma juventude que estava na faixa de 18, 19 anos, estavam acabando de entrar na fase adulta. E havia também um certo interesse e curiosidade da minha parte de me relacionar com estes jovens. Também com os professores, porque são professores de uma geração pós a minha geração, aqui os professores estão numa faixa de 30 a 50 anos, com algumas exceções, uma ou outra exceção que também já são sexagenários, o que dá um equilíbrio muito grande ao corpo docente dessa faculdade. Um corpo docente de altíssima qualidade, porque mesmo os professores mais jovens são todos mestres e doutores. São gente do mais alto gabarito, experiência comprovada, experiência em educação comprovada. Então, estas duas pontas de alunos e professores, eu também tinha curiosidade e tinha interesse de saber como era que ocorria nos dias de hoje, nesses anos presentes, já que na década de 60 e 80, depois que eu estudei Administração de Empresa e Comércio Exterior na Getúlio Vargas, já estavam numa fase adulta.

Os meus colegas eram, praticamente todos eles, empresários ou diretores, o mínimo era um gerente de uma empresa, comprovado. Então não era uma sala de aula, na Getúlio Vargas, comum com pessoas mais jovens, nós estávamos numa faixa de 35, 36 anos, por aí, 40, 42 por aí, a turma era mais ou menos assim, era uma turma madura também. Aqui chegando, no primeiro dia de aula, um garoto de 18 anos, chamado Guilherme, que me acompanhou o curso inteiro. Eu sentei ao lado dele, e ele me olhou e disse: se precisar de alguma coisa, pode usar o meu caderno. Porque já havia 28 dias que as aulas já tinham começado em março quando eu fui assistir à primeira aula. Então, esta disposição do colega me levou logo de primeira mão a pensar, olha, pode ser que tenha alguma diferença, mas eles são muito educados e são muito receptivos. Essa pessoa nunca tinha me visto. Logo depois, os professores, cada um, em cada aula, me pediu que me apresentasse. E eu me apresentei, falei quem eu era, quantos anos eu tinha, minha experiência de vida e me tornei conhecido.

Formamos grupos e eu posso garantir a vocês, a quem ouvir esta entrevista, a quem ler esta entrevista, não houve qualquer tipo de problema, absolutamente nenhum. Nem de ordem por causa da idade e nem por outro motivo qualquer. Absolutamente nada, eu tratava eles como colegas e eles me tratavam como colegas. Começaram a me chamar de senhor, eu falei que não, que eu era um colega e me chamavam de colega. E a gente conversava de tudo, de futebol, absolutamente tudo. Não houve nenhum problema, absolutamente nenhum problema, foi maravilhoso.

Foi um retorno à vida acadêmica onde a rapaziada está ávida de conhecimento, um pouco desnorteada dado os problemas do ensino aqui no Brasil. Não é totalmente culpa deles, chegaram à faculdade ainda com despreparo em várias matérias, mas o que eu vi durante o curso foi um esforço geral para vencer estas dificuldades e os professores dessa faculdade estavam presentes em cada mesa, conversando com cada um e proporcionando a eles um desenvolvimento quase individual, porque as salas desta faculdade não estão abarrotadas de aluno, têm um número de alunos compatível para que o aprendizado seja melhor percebido, seja melhor apreendido.

Os professores foram maravilhosos, eu, graças a Deus, pela minha maneira de ser, de respeitar todas as pessoas, não me coloquei aqui como uma pessoa que já tinha efetuado, estudado outras matérias, realizado outros cursos. Me coloquei como um aluno, como um simples aluno, não procurei nenhuma vantagem sobre a minha idade e nem sobre a minha experiência. Fiz o que pude para ajudar os alunos e também os professores naquilo que a gente, às vezes, tem um pouco mais de experiência ou um pouco mais de conhecimento, mas fora disso, a

minha colocação foi discreta. Tive dos professores, absoluta, total compreensão e que trabalharam comigo para que eu também pudesse aprender, retornar ao nível acadêmico, percebendo as novas formas didáticas do ensino, percebendo as novas maneiras do relacionamento, os novos livros com os enfoques que diferenciam bem da polaridade política que existia na década de 60. Isso foi muito rico para mim, esta experiência me levou a voltar a ler, que é uma cosia que eu gosto, que está dentro daquilo que eu gosto de fazer, ler.

Eu voltei a ler muito mais, não só em quantidade, mas em qualidade também. Porque cada professor indicava livros não só para o desenvolvimento do curso, das matérias específicas de cada um, como também livros de outras naturezas que estavam aí em *best seller*, ou que não tinham ganhado proporções, projeções, mas que era interessante, praticamente era obrigatório a leitura, obrigatório no que se diz respeito para conhecimento, não por outra ordem.

Então, foi muito bom este nível de entrosamento, este nível de entendimento, este nível de compreensão junto aos professores, foi maravilhoso. Se eu disser que tive qualquer tipo de problema com alunos ou professores nesta faculdade, eu estou mentindo, não existe isso. Também com funcionários, biblioteca, laboratórios de áudio e vídeo, eu fui muito bem tratado. Todos procuravam da melhor maneira me passar as informações técnicas, técnicas para gravação, como fotografar no laboratório de fotografia, revelar. É um curso muito rico este curso de Comunicação Social. É um curso que dá realmente uma boa base para que a gente possa, como os alunos que entraram aqui com 18 anos, empreender a partir deste curso um bom caminho na área não só acadêmica como profissional.

A diretoria é também uma diretoria muito simples que está presente nos corredores, nas salas de aula, em todas as participações e comemorações e que cumprimenta todo aluno. Não é uma diretora omissa e nem uma diretoria que se esconde, é uma diretoria que está presente. Eu também tenho uma extrema gratidão pela diretoria desta faculdade. Porque tudo que eu levei a eles, eles me atenderam com a maior boa vontade. É justo que ao lado dos alunos, dos professores, dos funcionários, esta diretoria possa merecer as minhas sinceras homenagens e esperança de que eles possam transformar essa faculdade num símbolo aqui em São Paulo, quem sabe no Brasil. Já em vários cursos a faculdade já atingiu um grau bastante alto, notas de avaliação, lá em cima. E isso para uma pessoa, um aluno como eu, é de uma satisfação imensa.

Eu preciso fazer mestrado. O mestrado, ele complementa a graduação. Não sei se eu terei tempo para fazer um doutorado, nem sei, não está pensado isso da necessidade. O mestrado sim, o mestrado é uma necessidade para que eu possa complementar esta graduação realizada

e também me credencie tecnicamente ainda mais para esta tarefa de escrever livros, de escrever a minha experiência de vida juntamente com a da minha geração. Eu tenho recebido deles, desse pessoal da minha geração, muitos impulsos para que eu realize esta tarefa. Esta semana passada, eles fizeram um encontro na cidade de Salvador, juntaram 30, 40 pessoas. Eu não fui, eu deveria ter comparecido, mas era meu aniversário então eu tinha que ficar em São Paulo com a minha família. Mas eles me mandaram as fotos, e todas as conversas que se desencadearam por lá e sabendo que eu tinha realizado o sonho da graduação em Comunicação Social, voltaram a pedir que eu não esqueça de escrever um livro onde a gente possa relatar um pouco da experiência de vida que nós tivemos na década de 60 e começo de 70, porque logo em 74 eu já estava morando no Rio de Janeiro e depois em 76 em São Paulo e nunca mais retornei para Salvador.

Entrevistadora: Eu quero agradecer a sua participação, a sua disponibilidade em ter concedido esta entrevista, foi muito importante, eu estava com muita expectativa e gostei muito de ouvir a sua história.

Idoso A: Eu é que agradeço Valéria. Eu tive e vou relatar isso com certeza, eu tive muita ajuda em minha vida. Existe, eu não posso me furtar a colaborar com o pouco do que eu aprendi, eu não posso me furtar. Porque tenha certeza que eu tive muita ajuda, muita gente que me conheceu fez por mim o que hoje a gente não encontra muito fácil por aí, talvez por estarmos numa sociedade mais individualista, mas ainda mesmo nos dias de hoje eu tenho sempre encontrado muitas portas abertas, muita gente ao receber um pleito que eu leve, se disponha a me ajudar na mesma hora. Isso foi comprovado na graduação onde para fazer o trabalho de monografia eu tive que entrevistar muitas pessoas, historiadores, jornalistas e tal. E jamais eu tive uma negativa, jamais, todas as pessoas que eu procurei me atenderam maravilhosamente bem. Ou vieram aqui na faculdade ou eu fui pessoalmente, foi uma experiência que só comprova que o que nós aprendemos, nós temos que passar, não podemos morrer com isso, temos que passar para que as gerações possam fazer a mesma coisa, muito obrigado.

4.1.2 – **Idoso B** – 66 anos

O que é e como é ser um idoso universitário?

É tudo de bom, no sentido que, eu acho que a educação é aquilo que a gente vai levar para o nosso futuro e baseado nisso e pelo fato de eu me sentir muito à vontade e querer

conhecimento, estou sempre perto de livros. Tudo começou quando, de pequeno eu gostaria de fazer um curso de graduação e era faculdade de Medicina. Nos anos 70 eu fui para uma cidade italiana chamada Torino e lá fiquei nove anos estudando e fazendo especialização em endocrinologia. Mas, por motivo de família, eu voltei para cá no começo dos anos de 80 e, na impossibilidade de atuar como médico aqui no Brasil, por questões de adaptação de curso, coisas desse tipo, eu comecei com um plano B, que era ligado à alimentação ou porque sou de família italiana, então eu mexo com massas alimentícias desde então, desde 1980, já são 34 anos. E nesse período todo eu fiquei muito atento àquilo que acontecia em termos de possibilidade de estar perto de uma faculdade ou não.

Até que criei coragem e quando foi em 2008 me inscrevi em um curso de Administração aqui na Rio Branco, foi muito bom, me senti muito bem acolhido pelos colegas. Me senti muito bem com todos os professores, foi uma troca realmente. Aí me graduei em 2012, tive um ano sabático em 2013 e estou fazendo agora MBA em Negócios, sempre aqui na Rio Branco.

É engraçado, sim... Em termos de idade realmente eu me incluo entre os mais idosos ou entre os menos idosos e uma professora do MBA me chamou de jovem, eu falei, jovem eu não sou mesmo, eu posso ser jovial, é o que me traz aqui. E demos risadas, todo começo de aula é muito simpático, fala disso, fala daquilo.

E acredito em mim no que poderia estudar cada vez mais aqui na faculdade ou em outro lugar. Eu ia fazer uma outra, contemporaneamente a essa, algo ligado ao direito do trabalho, mas aí achei melhor concluir este MBA para depois pensar em outras coisas. Não quero parar por aqui, quero ver se tenho condições de continuar e não parar mesmo. Para mim isso é muito importante, eu me sinto à vontade de estar aqui e captar alguma coisa e, se puder passar alguma coisa. Em termos práticos é muito bom, me sinto vivo, me sinto em condições de participar mesmo, coisas desse tipo. Em síntese seria isso.

Eu acho que só mesmo uma questão de data... Eu não sinto o peso da idade hoje, talvez sinta amanhã, ou depois de amanhã. Me sinto jovial, parece que agora as idades não são assim como eram. Uma pessoa de 50, 60 anos é menos idosa do que há duas ou três gerações atrás. Havia um abismo muito grande entre um jovem de 20 e uma pessoa de 50, 60. Agora parece que as pessoas se entendem, é uma troca muito grande, não há mais esta distância devido à idade. O que vale mais são os pensamentos, são as ideias, algo em comum. Quer dizer, também não quero ser um ridículo, entre aspas, cataléptico, mas enquanto for por algo assim como estudar, com todo o respeito aos mais jovens, acho que está valendo ainda. O que seria

dos mais jovens se nós tivéssemos o físico de uma pessoa de 20 anos com a cabeça que a gente tem com 60 e poucos, seria uma covardia em relação à juventude, muito bom.

O que acontecia, quando comecei a trabalhar neste campo de massas alimentícias, muita gente me questionava, como você, uma pessoa que estudou Medicina e está fazendo algo que não está ligado à Medicina. Você não está chateado? Eu nunca tive este tipo de frustração. Talvez o fato de ter voltado para uma faculdade tenha sido uma espécie de resgate da minha parte e fiz graduação em Administração exatamente porque mexo com números, além de massas, lá aonde eu trabalho, então tem tudo a ver. Eu acho que foi um resgate muito grande. Muita gente pensa se eu pudesse estudar mais eu poderia fazer mais. No meu caso, o escopo de estar estudando não é com fins lucrativos ou pensando em possíveis novos empregos. Porque onde eu estou já estou há 35 anos e, no meu caso, cabe a mim a responsabilidade total da empresa, então não estou preocupado com carreira em termos de trabalho.

Estudo para aprimorar, ganhar conhecimento. Eu gostaria de terminar este curso de MBA e fazer alguma outra coisa enquanto puder. Não me impus limites em termos de estudo, acho que estudar para mim é o valor maior, é o motivo de eu amanhecer e ficar feliz por estar aqui na faculdade ou em outros lugares, em outras reuniões onde se falam coisas interessantes também. Aí vamos em frente, tem que ter saúde, saúde é muito importante, é o que nos segura aqui.

Entrevistadora: Eu agradeço a sua participação.

4.1.3 – **Idosa C** – 60 anos

O que é e como é ser uma idosa universitária?

Bom Dia!

É... eu tô aqui para conversar sobre a minha rotina de faculdade como eu tenho 60 anos e... com 60 anos eu resolvi é... como eu tô no segundo ano de Hotelaria eu iniciei então com 59 e... eu iniciei porque eu não trabalho fora há uns anos, resolvi dedicar a minha vida para os filhos, eu trabalhei até os 35 depois eu parei e fiquei cuidando dos filhos. Porque como eu tenho quatro filhos, era difícil na época, mudei de cidade também, então ficava difícil era trabalhar fora ou cuidar da família. Então eu resolvi cuidar da família. E depois disso eu fiquei assim inativa, na vida, sem trabalhar, sem estudar, até que eu resolvi participar do Enem, fazer uma prova incentivada pelos filhos né... e... a partir daí eu passei, tirei uma nota boa no Enem e entrei na faculdade através do Enem; como... e... como... eu queria também ocupar a minha

cabeça, fazer alguma coisa assim é porque eu penso assim... eu posso viver mais um ano, dois anos, cinco anos, como eu posso viver dez, quinze, vinte.

Então, a gente precisa pensar assim, pra frente o que que eu vou fazer??? Até eu me separei, faz uns três anos que eu me separei. Eu fiquei assim meio sem função, os filhos crescem, cada um vai cuidar da sua vida e a gente fica fazendo o quê? Então eu precisava fazer alguma coisa e como eu gosto de estudar e ter a vida mais... me socializar e eu gosto deste contato com jovens, então... é eu tô gostando, a faculdade tá me ajudando bastante e eu me ocupo né... e penso pro futuro, quem sabe trabalhar em consultoria ou coisa assim.

Mas aqui com os colegas eu me dou muito bem, ninguém me discriminou por eu ser bem mais velha, eles até me ajudam a fazer muitas coisas que eu tenho dificuldade, me ajudam, eu gosto... E me adaptei bem assim ao estudo, né... à rotina, né... porque muda a rotina, da rotina que eu tinha antes para a rotina que eu tenho agora.

A minha expectativa seria isso, passar todos os anos porque eu tenho capacidade para isto, o ano passado fiquei em exame em uma matéria só, então eu acho que eu tenho capacidade até para voltar a trabalhar, voltar ao mercado de trabalho. O ano que vem a gente vai ter estágio então, de repente, através do estágio eu consiga um trabalho e possa ir em frente, a gente precisa sempre ir em frente, não pode parar! Porque se você para, para mim é como vegetar, você ficar sem... você tem que ter um objetivo, depois você seguir em frente e eu escolhi estudar para seguir em frente.

Eu acho assim, se conselho fosse válido eu diria... eu gostaria que através de mim as pessoas espelhem e voltem a estudar também, porque eu vejo tantas pessoas... aí doente... tendo problemas de saúde por não ocupar a cabeça, porque eu acho que ocupar a cabeça é fundamental para você não ficar doente, você não ter outros problemas assim como depressão, principalmente. E... e a vida tá aí, você pode viver cinco anos, dez anos como pode viver cem anos... e fazer o que nesse tempo todo? Eu penso assim.

Entrevistadora: Muito obrigada pela sua disponibilidade em participar desta pesquisa.

4.1.4 – **Idoso D** – 70 anos

O que é e como é ser um idoso universitário?

Bom, em princípio, não é muito fácil, porque a nossa mente está bastante cansada. Mas, a gente vai tocando pra frente e desenvolvendo um conhecimento que a gente já trouxe do passado, do próprio trabalho.

O que me levou a fazer Engenharia foi o seguinte: em 2006 os meus filhos terminaram a faculdade e disseram: “Pai, você já cuidou de nós até agora, agora chegou a sua vez. Você sempre quis fazer Engenharia, por que não faz agora?”. Eu disse: “Filha, já estou bastante cansado, eu acho que a mente não ajuda mais não”. Ela falou: “Que mente nada pai, toca o barco pra frente, faz”.

E aí, com esse incentivo deles, eu resolvi fazer um cursinho e passei no vestibular, isso foi lá no Espírito Santo. Comecei cursando Engenharia; com uma dificuldade grave né, porque a gente não tem mais a desenvoltura como o jovem de hoje; e o sistema mesmo de aprendizagem, de ensinamento. Professor, por exemplo, hoje é completamente diferente da minha época em que estudava.

Na minha época, você fazia um primário, constituído de primeiro ano primário, segundo ano primário, terceiro ano primário, quarto ano primário e depois vinha um quinto ano que, ao concluir, você estaria ou não apto para o curso ginasial. Você fazia um curso chamado admissão ao ginásio. Nesse curso, era como se fosse hoje o vestibular, aí você passaria ou não. Se você passasse, você recebia a carteira de estudante e aí você cursaria o ginásio, que é primeiro, segundo e terceiro e quarto ano ginasial. Terminando o ginásio você faria, naquela época, dois tipos de curso: científico ou contabilidade. Então, você fazia a contabilidade, você já era um profissional dentro da área de contabilidade mesmo. Você podia ser um contador, desenvolvia até a contabilidade de uma empresa tal e etc. E, se você fizesse o científico, você teria ou a sua carreira cortada ou você prosseguia, porque o seu caminho estaria aberto pra você fazer uma faculdade.

Foi o meu caso, eu escolhi o científico. E sempre pensei na Engenharia, mas o que me incentivou mais a ser engenheiro foi um colega meu, vinha de uma família muito pobre do interior do estado do Espírito Santo e resolveu fazer Engenharia. E eu, naquela ocasião, era chefe dele. Eu era de uma companhia e ele trabalhava comigo. Conseguimos estudar escondidos. Porque, não sei se vocês hoje sabem, mas no passado, o cara funcionário público, como era o meu caso, não tinha nenhum incentivo, era muito pelo contrário. Os chefes faziam tudo para que você não pudesse subir, porque o pensamento daquela época era o seguinte, governar um povo rude era bem melhor do que um povo culto. Já essa mentalidade, hoje, mudou.

Eu tentei vestibular assim que concluí o científico, não passei na primeira vez. Na segunda tentativa passei, mas passei em Direito, porque eu vi que a concorrência para Engenharia era muito grande. Então, eu fiz como experiência, falei: “será que não vai dar certo?”. Mas, fiz e

fui até muito bem colocado, mas não dei prosseguimento porque o meu pensamento era outro, era Engenharia. E aí animei, estudei, mas o problema veio do próprio serviço mesmo, descobriram que eu estava fazendo cursinho, aí botaram uma pedra no meu caminho.

Me transferiram de unidade, atrapalhou. Aí, nesse meio de tempo também já pensava no casamento e, em 1980, casei. Abandonei os estudos, mas sempre aquele sonho de um dia ser engenheiro. Mas, não dava mais porque daí já estava cuidando da família e a renda não dava pra tanta coisa.

Os filhos foram crescendo e tive que investir neles. Mas, meus filhos formados, então, me incentivaram a fazer Engenharia: "Pai, você que tanto quis fazer Engenharia, agora chegou sua vez. Nós já formamos e agora é a hora da gente cuidar de você. Você cuidou da gente até agora, agora a gente cuida de você, então, bola pra frente. Faça sua Engenharia!".

Aí eu falei pra eles: "Não filho, é muito tarde". "Não é tarde não". Daí eu comecei, com bastante dificuldades, depois veio problema de saúde, problema financeiro e tive que trancar a matrícula por três vezes. Agora, já concluí o oitavo período, mas não posso ir para o nono porque eu consegui, nesse período de estudo, onze DPs e, enquanto não concluir essas DPs, eu não posso concluir o nono. Mas, eu estou estudando, vou fazer as DPs e, querendo Deus, chegaremos ao final.

Agora, depois de formado, eu não posso sentar numa poltrona e ficar de braços cruzados. Não... meu pensamento é voltar pro campo de trabalho, este é o meu pensamento. Eu tô com 70 anos, mas tenho ainda bastante disposição pra trabalhar, certo?! Então, vamos tocar o barco pra frente! Eu acredito que daqui a dois anos a gente estará formado.

Nunca vi nenhuma discriminação, nem por parte de professor, nem por parte de aluno, colegas, melhor dizendo. Sempre fui muito bem recebido por todos eles. Alguns admiram: "Você, com 70 anos de idade, é muita coragem!". É, realmente, mas é uma escolha, eu escolhi fazer Engenharia e não é fácil, mas estamos aí pra concluir.

Entrevistadora: Muito obrigada, Juraci, pela sua colaboração, pela sua entrevista.

Idoso D: Agradecido fico eu de poder prestar essa colaboração.

4.1.5 – **Idosa E** – 60 anos

O que é e como é ser uma idosa universitária?

Para mim é super prazeroso, certo!

É que eu me sinto mais jovem estando com os jovens. Eu não perco aquela sintonia da juventude, eu vivencio um pouco a experiência deles no início da vida e revivo isso. E dou muita risada. Eu dou risada porque eu vejo o quanto eu penei quando eu era da idade deles com coisinhas que eram pequenas. Então, primeiro me dá muito prazer, no sentido de que me rejuvenesço. O segundo foco é o seguinte, eu continuo exercitando o aprendizado. Eu acho que isso não pode acabar nunca. Já é uma característica minha e eu me vejo assim, se eu me aposentasse e parasse de aprender alguma coisa, poderia até ficar doente. É uma necessidade de continuar aprendendo. Eu quero morrer aprendendo! É isso que me motiva bastante.

Outra coisa é o porquê escolhi o curso de Direito. Meu pai foi advogado; e eu não quis fazer Direito quando eu era jovem porque eu achava que a mulher, quando fazia Direito, perdia um pouco a feminilidade e ficava muito dura com ela mesma e com a vida. Uma coisa talvez equivocada, hoje eu já não penso mais assim. Depois eu casei e sempre falei que, quando minhas filhas estivessem independentes, eu voltaria a estudar e queria fazer Direito. Não deu para ser logo que elas cresceram, por uma série de motivos pessoais. Mas, no momento em que me aposentei, eu me vi na situação de que se eu parasse de aprender eu ia ter outras complicações e que esse seria o momento, apesar da idade.

Me cobro muito até, minha psicóloga sempre me diz: “para de se cobrar um pouco, você não tem que se ver mais como uma estudante, mas como algo que te dê prazer e não uma coisa massacrante para a tua vida”. E eu tenho feito esse exercício para fazer uma coisa mais gostosa. E o aprendizado é mais gostoso, você não aprende tão comprometida, nem com provas, nem com o futuro. Você se preocupa com o presente e usa isso no dia a dia. Hoje eu olho jornal, assisto televisão e, em tudo, eu vejo o Direito; em coisas que, antigamente, eu nem escutava. Antes eu nem dava bola... não quero saber... não quero saber!! Hoje, o entendimento das notícias, do que está acontecendo no mundo, estão ficando muito mais gostosos, prazerosos, simples, com mais discernimento.

Só tem coisa boa! Só tem uma coisa que não é boa... são as provas! Quando chega época de prova eu tenho vontade de largar tudo e penso: “não sei o que eu estou fazendo aqui? Pra que eu estou fazendo isso?”. Ao mesmo tempo, eu percebo o quanto que a prova faz fixar o conhecimento. E, graças a Deus, eu tenho tido boas notas; e, depois das boas notas, eu me reanimo outra vez (risos). Mas é só isso... é só isso!

Outra dificuldade também é o tempo que eu gasto para estudar, ele é maior. Eu não aprendo ouvindo só uma vez, eu não aprendo estudando uma única vez, eu tenho que rever a matéria

mais de uma vez e é muita matéria; às vezes, você acaba deixando algo... aprendendo a ter flexibilidade.

Quando nós trabalhamos, eu, pelo menos, sou muito perfeccionista e ia a fundo no assunto e esgotava até o que era necessário. Estudando eu não consigo fazer isso, fico um pouco no superficial. Eu não conseguiria trabalhar e fazer a faculdade, essa faculdade não! Talvez uma outra aí, mais simples, não sei...mas, Direito, não daria fazer as duas coisas juntas não... com dedicação, pelo menos. Daria para fazer mais ou menos.

Na sala de aula o que eu percebi... No primeiro ano eu estudei à noite e no segundo ano eu tô de manhã. No primeiro ano até tinha um senhor também, mas ele não continuou. Eu percebi que alguns alunos se aproximaram de mim, mesmo porque eu estudo junto com minha filha, não na mesma classe, mas na mesma faculdade. Então, a minha filha chegar, dar um beijo, dar um abraço e ela não ter o preconceito, alivia um pouco o preconceito das outras pessoas. As pessoas perceberem o carinho de mãe e filha na escola... os jovens perceberem... fez um pouco de diferença. Então, parte da classe se distanciou e parte da classe se aproximou. Depois, com o passar do tempo, os que se distanciaram diziam: “nós queremos você para nós, você vai fazer parte do nosso grupo”.

Uma coisa que eu não fiz foi fazer distinção, eu fiquei na minha. A maturidade leva a gente a isso, a tratar todo mundo com o mesmo respeito e com as mesmas considerações. E aí foi uma conquista grande; hoje, quando eles me encontram dão “oi”, “como vai”, beijinhos... sabe, então foi muito legal. Às vezes, eu penso até que a imagem deles perante os pais pode ter mudado quando descobriram uma pessoa nessa idade estudando.

Outra coisa que eu percebi é que alguns não acreditavam na minha capacidade. Então, um dia eu estava em sala de aula, já era a segunda prova e todo mundo correndo para tirar nota boa e perguntavam: “Quanto você está, quanto você tirou?”. Eu dizia oito e eles se assustavam: “Você tirou oito???” (risos), “tá melhor do que eu!!”. Então, eu conquistei o respeito dos alunos, eu conquistei... uma coisa que facilitou muito é que o meu trabalho, a vida inteira, foi com informática. Isso facilitou eu estar me relacionando com eles, percebo que algumas vezes as pessoas pensam: “uma gagá...!” Uma gagá né, quem não sabe informática é uma gagá. Mas, quando eles perceberam, até professor quando me vê teclando lá, digitando, dando uma de escrivã... muda um pouco o conceito: “não... sabe um pouco, não é bem o que eu pensava.” São coisas que no dia a dia a gente vai vendo que vai conquistando e que a gente nem imaginava que poderia fazer a diferença, mas faz.

Eu fico pensando numa pessoa que não tem nada de informática e começa a estudar hoje, não tem mais que ficar correndo atrás de livros e eu vejo os professores e fico até meio assim... “porque Deus que me livre de informática, porque se eu vir que foi plágio...”. Está certo, o jovem talvez plagie, porque para ele é simples, ele não vê valor. No meu caso, eu também plagio; não vou falar que não, mas eu plagio com consciência... entendeu! Eu leio, eu reestruturo, eu não copio e colo um texto inteirinho e entrego para o professor. Teve um dia que eu tirei nota baixa em um trabalho e o professor falou que só tinha plágio. Eu falei: “tá, só tinha plágio de uns cinco *sites* e, mesmo assim, eram pedaços específicos e reestruturados”. Para eu fazer esse trabalho eu tive que estudar, tive que entender, mas o professor não considerou. Ah, deixa quieto, também não vou discutir por causa disso, não é esse o meu foco.

O que eu percebo é que, às vezes, diante das circunstâncias, os jovens hoje, perante a internet, os que não sabem usar para o conhecimento... eles usam para tirar nota, né... então, tem alguns probleminhas. Um outro exemplo, o professor deu um questionário e eu achei ótimo aquele questionário porque eu aprendi muito respondendo; mas, quando esgotou meu conhecimento, eu fui atrás da internet e eu achei um questionário igualzinho e eu pude comparar. Mas, eu até tive dúvidas se as respostas do questionário que estava lá estavam certas e daí eu deixei do jeito que eu achava que estava mais certo. Mas eu tirei nota baixa e eu acho que foi por causa do trabalho, eu também não fiquei sabendo e não fui atrás porque o meu objetivo não é esse. Não é ficar assim, tem que ter um pontinho aqui, mais um pontinho ali... não é esse. Como eu sou de informática e eu trabalhei muito na área educacional, na parte de informática, cuidava de treinamento etc. Eu sou muito crítica e eu não quero levar esses pontos críticos à tona... não é esse o meu objetivo, então eu deixo como está mesmo.

Um dia por vez... eu estava fazendo um esboço, um mini esqueleto do TCC, que vai ser só em 2018, mas eu estou tendo a matéria agora; as dedicatórias eu deixei em branco e coloquei ano 2018... e eu nem sei se vou estar viva... mas, acho que sim! Então, uma coisa por vez, agora eu já estou fazendo, tudo bem!

E, se eu tiver viva, próximo passo é tirar a OAB, se eu conseguir. O que me assusta perante a OAB é a memória, eu questiono muito ter que saber as coisas de cor, sendo que hoje a informação está tão pronta e eu tenho esses questionamentos, eu acho que você tem que saber usar a informação. Sabendo usar, não é porque você não tem uma boa memória... eu nunca gravei número de telefone, nem nome de ninguém, história eu era péssima e Direito exige isso e eu não tenho isso! Mas eu tô vendo que eu não preciso realmente ter, eu vou demorar um

pouquinho mais, porque eu vou ter que buscar, mas não me impede de exercer a profissão. Mas, eu acho que vou conseguir sim na OAB, um monte de gente consegue e por que não eu?

Eu fiz também Certificação em Gestão de Projetos (PMP) e eu aprendi a estudar para concurso, para certificação e daí eu vou estudar do jeito que tem que estudar, que é ficar treinando perguntinhas. E, com isso, eu até ensinei minha filha, eu gosto de contar porque ela tem dislexia, as duas, e eu acredito que eu também tenho. Ainda bem que não fiz faculdade antes, pois não sei o que seria de mim fazendo Direito com dislexia quando era jovem e não tinha computador. O computador é tudo para mim.

Um dia eu tinha muita informação e o professor perguntou "quem te deu essas informações?" e eu respondi que era o meu melhor amigo, o *Google*. A pessoa ficou louca da vida porque eu descobri coisas demais. Meu melhor amigo, meu melhor professor hoje é a informática, é o *Google* é a informação disponível e isso muda toda a humanidade. A partir do momento que a pessoa começa a entender o valor de saber, de buscar a informação, muda tudo.

Mas, então, falando das minhas filhas que têm dislexia, a mais velha tem um grau mais alto e a mais nova não passou nem no teste escrito para motorista, para você ter uma ideia!!! Porque confunde tudo. E agora eu aprendi a estudar para teste e vou ensinar para elas; semestre passado uma fez teste para carteira de dirigir lancha e ela aprendeu e ficou muito satisfeita com ela mesma, porque viu que foi tendo um desempenho maior a cada teste que fazia, a cada correção dos erros que fazia e viu que ela era capaz e conseguiu. Então, diante dessa metodologia de testes, eu acho que vou conseguir passar na OAB e ter, pelo menos um caso de advocacia. Pelo menos um eu quero, só para me satisfazer mesmo. Se bem que eu acho que vou gostar e vou fazer mais (risos).

Meus objetivos são esses, passar na OAB e exercer, pelo menos, um caso de advocacia. Uma coisa que está pegando agora é a questão do estágio. Eu acho que o conhecimento que eu tenho, com as habilidades que eu tenho e com os resultados nos trabalhos acadêmicos que eu tenho feito, entrar como uma simples estagiária não vai agregar valor nenhum. Eu queria ter a oportunidade que não tem no mercado, que é entrar com o meu conhecimento e propor uma troca de conhecimentos; eu não precisaria ganhar nada com isso, porque na idade que estou não sei se quero trabalhar seis horas por dia de estagiária. Eu quero aprender, mas aprender com inteligência, já agregando um pouco de valor e eu acho que a experiência de vida me dá essa oportunidade, mas eu teria que testar... acho que vou conversar com alguns dos professores daqui da faculdade para ver se eles me aceitam. Não preciso receber nada, porque eu também não quero horário fixo, mas algo que comece a me passar algumas coisinhas para

eu adquirir experiência e poder trocar com eles. Uma coisa que exija pesquisa e que assim eu consiga fazer a minha primeira petição com bastante eficiência e eficácia. É isso que eu gostaria.

Ah... falta contar uma coisa, seria bom eu contar uma experiência que vivenciei quando vim do período da noite para a manhã. Eu estive em apenas uma aula da manhã no semestre passado e nesse semestre estou apenas de manhã. No semestre passado, de manhã, tinha uma garota que só olhava para mim e toda vez que eu abria a boca ela fazia cara feia. E eu também era estranha para todo mundo né! Ela fazia cara feia e eu pensava "deixa pra lá, deixa pra lá!". Esse ano teve um dia que ela não só fez cara feia, mas ela falou também, reclamou que eu só falo, "bê...bebebê...bê... bê!". Eu perguntei o que ela tinha contra mim e ela disse que não tinha que ficar me aguentando.

Eu interajo muito na aula, faço perguntas, faço perguntas bobas, eu não tenho mais medo de fazer perguntas bobas (risos). Se o professor vai por outro assunto, eu vou por outro assunto também... interajo o tempo todo né!. Nesse dia o assunto eram as passeatas e eu comecei a dar a minha opinião e ela ficou louca de eu dar a minha opinião. Eu estava em sala de aula e tinha o meu direito. Então, nesse dia, eu tive que me impor. E perguntei: "o que você tem contra mim?" e disse: "eu sinto muito, você vai ter que me aguentar agora direto, porque eu passei para manhã e, então, nós vamos ter que chegar a um acordo". Isso foi em sala de aula, todo mundo ficou assustado... até eu, porque essa não é uma atitude minha comum, pois sempre me resguardava. Depois da aula cheguei pra ela e falei: "é o seguinte, se eu te incomodo eu sinto muito, não é essa a minha intenção, não estou aqui para te incomodar. Agora, uma coisa eu vou exigir, respeito!". Ela disse que trabalhava etc... etc... Eu respondi que "também tinha duas filhas que trabalham , que também passam o mesmo que você... eu sei o que você passa e, até o final do curso, você vai gostar de mim! Mas, para com essa cara feia."

Depois disso tudo amenizou, a classe começou a me conhecer melhor e aí tudo deu certo. Eu não sou muito dada não, sou mais reservada. Tem várias meninas que são uma graça, que trabalham no banco X, eu também vim desse mesmo banco e temos muita coisa parecida. Engraçado, parece que os laços da cultura continuam.

Uma coisa importante é dizer por que eu vim estudar nessa fase da minha vida. Eu trabalhei 34 anos no banco X e eu queria muito crescer lá, fiz muitos trabalhos; eu, realmente, deixei um legado no banco, isso é muito legal. A tecnologia de desenvolvimento de sistemas foi uma criação minha e outras coisas, medição de sistemas. A empresa aproveitou mais por eu ser mais especialista e eu não me desenvolvi na parte gerencial e eu queria muito crescer

gerencialmente. No histórico da minha família todo mundo é empreendedor e eu vivia podada para o empreendedorismo.

No banco X eu tinha total autonomia, mas chegou o momento que eu mudei de um departamento de mil profissionais para um de trinta profissionais. Foi uma proposta de assumir uma gerência e, de repente, eu me vi como uma escriturária. Não aconteceu o que foi prometido, eu não tinha espaço para pôr toda a minha capacidade em prática e eu tive depressão. Aí eu saí do banco e não suportava pensar em voltar para aquele ambiente. Tentei voltar para o outro departamento e eles disseram que quem vai não volta mais. Esse foi o recado e eu me vi acuada, numa situação em que eu iria ficar sentada e sendo escriturária até me aposentar. Eu não aguentei, eu era viúva, tinha duas filhas para sustentar, mas entrei na Caixa, deu seis meses e depois não tive outra alternativa, eu pedi a conta... eu arrisquei, pedi as contas e seja o que Deus quiser, porque eu disse: "aqui eu ainda mato um".

Deus é tão maravilhoso que, na hora em que fui aposentar, eu vi que tinha duas previdências privadas e pensei, agora não vou mais ter que correr para arrumar trabalho, vou esperar e dar um tempo. Depois eu comecei a me tratar, continuei o tratamento com psicólogo, que me ajudou muito nesse momento. E foi isso, por isso que eu vim parar aqui. Eu costumo dizer também que a faculdade é uma terapia ocupacional para mim, é essencial.

Entrevistadora: Muito obrigada pela sua participação.

4.1.6 – **Idosa F** – 74 anos

O que é e como é ser um idoso universitário?

Bem, então eu vou iniciar de quando eu era jovem.

Assim que terminei o segundo grau eu fiz o Magistério, na época era o curso Normal, isso nos anos 60. Eu morava em uma cidade pequena, não tinha faculdade e minha intenção era continuar os estudos. Eu era caçula, sou caçula de nove irmãos, na época o meu pai achava que o estudo era bom, mas não necessário.

Eu já tinha o curso Normal, não precisava estudar mais; os meus outros irmãos, nenhum estudou tanto. Apesar de que ele sempre cuidou para que todos tivessem uma boa escola; o colégio, só internato, porque a gente morava na fazenda. E eu fui a última, então eu tive oportunidade de estudar mais, mas eu queria mais ainda. Então, falei com ele a respeito disso, de ir pra fora estudar e fazer um curso superior. Aí ele não achou bom, não gostou da história.

Estávamos só nós três; ele, a mamãe e eu em casa, o resto já tinha casado, já tinham saído de casa, e eles idosos.

Ele falou: “Você não vai!”. Não sei o porquê, mas depois ele achou que eu deveria ir. Nessa volta dele, a mamãe achava que eu não deveria ir, mas ela não achou argumento para me impedir de ir fazer o cursinho em Belo Horizonte. Então, ela me chamou pra ir numa outra cidadezinha... lá onde tinha um padre que previa o futuro. O padre falou pra ela que não me deixasse ir, do jeitinho que ela queria, foi ela que falou pra ele né!? Disse que não me deixasse ir porque eu ia me perder lá.

Aí fiquei muito revoltada com isso, briguei com mamãe, fiquei sem falar com ela muito tempo. Aí... bom... eu e a minha sobrinha já tínhamos tudo combinado; tínhamos estudado, nos preparamos pro vestibular juntas... ela ficou revoltada comigo e foi sozinha. Ela falava: “Não é possível que você vá obedecer seus pais desse jeito, você tem condições de se manter sozinha”. Porque eu achava que eu tinha que depender do papai, só que eu tinha meios pra me manter lá, só que eu tinha que arranjar esses meios. Por exemplo, eu tinha umas terras em Goiás e era fazer essas terras valerem. Aí a mamãe entrou na história, não deixou mesmo eu sair e eu fiquei.

Aí fui lecionar; passou, passou, depois casei. Isso eu estava em Minas. Casei... aí sim que a coisa ficou feia. Eu sempre pensando em fazer uma faculdade e não tinha condições de fazer porque onde eu estava morando não tinha. Tinha próximo, mas não tinha lá.

E foi indo assim sabe... mudava pra um lugar, naquele lugar não tinha, aí depois ia pra outro e a faculdade abria onde eu estava antes. Então, estava sempre fugindo das oportunidades que eu tinha de fazer.

Até que depois, mais tarde, aí entra a questão de família: filhos crescendo, pagar colégio pra essas crianças e eu fui ficando pra segundo plano né, eu tinha que atender as necessidades deles. Aí, quando voltamos para..., isso ainda em Gurupi, no Tocantins, depois fomos pra Goiânia e, lá em Goiânia, eu ficava pensando: “Quem sabe agora eu possa fazer”. Mas... lá tudo era muito caro e difícil. Eram três filhos estudando em escola particular.

Aí eu fui ficando mais uma vez pra segundo plano. Até que todo mundo terminou seus estudos, saíram de casa e eu falei assim: “Será que agora tá na minha vez de estudar? Já está tão tarde!”. Fiquei assim, meio que com preguiça de retomar tudo, estava tudo diferente. O segundo grau era diferente do que eu fiz, eu não ia conseguir passar nunca no vestibular. Aí os meninos... ah!

Eu tive um problema, não sei se foi um AVC, só sei que fiquei desmemoriada, eu perdi a memória mais recente. Aquilo que tinha acontecido no dia anterior, recente, eu não estava percebendo mais. E eu imaginava que eu iria recobrar muitas coisas, do passado também... estava tudo nebuloso. Eu pensei assim, acho que pra eu voltar a ter minha memória de volta eu vou ter que exercitar a minha mente, exercitar os neurônios. Aí eu pensei: "Vou exercitar de que jeito?". Tenho que estudar. Eu vou estudar o quê? Pra quê?

Aí fui prestar um vestibular. Foi quando eu comecei a estudar, pedi emprestadas umas apostilas. Essas apostilas eram essas de cursinho, que vinham os módulos, as matérias separadas. Peguei, desmembrei as matérias todinhas e fiz um novo caderno, com todas as matérias separadas e estudei sozinha. Estudei, estudei, estudei... Aí tinha matemática, que era um pouco difícil, porque a matemática que eu estudei no curso Normal eram as noções básicas de matemática, só pra ensinar mesmo. Então, eu chamei um colega pra me dar umas aulas. Pra mim ele estava falando grego, porque eu não estava entendendo nadinha.

Aí eu pensava: "Meu Deus do céu, o que é que eu vou fazer?". Aí os meninos falavam: "Faz e passa, é só você não zerar em matemática". Mas eu falava: "Eu corro perigo de zerar, porque eu não sei nada de matemática". E, na verdade, eu fui prestar vestibular e "levei pau" porque eu zerei. Foi um vestibular assim... melhor, porque nas outras matérias eu me saí muito bem, mas zerei em matemática.

Aí eu falei: "Quer saber de uma coisa... eu não vou desistir, vou continuar!". E os meninos dando força... tanto a filha, quanto o filho diziam: "Vá em frente...vá em frente!!". Aí... Deus, lá em cima, olhou pra mim e falou assim: "Coitada dessa daí, ela tá precisando tanto de estudar, fazer uma faculdade, que eu vou mandar tirar a matemática (Risos)". Aí... caiu a matemática e eu passei.

Minha vida na universidade foi uma delícia! Nossa... como eu aproveitei! O primeiro ano, principalmente. Eu tinha duas amigas de mais idade. Aliás, a minha sala era bem heterogênea nessa questão de idade. Tinha meninos novos e pessoas com bem mais idade, acima de 40. Agora, 60 anos, era só eu!

A gente ria de um tanto, tinha tanto palhaço na sala e a gente achava graça de tudo, eu virei uma menina. Virei uma menina lá... E nunca me senti uma pessoa velha. Aliás, eu tenho essa dificuldade de me enxergar na idade que eu tenho e, nessa época, então, eu era garota como todo mundo.

Eu nunca tive nenhuma pessoa que me tratasse de maneira diferente porque eu tinha mais idade, eu era a mais idosa da universidade todinha, eu acho que sim, não tinha ninguém mais

velho do que eu. Nós, então, éramos muito unidas, fazíamos tudo juntas, tinham muitas brincadeiras. Tinha um colega que era muito palhaço, fazia imitação dos professores e isso pra gente era uma graça. Era muito bom! O tempo de universitária foi ótimo!

Depois, terminei o curso e pensei em prestar um concurso. Abriu o concurso pra bibliotecária e eu falei: “Tô dentro, vou enfrentar!”. Então, eu passei como portadora de deficiência física, porque eu tive um câncer, tive um seio amputado...

Comecei a trabalhar na sessão de catalogação. Eu tinha uma chefe muito legal, lá também eu não tive problema nenhum por conta da minha idade. Eles tinham sempre muita paciência comigo, porque eu trabalhava com computador e eu não tinha destreza com computador.

Esse concurso foi para a Universidade Federal de Goiás - UFG, na mesma universidade que eu estudei. E, dois anos e meio depois, porque eu já tinha 70 anos, eu fui obrigada a pedir a aposentadoria. Pós-aposentadoria ficou chato, porque a gente mal tinha começado, ainda não tinha terminado o período probatório. Eu tinha feito uma pós-graduação (EAD) em Contação de Histórias... (Silêncio)

Entrevistadora: Terminamos?

Idosa F: Acho que terminamos.

Entrevistadora: Muito obrigada!

5. CAPÍTULO 4

ENTRELAÇANDO OS FIOS DA COMPLEXIDADE E DA SUBJETIVIDADE PARA COMPREENDER AS HISTÓRIAS DOS IDOSOS

A narrativa é, privilegiadamente,
o caminho no qual viaja o sonho,
deixando nesse percurso os vestígios de desejos,
angústias, ambições e frustrações.
É o caminho que permite a amarração
de pontos desconectados
e distanciados entre o sonhar e o viver.
É o encontro do saber com o não saber,
do aprofundamento com a superficialidade,
da concretude com a transcendência,
revelando os meandros de histórias vividas
que se imbricam.

[...]

É no entrelaçamento das histórias pessoais
que os homens criam significados e
constroem seu mundo e sentido de ser.

Dias, 2001.

O procedimento usado para o estudo e compreensão das entrevistas semiestruturadas realizadas nesta investigação foi a teoria da complexidade de Morin e análise de conteúdo do material coletado; justifica-se por ser um conjunto de técnicas que podem ser aplicadas ao discurso diversificado, às comunicações em que se pretende compreender o sentido da mensagem para além de seus significados imediatos. Para Laurence Bardin (2009):

> Lidamos então com uma fala relativamente espontânea, com um discurso falado, que uma pessoa – o entrevistado – orquestra mais ou menos à sua vontade. Encenação livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu e pensou a propósito de alguma coisa. A subjectividade está muito presente: uma pessoa fala. Diz "Eu", com o seu próprio sistema de pensamentos, os seus processos cognitivos, os seus sistemas de valores e de representações, as suas emoções, a sua afectividade e a afloração do seu inconsciente (p.89).

Análise de conteúdo dialoga com a objetividade e com a subjetividade; exige intuição e a criatividade do pesquisador na elaboração das categorias de análise; é também importante atenção e ética ao analisar o material coletado nas entrevistas; ou seja, esse tipo de análise possibilita um jogo entre as hipóteses, entre a ou as técnicas utilizadas e a interpretação, "[...] isto porque a análise de conteúdo se faz pela prática" (BARDIN, 2009, p.51).

Bardin enfatiza que sua proposta de análise tem por finalidade ultrapassar o senso comum do subjetivismo e alcançar o rigor científico necessário. Como esclarece a autora (2009):

> A leitura efectuada pelo analista, do conteúdo das comunicações, não é, ou não é unicamente, uma leitura "à letra", mas antes o realçar de um sentido que se encontra em segundo plano. Não se trata de atravessar significantes, para atingir significados, à semelhança da decifração normal, mas atingir através de significantes, ou de significados (manipulados), outros "significados" de natureza psicológica, sociológica, política, histórica, etc. (p.43).

A autora (2009) prevê três diferentes momentos na organização da análise do material coletado por meio de entrevista e que foram respeitados nesta pesquisa:

1. A pré- análise - fase de organização, foram realizadas leituras flutuantes do material oral coletado, *corpu*s das entrevistas, para que fosse possível apreender/compreender o que está por trás de palavras, frases e interjeições que os idosos utilizaram em suas narrativas (fontes de informação para esta pesquisa); depois o momento da formulação das hipóteses e objetivos para a elaboração de indicadores que ajudaram na compreensão do *corpus*; e a identificação dos indicadores por meio de recortes dos documentos analisados em unidades comparáveis.

2. A exploração do material é uma etapa importante, porque possibilita ou não a riqueza das interpretações e inferências. Esta é a fase da descrição analítica, a qual diz respeito ao *corpus* (entrevistas) submetido a um estudo aprofundado, orientado pelas hipóteses e referenciais teóricos. A codificação, a classificação e a categorização são básicas nesta fase.

3. A terceira fase diz respeito ao tratamento dos resultados: inferência e interpretação a propósito dos objetivos previstos e de outras descobertas inesperadas que puderam ser percebidas nas informações analisadas e que culminaram nas interpretações inferenciais; foi o momento da intuição, da análise reflexiva e crítica à luz dos pressupostos teóricos que balizam este estudo.

Bardin (2009) rejeita a ideia de rigidez e de completude, deixando claro que sua proposta de análise de conteúdo acaba oscilando entre a investigação científica, o rigor da objetividade, da cientificidade e a riqueza da subjetividade. Nessa perspectiva, a análise de conteúdo "[...] procura compreender a partir do interior da fala de uma pessoa [...]" e por "[...] detrás da torrente de palavras que rege o processo mental do entrevistado" (BARDIN, 2009, p.92-93). Pode-se complementar a reflexão acerca da importância das palavras proferidas pelos indivíduos com o que declara Morin (2007) sobre linguagem:

> É uma máquina autônoma-dependente numa polimáquina. Depende de uma sociedade, de uma cultura, de seres humanos que, para se realizar, dependem da linguagem. Seja qual for a linguagem, há, em cada enunciado, um Eu implícito ou explícito (o emissor), dois Id (a maquinaria linguística e a maquinaria cerebral), Nós (a maquinaria cultural). Eu, Id, Nós falam ao mesmo tempo (p.37).

A fase de leitura de todo material coletado permitiu que se percebesse, de uma forma geral, as ideias principais, as pistas e indícios de temas que eram recorrentes nas entrevistas; para que fossem feitos os recortes da análise, respeitaram-se os objetivos que norteiam esta investigação. Fez-se uso da análise temática (temas principais), que consiste na descoberta de alguns núcleos de sentido presentes nas entrevistas e sua frequente aparição tem um significado importante para o pesquisador; sendo assim, foram retiradas frases, sentenças ou até parágrafos do material coletado que foram considerados como indicadores de análise.

Os indicadores de análise são os recortes realizados nos textos e que foram delineados por um processo indutivo, ora da mensagem que estava explícita, ora das informações implícitas apreendidas nas leituras. Destas, muitas vezes, afloravam as lembranças do momento em que ocorreu o encontro do pesquisador com o sujeito entrevistado e isso também contribuiu no processo de análise. Campos (2004) tece a sua reflexão sobre o tema:

> Difícil neste momento é delinear com absoluta transparência os motivos da escolha deste ou daquele fragmento, sem levar em consideração que a relação que se processa entre o pesquisador e o material pesquisado é de intensa interdependência. Para tal são utilizados os objetivos do trabalho e algumas teorias norteadoras, porém, não se pode na análise dissociar-se, nem em última instância abster-se do uso de recursos mentais e intuitivos que muitas vezes transcendem as questões postuladas e são definitivamente necessários a uma análise deste porte (p.613).

Os objetivos e o referencial teórico que norteiam esta investigação e também as percepções do investigador formaram uma conjunção de interdependência para estabelecer os

indicadores de análise das entrevistas. Esses indicadores puderam ser percebidos com a atenta leitura e oportunizaram observar a frequência de determinados temas em todas as manifestações orais dos idosos (BARDIN, 2009). Por meio do entrelaçamento que foi sendo tecido das teorias, dos objetivos da pesquisa e das experiências narradas foi possível identificar cinco temas recorrentes. São eles:

1. Projeto de vida interrompido;
2. Retomada do projeto de vida interrompido;
3. Satisfação pessoal;
4. Acolhimento intergeracional;
5. Perspectiva de futuro.

A ordem estabelecida para os cinco temas respeitou a sequência das narrativas dos idosos. Eles iniciaram contando que um projeto inicial de vida foi interrompido por motivos diversos; em seguida falaram sobre o que viveram, onde trabalharam, família, conquistas e que, com a aposentadoria, tiveram a oportunidade de retomarem aquele projeto inicial. A decisão de lançaram-se ao desafio de ingressar em uma universidade com 60 anos ou mais trouxe muita satisfação pessoal. Na universidade puderam experimentar situações novas, uma delas foi o relacionamento intergeracional, que proporcionou aos idosos a boa surpresa de serem acolhidos por colegas e professores. Finalmente, ao concluírem as entrevistas, os idosos manifestaram o desejo de darem continuidade às atividades acadêmicas ou, ainda, de encontrarem novas possibilidades de trabalho.

O primeiro tema - **Projeto de vida interrompido** - está muito bem delineado no **Idoso A** ao declarar: **"[...] voltar à faculdade após os 60 anos, [...] fazia parte de um grande projeto que se iniciou na minha adolescência. Na adolescência eu tinha em mente estudar Comunicação Social"**.

O **Idoso B** relata que não conseguiu exercer a sua profissão inicial, fez Medicina na Itália e como não houve a possibilidade de fazer a adaptação do curso para o Brasil, tomou outro caminho: **"[...] eu comecei com um plano B, que era ligado à alimentação [...]"**.

A Idosa C justifica o ingresso tardio na universidade, apenas aos 59, pois **"[...] resolvi dedicar a minha vida para os filhos, eu trabalhei até os 35 depois eu parei e fiquei cuidando dos filhos. Porque como tenho quatro filhos, era difícil na época, mudei de cidade também, [...]. Então resolvi cuidar da família"**. Os recortes em destaque remetem

ao princípio recursivo, que evidencia a probabilidade de um novo começo em qualquer circunstância, decorrente de uma finalização anterior e do movimento crescente de um ciclo autoconstitutivo, como um espiral, em um processo produtivo contínuo. Como afirma Morin (2011a, p.74), "[...] os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos. Somos ao mesmo tempo produtos e produtores".

O **Idoso D** vai contando sua história e diz que sempre pensou fazer Engenharia; fez o científico **"porque o caminho estaria aberto pra fazer uma faculdade"**. Prestou vestibular, não conseguiu passar na primeira tentativa. Quando fez um segundo vestibular, optou pelo Direito, pois Engenharia tinha muita concorrência. Tentou dar sequência ao curso de Direito, mas **"não dei prosseguimento porque o meu pensamento era outro, era Engenharia"**. Continua seu relato dizendo que nesse meio tempo começou a pensar em casamento; **"**[...] **e, em 1980, casei. Abandonei os estudos, mas sempre aquele sonho de um dia ser engenheiro"**. E foi assim que o sonho do **Idoso D** se perdeu no tempo, ou melhor, ficou guardado na memória. A renda não era suficiente para todas as coisas, ele tinha obrigações, o cuidado com a família, os filhos estudando e assim seguiu o curso de sua vida.

A **Idosa E** é muito sorridente, suas histórias são recortadas por risadas, às vezes, gargalhadas. O pai foi advogado e ela, quando jovem, não quis fazer Direito, **"eu achava que a mulher perdia um pouco a feminilidade e ficava muito dura com ela mesma e com a vida"**. Hoje, mais madura, ela já não pensa assim e, aos 60 anos está cursando Direito. Como aconteceu com as outras duas idosas investigadas, a **Idosa E** também deixou de lado seus projetos iniciais, **"depois eu casei e sempre falei que, quando minhas filhas estivessem independentes, eu voltaria a estudar e queria fazer Direito"**. Não foi possível, vários problemas foram aparecendo, o marido adquiriu uma doença degenerativa e faleceu. Ela estava com 49 anos e duas filhas para criar.

Nas expressões orais dos idosos percebe-se que os sujeitos vivenciaram situações que interromperam seu projeto inicial de vida; todavia, foram capazes de se auto-organizarem. Puderam reorganizar seus objetivos e dar um novo sentido ao ciclo da vida em sociedade. Assim, como em um anel recursivo, prosseguiram produzindo-se pessoal e socialmente. Morin (2007) destaca que:

> [...] a relação sociedade-indivíduo não se realiza, em primeiro lugar, por um determinismo social capaz de tolerar margens de liberdade individual, mas conforme um anel de produção mútua indivíduos/sociedade no qual as interações entre indivíduos produzem a

> sociedade; esta constitui um todo organizador, cujas qualidades emergentes retroagem sobre os indivíduos incorporando-os (p.167).

Nos anos 1960, fazendo o curso Normal, antigo formador de professores do ensino fundamental, morando em uma cidade pequena e sendo a caçula de nove irmãos, **a Idosa F** sempre gostou de estudar e pretendia fazer faculdade. O pai **"achava que estudo era bom, mas não necessário"**. Quando os irmãos já haviam saído de casa, apenas ela morava com os pais e, nessa ocasião, interrogou o pai acerca da possibilidade de mudar para a capital mineira, Belo Horizonte, e fazer um curso superior.

O pai ficou indeciso, disse não, depois aceitou. Todavia, a mãe, dessa conversa não estava gostando de nada. Chamou a filha e lá foram as duas conversar com um padre, que diziam, previa o futuro. O resumo da previsão feita foi que **"o padre falou pra ela que não me deixasse ir porque eu ia me perder lá"**. Ficou revoltada com a mãe, deixou de falar com ela por um tempo, nada adiantou **"não deixou mesmo eu sair e eu fiquei"**.

Os paradigmas de uma sociedade, de uma cultura, têm um poder imperativo e proibitivo. São crenças, doutrinas reinantes, tabus, normas ou ideias que são recebidas e respeitadas, muitas vezes, sem contestação. Segundo Morin (2002a, p.27), "todas as determinações propriamente culturais convergem e sinergizam para encarcerar o conhecimento". Essa reflexão é complementada pelo autor:

> Ao determinismo de paradigmas e modelos explicativos associa-se o determinismo de convicções e crenças, que quando reinam em uma sociedade, impõem a todos e a cada um a força imperativa do sagrado, a força normalizadora do dogma, a força proibitiva do tabu (p.27).

Logo, a força coerciva do padre colocou os sonhos da **Idosa F** e os projetos de cursar uma faculdade em estado de conformismo. Para Morin (2002a), muito mais do que conformismo, o que ocorre é uma marca matricial, o *imprinting* cultural, que acaba sendo uma maneira de normalização que não se pode contestar. Há um jogo complexo em que as "sociedades domesticam os indivíduos por meio de mitos e ideias, que, por sua vez, domesticam as sociedades e os indivíduos" (p. 29). Entretanto, a compreensão de Morin pontua que o homem poderia, reciprocamente, apossar-se das ideias e também ter o controle da sociedade que o controla.

Esse conjunto de práticas, saberes, crenças, valores, ideias, conhecimento, que influenciam o desenvolvimento da individualidade do sujeito, mas cada sujeito tem condições

de constituir-se e construir-se de maneira diferente. Isso acontece porque a cultura não é a única que influencia o ser humano, o sujeito é uma totalidade, ele é físico, biológico, psíquico, afetivo, cultural e social (MORIN, 2007).

A **Idosa F** não reagiu ao que lhe foi imposto. Naquele momento, faltou-lhe coragem de enfrentar ou, quem sabe, de desrespeitar os pais já idosos. Sucumbiu ao veredito do padre, ao desejo da mãe e às ordens do pai. Seguiu seu caminho **"aí fui lecionar; passou, passou, depois casei. Casei... aí sim que a coisa ficou feia. Eu sempre pensando em fazer faculdade e não tinha condições de fazer"**. Foi mudando de um lugar para outro, de cidades, de estados e **"sempre fugindo das oportunidades que eu tinha de fazer"**. Os três filhos foram nascendo, crescendo, estudando **"e eu fui ficando pra segundo plano"**.

Na relação indivíduo e sociedade estão presentes os três princípios que balizam o pensamento complexo: o hologramático, o recursivo e o dialógico. O indivíduo está na sociedade que também está presente nele; e "a sociedade controla e regula as interações que a produzem e garante a sua continuidade" (MORIN, 2007, p.167) e a integração das novas gerações de indivíduos. Desta forma "os indivíduos produzem a sociedade que produz os indivíduos" (p.167).

Quando o **Idoso A** relembra o contexto histórico, social e político da época em que era jovem, diz: **"Os anseios da nossa geração, estou me referindo especificamente à década de 60. [...] Vivíamos uma época de efervescência no Brasil, efervescência política. [...] Após 64 não havia outro caminho para o jovem brasileiro a não ser participar da luta para redemocratização do país"**. Nestes fragmentos é possível inferir que há uma resistência do indivíduo à ordem social e política da época; o Estado, a organização social tanto podem emancipar como subjugar e, na história contada pelo **Idoso A**, dos jovens brasileiros daquela geração exigia-se uma atitude de rejeição à sujeição imposta pelo governo. De acordo com a sociedade, com o momento histórico as relações sociedade-indivíduo são de múltiplas formas, mas indissolúveis (MORIN, 2007).

Depois de abril de 1964, vivencia-se na sociedade brasileira um período de autoritarismo ditatorial que foi introduzido pelo golpe militar. Para compreender os relatos do **Idoso A** é preciso levar em consideração as dimensões históricas da época em que ele era jovem e esse desdobramento é perceptível em suas observações acerca da política educacional da época: **"Então, fazer Comunicação Social era um grande projeto, não consegui fazer. [...] por que eu precisava trabalhar [...], [...] procurar emprego, procurar uma profissão [...]"**.

Foi na fase de sua formação que o **Idoso A** pôde vivenciar as mudanças ocorridas após 1964, com a ideia de um projeto de modernização do país em direção à educação profissional, já que havia uma necessidade do mercado por mão de obra especializada dado o fomento da industrialização, a consolidação de um novo modelo de produção para as empresas e, principalmente, para as do próprio Estado.

Em 1968 foi regulamentada a profissão de técnico industrial pelo Estado Ditatorial, o que se constata a partir das informações do **Idoso A**: **"[...] a formação que eu procurei foi uma formação técnica. Eu estudei projetos de engenharia industrial. [...] fui trabalhar para a Petrobras muito jovem [...]"**. A valorização dada ao técnico industrial por meio da política educacional não aconteceu por acaso, visto que o papel desempenhado pelo técnico no interior de uma empresa era o de mediador entre os engenheiros, administradores e trabalhadores.

Científico ou Contabilidade eram as opções do **Idoso D** para cursar depois do ginásio, fez o científico. Com a ajuda de uma colega, estudava para prestar vestibular de Engenharia. Destaca em seu relato: **"[...] o que me incentivou mais a ser engenheiro foi um colega meu"**; interessante ressaltar que o **Idoso D** era o chefe deste colega na companhia em que trabalhavam. Os dois estudavam juntos e às escondidas, porque **"no passado, o cara funcionário público, como era o meu caso, não tinha nenhum incentivo, era muito pelo contrário"**.

Deram sequência e continuaram estudando, **"mas o problema veio do próprio serviço"**, descobriram que ele, o **Idoso D**, estava fazendo cursinho e **"aí botaram uma pedra no meu caminho"**, acabou sendo transferido de unidade e teve que parar com os estudos. Segundo sua informação, **"os chefes faziam de tudo para que você não pudesse subir"** e isso ele explica dizendo que o pensamento daquela época era que **"governar um povo rude era bem melhor do que um povo culto"**.

As trajetórias profissionais do **Idoso A** e do **Idoso D** refletem as relações que estão interligadas entre o processo do ensino profissionalizante brasileiro e os processos de mudanças ocorridas no contexto social do país. Isso porque, deve-se compreender o sujeito em associação com o seu tecido social, em suas dimensões históricas, políticas e econômicas que são as causadoras e produtoras do próprio processo (produz-se e reproduz-se).

A compreensão das vivências do **Idoso A**, do **Idoso D** e da **Idosa F** comportam ainda o princípio hologramático; por meio da linguagem, da cultura, de suas normas e regras a sociedade se inscreve no indivíduo, evidenciando "que não apenas a parte está no todo, como

o todo está inscrito na parte" (MORIN, 2000b, p.94). Assim, "o indivíduo está na sociedade que está no indivíduo" (MORIN, 2007, p.167), fato que reflete as condições socioeconômicas enfrentadas na juventude e que os obrigaram a colocar seus desejos e aspirações em compasso de espera.

O segundo tema da análise - **Retomada do projeto de vida interrompido** - surge de forma recorrente nas entrevistas coletadas. O **Idoso A** descreve que depois de sua aposentadoria, com os três filhos já formados e tendo passado um tempo cuidando da saúde, **"[...] eu lembrei do meu projeto da minha juventude que era cursar Comunicação Social"**.

O **Idoso B** vai relembrando suas experiências no negócio de alimentos. Tendo trabalhado com massas por 34 anos, observa que **"nesse período todo eu fiquei muito atento àquilo que acontecia em termos de possibilidade de estar perto de uma faculdade ou não [...]. Até que criei coragem e quando foi em 2008 me inscrevi em um curso de Administração"**.

Depois de ter cuidado da família, ter ficado sem trabalhar e sem estudar, a **Idosa C,** incentivada pelos quatro filhos, resolveu participar do Enem, tirou uma boa nota e **"[...] entrei na faculdade. [...] como... e... como... eu queria também ocupar a minha cabeça. Então eu precisava fazer alguma coisa e como eu gosto de estudar [...]"**.

A **Idosa E** costuma dizer que **"a faculdade é uma terapia ocupacional para mim, é essencial"**. Depois de ter passado por muitas dificuldades na esfera profissional, que lhe causou estresse, apresentou um quadro de depressão e chegou a ser afastada do trabalho por alguns meses. Conseguiu, aos poucos, superar as adversidades, fez tratamento psicológico e, relata animadamente: **"Deus é tão maravilhoso que, na hora em que fui aposentar, eu vi que tinha duas previdências privadas"**. Achou melhor não ficar correndo mais atrás de trabalho e decidiu: **"no momento em que me aposentei, eu me vi na situação de que se eu parasse de aprender eu ia ter outras complicações e que seria o momento, apesar da idade"** de voltar aos estudos.

Os fragmentos acima destacados apontam para o operador dialógico, visto que transitam entre a ordem, a desordem e a organização. Os idosos apresentavam um projeto de vida inicial que, ao ser interrompido por ações do universo físico, biológico e social, sofreu alterações/desordens. No entanto, a tensão dialógica existente entre as situações vividas e as expectativas profissionais se manteve ativa e com força capaz de ser reativada em momento mais propício.

Cria-se uma dialógica entre indivíduo e sociedade que é, pois, complementar e antagônica e envolve diferentes áreas do conhecimento humano, o que torna necessário um olhar ampliado para a solução e encaminhamento das suas necessidades. Do homem emerge a trindade humana: indivíduo - sociedade – espécie e todos os seus antagonismos e contradições. Destarte, a citação de Morin (2007) complementa esta reflexão:

> É o indivíduo humano [...] que dispõe das qualidades do espírito e mesmo de uma superioridade em relação à espécie e à sociedade, pois só ele tem a consciência e a plenitude da subjetividade. [...] o indivíduo não é nem noção primeira, nem noção última, mas o nó górdio da trindade humana (p.73).

O incentivo dos filhos foi decisivo para que o **Idoso D** acreditasse que seria possível fazer o curso de Engenharia. Ele conta que certo dia os filhos disseram: **"Pai, você que tanto quis fazer Engenharia, agora chegou sua vez. Nós já formamos e você cuidou da gente, agora a gente cuida de você, então, bola pra frente. Faça sua Engenharia"**. Tentou argumentar com os filhos, sentiu-se inseguro, dizia que a mente não mais o ajudava, pois estava cansada. No entanto, os filhos não desistiram de ajudá-lo na realização de seu velho sonho, insistiam: **"Que mente nada, pai, toca o barco pra frente, faz!"**. E ele está fazendo!

A **Idosa F** vai puxando os tênues fios de sua memória e relembrando, muitas vezes achou que seria a hora de colocar o seu sonho em prática, mas os contratempos, as charadas que a vida impõe, faziam-na adiar o projeto de estudar. Depois que os filhos terminaram os estudos, ela teve um problema de saúde, **"não sei se foi um AVC, só sei que fiquei desmemoriada, eu perdi a memória mais recente, [...] estava tudo nebuloso"**. Essa tensão não a fez desistir, **"[...] acho que para eu voltar a ter a minha memória, vou ter que exercitar a minha mente, exercitar os neurônios. Vou exercitar de que jeito? Tenho que estudar"**.

A palavra motivação deriva do latim *motivus, movere*, que significa mover, um impulso que leva a uma ação. Assim, ao estar motivado, o indivíduo direciona o seu pensamento para uma ação positiva. A **Idosa F** concluiu que precisava fazer algo e, a opção pelo estudo foi natural, pois ela acreditava que isso iria estimular e energizar a sua memória que estava parcialmente perdida. Ela e os outros idosos entrevistados tiveram objetivos, razões que os motivou e os estimulou a retomarem o projeto inicial de suas vidas, fazer um curso universitário.

Todos os entrevistados, após estarem aposentados, retomaram projetos antigos e lançaram-se um desafio, o de ingressar em uma universidade intervindo a *ecologia da ação*. Morin (2002a, p.86) afirma que "o conhecimento é, pois, uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro. [...] o conhecimento é a navegação em um oceano de incertezas, entre arquipélagos de certezas". A decisão que esses idosos tomaram trata de um desafio, já que "na noção de desafio há a consciência do risco e da incerteza" (MORIN, 2011a, p.79). O autor complementa:

> O campo da ação é muito aleatório, muito incerto. Ele nos impõe uma consciência bastante aguda dos acasos, derivas, bifurcações, e nos impõe a reflexão sobre sua própria complexidade. Aqui intervém a noção de ecologia da ação. Desde o momento em que um indivíduo empreende uma ação, qualquer que seja ela, esta começa a escapar de suas intenções. Ela entra num universo de interações e finalmente o meio ambiente apossa-se dela num sentido que pode tornar contrário ao da intenção inicial. [...] Isso nos obriga a seguir a ação, a tentar corrigi-la - se ainda é tempo -, às vezes a bombardeá-la [...] (p.80-81).

Não são poucas as derivas e bifurcações que aparecem no percurso de uma caminhada e, para esses idosos que se lançaram à seara da educação universitária, não foi diferente. O **Idoso A** menciona **"o convívio que eu desconheço"** e complementa, **"são novas maneiras de relacionamento, novos livros com enfoques que diferenciam bem da polaridade política da década de 1960"**. A preocupação maior do **Idoso B** é com a saúde, ele declara ao final de sua entrevista: **"[...] tem que ter saúde, saúde é muito importante, é o que nos segura aqui"**. Como passou muitos anos sem estudar, a **Idosa C** tem dificuldades, ficou em exame em uma matéria, mas é otimista, **"eu acho que tenho capacidade"**.

O **Idoso D** iniciou o curso universitário com problemas para apreender os conteúdos, **"depois veio problema de saúde, o financeiro e tive que trancar a matrícula por três vezes"**. Conseguiu retomar os estudos e, no momento da entrevista, já havia concluído o oitavo semestre de Engenharia; todavia, não poderia cursar o nono período, pois está carregando onze DPs. Ele conta que, com a idade que está, **"não é muito fácil porque a nossa mente está bastante cansada"**, no entanto, com voz confiante e brilho nos olhos, logo acrescenta**: "Mas eu estou estudando, vou fazer as DPs e, querendo Deus, chegaremos ao final"**.

Mesmo tendo muitos problemas, suas duas filhas têm dislexia e ela também; além de uma memória que não tem facilidade para gravar, a **Idosa E** leva adiante o curso de Direito, e crê que se vive **"um dia por vez"**. Ela conta: **"eu nunca gravei número de telefone, nem**

nome de ninguém, história eu era péssima e Direito exige isso e eu não tenho isso!”. O tempo para ela aprender é mais longo, não consegue entender estudando uma única vez, as provas são verdadeiros desafios, **“quando chega época de prova eu tenho vontade de largar tudo e penso o que seu estou fazendo aqui? Para que eu estou fazendo isso?”**. Mas, logo ela percebe que tudo isso faz parte do conhecimento e, ao ver suas boas notas, se reanima.

A **Idosa F** é mulher de fibra, teve um AVC e ficou com vários hiatos na memória, prestou o vestibular e **“levei pau porque zerei em matemática”**. Não se abalou, **“quer saber de uma coisa... eu não vou desistir, vou continuar!”**. Continuou e conseguiu concluir o curso de Biblioteconomia. É importante aqui mencionar que, mesmo não tendo falado durante a entrevista gravada, ela relata à entrevistadora/pesquisadora o quão difícil foram os anos em que estava estudando e iniciando sua vida como funcionária pública.

O marido adoeceu, teve Alzheimer, foram 20 anos de luta. Nos anos de 2007, 2008 e 2009 ela cuidou, trocou as fraldas, deu comida na boca, administrou medicação até que, em janeiro de 2010, ele se foi. Nesse período ela manteve a vitalidade e, determinada, estudou e depois trabalhou. Essa informação, mesmo não estando gravada, apoia-se no que Bosi (2012) escreve na introdução de seu livro:

> A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar, ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito (p.39).

Satisfação pessoal – terceiro tema que emerge das narrações. Em seus relatos os idosos contam as mudanças que foram ocorrendo ao longo da vida, os diversos papéis que desempenharam, que foram jovens atuantes em determinado momento histórico do país, estudantes, profissionais em áreas diversas, pais, mãe, maridos, esposa, dona de casa, enfim, todos os fios da vida foram sendo tecidos em uma rede de significados. Depois de aposentados, filhos criados, casamento desfeito (**Idosa C**), ainda existia espaço para outras experiências, como, por exemplo, cursar uma graduação.

Petraglia e Gonçalves (2012, p.39) mencionam que essas mudanças de pensamentos e de padrões de comportamento “implicam reflexões profundas nos sujeitos sobre o processo de conhecer o próprio conhecimento, a cultura, as relações que estabelecem e como esses

sujeitos se percebem e se identificam nesse universo em transformação". **O idoso B**, com esta fala, ilustra o que as autoras afirmaram: **"Talvez o fato de ter voltado para uma faculdade tenha sido uma espécie de resgate da minha parte [...]"**. As mesmas autoras acrescentam que a educação pode ser uma "brecha e esperança de regeneração":

> [...] Hessel e Morin propõem a instauração de uma política do bem viver, que pode e deve ser combativa e resistente à barbárie e à tirania de uma hegemonia cultural domesticadora. Ambos os autores afirmam: "O querer-viver alimenta o bem-viver, o bem-viver alimenta o querer-viver. Juntos, um e outro abrem o caminho da esperança [...]". É nessa direção que entendemos que a educação deve colocar-se para regenerar-se e à cultura, de modo que os sujeitos tornem-se mais felizes (p.48).

O **Idoso A** manifesta contentamento e transmite uma sensação de realização quando fala do seu retorno à vida acadêmica: **"E isso para uma pessoa, um aluno como eu, é uma satisfação imensa"**. Complementa afirmando que **"[...] eu não posso me furtar a colaborar com o pouco do que eu aprendi, eu não posso me furtar"**. Este fragmento revela que a educação foi uma experiência que teve sentido para ele, proporcionou um saber que não é egoísta, tendo em vista o seu desejo, literalmente manifestado, de extrapolar os conhecimentos adquiridos; ele quer mais, é preciso compartilhar com outros indivíduos. A declaração feita pelo **Idoso B** reafirma a reflexão desenvolvida neste parágrafo: **"[...] me sinto vivo, me sinto em condições de participar mesmo, coisas desse tipo [...]"**.

"[...] acredito em mim, no que poderia estudar cada vez mais [...]": percebe-se nesta fala do **Idoso A** que existe uma força em suas palavras, uma autoconfiança, uma vontade de dar sequência aos estudos, uma determinação que o impulsiona a viver e continuar produzindo. O **Idoso B** parece uma criança feliz ao responder à pergunta: "O que é e como é ser idoso universitário?" **"É tudo de bom!"**, e continua: **"Não me impus limites em termos de estudo, acho que estudar para mim é o valor maior, é o motivo de eu amanhecer e ficar feliz por estar aqui na faculdade"**.

Morin (2007, p.85), em um trecho de sua obra diz: "[...] cada um, sem perceber, carrega, presente em todas as idades, todas as idades". No caso do velho, tem-se a impressão de que a satisfação e a autorrealização de estar estudando, frequentando um curso universitário, o faz voltar à adolescência ou, até mesmo, à infância, tal é o benefício que isso traz à sua existência. **"Estudo para aprimorar, ganhar conhecimento"**, conclui o **Idoso B**.

A idosa C tem uma atitude comedida quando trata dos seus estudos, apresenta mais dificuldades, pois ficou muitos anos longe do ambiente escolar e enfrentar a universidade não

tem sido tarefa fácil: **"[...] ano passado fiquei em exame em uma matéria só, então eu acho que tenho capacidade [...]"**. Sua satisfação por estar na universidade é manifestada sem muito alarde: **"[...] é eu tô gostando, a faculdade tá me ajudando bastante e eu me ocupo [...]"**. A admiração dos colegas de sala de aula que diziam: **"Você, com 70 anos de idade, é muita coragem!",** trouxe ao **Idoso D** muito orgulho e satisfação pelo esforço que está fazendo para dar conta de um curso universitário.

Quando a pergunta norteadora desta pesquisa foi feita para a **Idosa E**, o sorriso abriu-se e ela respondeu: **"Para mim é super prazeroso!"**. Ela vive o tempo presente, o seu mundo é hoje e a faculdade tem proporcionado que **"eu me sinta mais jovem estando com os jovens"** e complementa dizendo que **"eu não perco aquela sintonia da juventude, eu vivencio um pouco a experiência deles no início da vida e revivo isso"**. Percebe-se que ela não vive no passado, é o passado que vive nela, **"eu dou risada porque eu vejo o quanto eu penei quando eu era da idade deles com coisinhas que eram pequenas"**.

"Minha vida na universidade foi uma delícia!". É com vivacidade e sorriso nos lábios que a **Idosa F** conta as suas travessuras. **"Nossa, como eu aproveitei!"**. Na universidade, com mais de 60 anos de idade, era somente ela. Menciona que **"a gente ria de um tanto, tinha tanto palhaço na sala e a gente achava graça de tudo"**. Vibrando com as boas lembranças dessa etapa da vida, acrescenta que **"nessa época, então, eu era garota como todo mundo"**.

Na documentação oral dos idosos, em suas experiências vividas, estão presentes as dimensões sensíveis, afetivas e cognitivas, que estão relacionadas à subjetividade. O **Idoso A** relata os anseios de sua geração (década de 1960), em que se vivia uma época de efervescência política no Brasil, e afirma: **"[...] eu precisava informar, ter uma formação em Comunicação Social para que eu pudesse me expressar e expressar os anseios da nossa geração"**. Percebe-se que o sujeito situa-se no centro do mundo, aqui representado pelo contexto histórico da década de 1960, está integrado e quer agir.

A subjetividade no **Idoso A** manifesta-se em um duplo programa, egocentrismo (para si) e altruísmo (para nós, para outros), ora dedicando-se a si e aos seus interesses (**"para que eu pudesse me expressar"**), ora para o nós (**"expressar os anseios da nossa geração"**). Como afirma Morin (2007, p.76), "[...] somos capazes de dedicar o nosso Eu a um Nós e um Nós a um Tu". Antes de concluir sua história, o **Idoso A** complementa dizendo que teve muita ajuda em sua vida: **"[...] não posso me furtar a colaborar com o pouco do que eu aprendi [...]"**, e termina dizendo que **"[...] o que nós aprendemos, temos que passar para que as**

gerações possam fazer a mesma coisa". Estes fragmentos revelam que a subjetividade compreende a afetividade.

Morin (2007, p.77) assegura: "O sujeito humano está potencialmente destinado ao amor, à entrega, à amizade, à inveja, ao ciúme, [...]. Fechado sobre si mesmo ou aberto pelas forças de exclusão ou de inclusão". Um recorte da entrevista do **Idoso B,** quando discorre acerca do seu papel como aluno universitário, contribui para ilustrar a reflexão de Morin: **"Para mim isso é muito importante, eu me sinto à vontade de estar aqui e captar alguma coisa e, se puder, passar alguma coisa. [...] me sinto vivo, me sinto em condições de participar mesmo"**.

Ao contar uma passagem que vivenciou em sala de aula, o **Idoso B** expressa sua subjetividade. Uma professora o chamou de jovem e ele responde: **"[...] jovem eu não sou, eu posso ser jovial, é o que me traz aqui. E demos risada [...]"**. Para a **Idosa F**, o **"tempo de universitária foi ótimo"** e, em sua sala, tudo era muito divertido, **"eu virei uma menina"**. A plenitude da vida, a felicidade, a realização do indivíduo é uma escolha que se dá conforme o seu sentimento ou ideia própria.

A **Idosa E** afirma que a faculdade lhe traz muito prazer **"no sentido de que me rejuvenesço"** e para ela é uma necessidade continuar aprendendo, **"eu quero morrer aprendendo! É isso que me motiva bastante"**. O que faz com que o **Idoso B, Idosa E** e a **Idosa F** sintam-se joviais com a idade que têm e, ainda dispostos e motivados para estarem em sala de aula, "são fins, ao mesmo tempo, plurais, incertos, complexos" (MORIN, 2007, p.156).

A maturidade trouxe para o **Idoso B** segurança e tranquilidade para reconhecer-se capaz e à altura de estar em uma sala de aula estudando com os jovens. E declara: **"O que seria dos mais jovens se nós tivéssemos o físico de uma pessoa de 20 anos com a cabeça que a gente tem com 60 e poucos, seria uma covardia em relação à juventude"**. É possível inferir que entre as finalidades deste idoso está inscrito o sentido de viver poeticamente, que para Morin (2007) significa:

> [...] viver intensamente a vida, viver de amor, viver de comunhão, viver de comunidade, [...] viver de conhecimento, viver de afetividade e de racionalidade, viver assumindo plenamente o destino de *homo sapiens-demens*, viver inserindo-se na finalidade trinitária[18] (p.156).

[18] Indivíduo - sociedade – espécie (MORIN, 2007).

A subjetividade é perceptível na **Idosa C** na forma como ela organiza as suas experiências pessoais, seja porque não teve uma vida fácil, ou porque parou de trabalhar aos 35 anos e tornou-se dona de casa. Mesmo com uma ocupação importantíssima dentro da organização familiar, em certo momento de sua entrevista ela externa o quanto esse tipo de trabalho no lar/família não era suficiente para que se percebesse como sujeito atuante: **"[...] fiquei assim inativa na vida, sem trabalhar, sem estudar [...]"**. E mais: **"[...] porque se você para, para mim é como vegetar... você tem que ter um objetivo"**. O termo *inativo* significa inerte, que está parado, ou seja, aquele que não age. A necessidade e o desejo de não ser inativa contribui para promover outras possibilidades e estabelecer novos objetivos na vida da **Idosa C**.

A noção de autonomia e auto-organização ela conquistou quando ingressou na universidade: **"[...] eu precisava fazer alguma coisa e como eu gosto de estudar... me socializar [...]"**. Ainda complementa: **"[...] eu escolhi estudar para seguir em frente"**. Diante desses relatos é possível deduzir que a autonomia da **Idosa C** estabelece uma dependência com o seu meio ambiente biológico, psicológico, social e cultural. Morin (2000b) enriquece essa reflexão:

> Assim, um ser vivo, para salvaguardar sua autonomia, trabalha, despende energia, e deve, obviamente, abastecer-se de energia em seu meio, do qual depende. Quanto a nós, seres culturais e sociais, só podemos ser autônomos a partir da dependência original em relação à cultura, em relação a uma língua a um saber (p.118).

Ao ouvir as histórias dos idosos, as experiências acumuladas ao longo da vida, depreende-se que elas promovem, em uma relação que é dialógica, a autonomia, a autoestima, a autoconfiança; todavia, ao mesmo tempo, deixam aflorar as inseguranças, incerteza e fragilidades. A **Idosa C**, em um tom reflexivo e com uma pitada de dúvida, diz: **"O ano que vem a gente vai ter estágio então, de repente, através do estágio eu consiga um trabalho e possa ir em frente"**. Os fios da autoconfiança e insegurança, da certeza e da incerteza estão trançados harmonicamente com os fios das experiências vividas e juntos compõem o tecido da vida do indivíduo. Morin (2000b) menciona:

> [...] como acusa o escritor Hadj Garm Oren, [...]. Cada um contém em si galáxias de sonhos e de fantasias, de ímpetos insatisfeitos de desejos e de amores, abismos de infelicidade, vastidões de fria indiferença, ardores de astro em chamas, ímpetos de ódio, débeis anomalias, relâmpagos de lucidez, tempestades furiosas (p.44).

Quarto tema - **Acolhimento intergeracional**. A consciência humanística e a ética devem fazer parte da espécie humana; os seres humanos dispõem de uma linguagem que os possibilita comunicar-se, trocar informações, experiências e até devaneios. O mundo físico, químico e o mundo vivo estão dentro do homem que, ao mesmo tempo, deles se separa por meio do pensamento e da consciência humana. De acordo com Morin (2000b) "[...] a situação do ser humano no mundo, minúscula parte do todo, mas que contém a presença do todo nessa minúscula parte" (p.41). E continua: "Nós, viventes e, por conseguinte, humanos, filhos das águas, da Terra e do Sol, somos um feto da diáspora cósmica, algumas migalhas da existência solar, uma ínfima brotação da existência terrestre" (p.38).

Nessa aventura que é a vida, em que o ser humano é apenas "uma poeira cósmica" do universo infinito, o pensamento complexo contribui para analisar as relações interpessoais que acontecem no ambiente acadêmico em que estão inseridos os idosos universitários que fizeram parte deste estudo. Na sala de aula, o acolhimento de professores e colegas de outras gerações influenciou na aprendizagem dos entrevistados e em suas atividades cotidianas. Cortada e Dias (2009) colaboram para esse entendimento:

> Importa assinalar que a complexidade das relações pessoais indica a impossibilidade de independência, seja pela recursividade e dialogicidade que as une, seja pela condição *sapiens/demens* do humano, que se altera de acordo com as ocorrências cotidianas e as circunstâncias de subjetivação (p.81).

Convém destacar que "a afetividade intervém no desenvolvimento e nas manifestações de inteligência" (MORIN, 2007, p.121). Destarte, a afetividade oportuniza que as relações interpessoais aconteçam, pois "a simpatia e a projeção/identificação com o outro permitem a compreensão" (p.122). As experiências vividas pelos idosos entrevistados confirmam o quanto o carinho dos colegas e a forma como foram recebidos em sala de aula configurou um diferencial nesse ambiente intergeracional. Os recortes abaixo exemplificam esta afirmação.

O **Idoso A** menciona que quando chegou à sala de aula, depois de 28 dias do início do ano letivo, um garoto de 18 anos o recebeu: **"Eu sentei ao lado dele, e ele me olhou e disse: se precisar de alguma coisa, pode usar o meu caderno"**. A disponibilidade e o apoio do garoto fez o **Idoso A** refletir: **"[...] me levou logo de primeira mão a pensar, olha, pode ser que tenha alguma diferença, mas eles são muito educados e são muito receptivos"**. Quanto aos professores, ele conta: **"[...] os professores dessa faculdade estavam presentes**

em cada mesa, conversando com cada um e proporcionando a eles um desenvolvimento quase individual”.

A **Idosa E** logo percebeu que, em sala de aula, alguns colegas se aproximavam e outros não. No entanto, manteve-se sempre serena e nunca fez distinção, **“a maturidade leva a gente a isso, a tratar todo mundo com o mesmo respeito e com as mesmas considerações”**. Ela atribui a essa sua postura reservada o sucesso que depois alcançou, **“foi uma conquista grande”** e, com o passar do tempo, **“os que se distanciaram diziam: nós queremos você para nós, você vai fazer parte do nosso grupo”**. Além do bom relacionamento com os colegas, ela acredita que contribuiu com eles, **“às vezes eu penso até que a imagem deles perante os pais pode ter mudado quando descobriram uma pessoa nessa idade estudando”**.

Ao contar suas experiências em sala de aula, a **Idosa F** sempre faz associações com muita brincadeira e muita alegria. Sua turma era bem heterogênea, **“meninos novos e pessoas com mais idade, acima dos 40 anos”** e ela, a mais velha. No entanto, mesmo havendo essa diversidade etária, ela conta que **“nunca tive nenhuma pessoa que me tratasse de maneira diferente porque eu tinha mais idade”**. Recorda que entre os colegas havia muita união, **“[...] nós éramos muito unidos, tinham muitas brincadeiras e um colega que era muito palhaço e fazia imitação dos professores”**. E finaliza satisfeita: **“Era muito bom!”**.

Pode-se afirmar que “A subjetividade comporta, assim, a afetividade. O sujeito humano está também potencialmente destinado ao amor, à entrega, à amizade [...]” (MORIN, 2007, p.77). E complementa o autor:

> Tudo se passa como se houvesse em nossa subjetividade um quase duplo programa; um comandando o “para si”; outro comandando o “para nós” ou “para outros”. Dedicamo-nos ora estritamente a nós mesmos, ora aos nossos, a nossos filhos, nossos pais, nossos amores, nosso partido, nossa pátria. [...] De fato o quase duplo programa é ainda mais complexo; tudo acontece como se cada um tivesse um tetraprograma, correspondente não somente à trindade humana indivíduo/sociedade/espécie, mas também à relação intersubjetiva de amizade e amor (p.76).

O **Idoso B**, depois de criar coragem e fazer a inscrição em um curso universitário, diz que: **“[...] me senti muito bem acolhido pelos colegas. Me senti muito bem com todos os professores, foi uma troca realmente”**. Em certo momento ele acrescenta: **“Agora parece que as pessoas se entendem, é uma troca muito grande, não há mais esta distância devido à idade. O que vale mais são os pensamentos, são as ideias”**. É fundamental

assinalar que a organização subjetiva do mundo interno e do mundo externo do sujeito contribui para um resgate "do passado que interfere no agora do presente, prospecta o futuro, desvela e distingue o singular e o especial" (DIAS, 2008a, p.61).

A **Idosa C** afirma: **"[...] eu gosto deste contato com jovens, então... é eu tô gostando"**, mais adiante ela conta como se sente realizada com os colegas e como eles fizeram diferença ao ajudá-la a superar os obstáculos da aprendizagem: **"[...] aqui com os meus colegas eu me dou muito bem, ninguém me discriminou por eu ser bem mais velha, eles até me ajudaram a fazer muitas coisas que eu tenho dificuldades, me ajudam, eu gosto..."**.

É importante mencionar que a **Idosa E** vivenciou uma experiência diferente em certo momento de seu curso; como estudava à noite e teve que mudar para manhã, certo estranhamento ocorreu por parte de uma aluna do matutino. A **Idosa E** se descreve como uma aluna muito participativa, que interage, faz perguntas e, achando muita graça ela diz: **"até faço perguntas bobas, eu não tenho medo de fazer perguntas bobas"**. Em um determinado dia, a discussão rolava em sala de aula e ela deu a sua opinião acerca do tema que estava sendo abordado. Qual foi sua surpresa quando uma garota olhou para ela com cara feia e reclamou que ela só falava e coisa e tal. **"Então, nesse dia eu tive que me impor. E perguntei: o que você tem contra mim? E disse: eu sinto muito, você vai ter que me aguentar agora porque eu passei para a manhã e nós vamos ter que chegar a um acordo"**.

A conversa aconteceu em sala de aula, os colegas ficaram apreensivos e até a **Idosa E** ficou assustada com sua atitude, pois sempre se resguardou. Depois desse episódio teve uma conversa particular com a garota, explicou-lhe que não tinha nenhuma intenção de incomodá-la e disse-lhe: **"também tenho duas filhas que trabalham, que passam o mesmo que você... eu sei o que você passa e, até o final do curso, você vai gostar de mim. Mas, para com essa cara feia"**. Depois dessa conversa tudo amenizou, **"a classe começou a me conhecer melhor e aí tudo deu certo"**.

Ao conversar com a colega e contar as dificuldades que as suas próprias filhas vivenciavam, a Idosa E criou, nesse momento, uma relação em que identificou-se com a garota da "cara feia" e com as mazelas de sua vida. A compreensão humana comporta um conhecimento de sujeito a sujeito. Morin (2002a) elucida essa afirmação:

> O outro não apenas é percebido objetivamente, é percebido como outro sujeito com o qual nos identificamos e que identificamos conosco, o *ego alter* que se torna *alter ego*. Compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção. Sempre intersubjetiva, a compreensão pede abertura, simpatia e generosidade (p.95)..

As declarações dos idosos evidenciam a necessidade do outro para que eles próprios consigam se afirmar como sujeito. Há um desejo de relacionar-se, mesmo havendo algumas divergências, tendo em vista que o outro "surge para o mundo integrando-se na intersubjetividade, no seu meio de existência, sem o qual perece" (MORIN, 2007, p.78).

A **Idosa C** tem sua rotina modificada, e o fato de sentir-se incluída em um grupo lhe traz perspectivas de mudanças: **"[...] estudar para seguir em frente"**. Petraglia (2008) contribui para essa análise:

> Pensemos no humano que, *complexo*, é *sapiens* e *demens* em relação consigo, com o outro e com o universo. A partir da ampliação de sua consciência de mundo e da reelaboração do pensamento, uma relação de alteridade se faz presente na escola e na sociedade por meio do seu fazer. Essa prática se efetiva na e pela reflexão, num movimento recursivo de ação, reflexão e ação, num ir e vir, constantes e ininterruptos (p.19).

Muito discreto e conciso em suas declarações, o **Idoso D** afirma que **"nunca vi nenhuma discriminação, nem por parte de professor, nem por parte de aluno, colegas, melhor dizendo"**. E termina o assunto acrescentando: **"Sempre fui muito bem recebido por todos eles"**. Todos os idosos desta investigação sentem-se incluídos, o outro se torna uma necessidade interna para eles, e isso foi possível apreender por meio de seus relatos de vivências em sala de aula. A convivência produz-se na intersubjetividade, Morin (2007, p.78) explica: "A possibilidade de compreensão permite reconhecer o outro como sujeito e senti-lo [...]".

Nesta análise leva-se em consideração o princípio da inclusão e é possível observar que o significado etimológico do prefixo ***in-***, na palavra **in**clusão, já remete à ideia de "dentro de". A leitura atenta e a análise dos conteúdos permitiram apreender que os idosos manifestaram em seus relados a ideia de estar dentro, de fazer parte; todos se sentiram acolhidos e partilhando suas experiências com os colegas e professores. Completa essa análise o que disse o **Idoso A**: **"E a gente conversava de tudo, de futebol, absolutamente tudo. Não houve nenhum problema, absolutamente nenhum problema, foi maravilhoso"**.

Beauvoir (1990, p.366) assegura: “Para um homem que está satisfeito consigo mesmo e com sua condição, e que tem boas relações com os que o cercam, a idade permanece abstrata”.

Quinto tema - **Perspectiva de futuro** - na análise deste tópico é importante atentar que os sujeitos desta investigação têm 60 anos ou mais, o que os classifica como idosos, segundo a Política Nacional do Idoso. No entanto, pelas declarações que deram, pode-se perceber que um indivíduo não é velho porque nasceu há muitos anos, tampouco é jovem por ter nascido há pouco tempo. Juventude e velhice relacionam-se à maneira de entender o mundo, vivenciar experiências inovadoras, abrir-se, com curiosidade, ao saber.

Uma das falas do **Idoso B** ilustra muito bem essa questão: **“[...] eu não sinto o peso da idade hoje. Me sinto jovial, parece que agora as idades não são assim como eram. Uma pessoa de 50, 60 anos é menos idosa do que há duas ou três gerações”**. Com 74 anos, a **Idosa F** sorri de forma marota e diz que nunca se sentiu uma pessoa velha e ratifica: **“Aliás, eu tenho essa dificuldade de me enxergar na idade que eu tenho”**. As buscas por novas conquistas não deixam que o indivíduo sinta-se passivo e insatisfeito. Para reforçar esta asserção, o pensador Rousseau (1968) escreve:

> Viver não é respirar, é agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência. O homem que mais vive não é aquele que conta o maior número de anos e sim o que mais sente a vida. Há quem seja enterrado aos cem anos e que já morrera ao nascer. Teria ganhado em ir para o túmulo na mocidade, se ao menos tivesse vivido até então (p.16-17).

O tempo é a duração de uma vida e na trajetória da vida, desde o nascimento até a morte, há um tempo ininterrupto de experiências abertas, há momentos de engatinhar, depois andar, períodos de escolarização, a conquista do mercado de trabalho, formar uma família, ver os filhos crescerem e, enfim, chega o tempo de aposentar. Para os idosos desta pesquisa, o tempo de aposentar trouxe uma oportunidade de aprimoramento, por meio de um curso universitário, para abrirem novos caminhos e enfrentarem desafio futuros. “Não é o avanço da idade que marca as etapas mais significativas da vida; a velhice é antes, um processo contínuo de reconstrução” (DEBERT, 2004, p.95).

Os entrevistados estão satisfeitos com o seu momento atual de vida e isso contribui para elevar de modo positivo as suas expectativas de futuro. O **Idoso A** diz não ter mais as mesmas necessidades juvenis, e que agora **“as minhas necessidades estão voltadas para que eu possa exercer uma função de jornalista independente [...] e escrever vai ser o meu**

grande desafio nesses últimos anos que ainda me restam de vida". Continua revelando seus sonhos de realização: **"[...] publicando alguns livros, um, dois, sei lá o quanto eu possa escrever, se eu conseguir vencer esta dificuldade e me colocar no mercado ou dentro de uma perspectiva de discussão do meu trabalho no meio acadêmico, eu já vou me dar por satisfeito".**

Analisando as declarações dos idosos, convém destacar Ribeiro (1992), quando diz que ao pensar em anos de vida, o importante é pensar em dar vida aos anos. Não importa qual é a idade do indivíduo, o que é preciso é que a pessoa continue sonhando, porque não existe idade para criar, para realizar, para aprender, para descobrir, para se doar e para amar. Sentar em uma poltrona e descansar e algo que não faz parte da rotina do **Idoso D,** ele é determinado e afirma que: **"[...] depois de formado, eu não posso sentar numa poltrona e ficar de braços cruzados. Não... meu pensamento é voltar pro campo de trabalho"**. Ribeiro (1992) contribui para que se reflita que:

> Nosso cérebro e nosso coração não têm limites e, para envelhecer bem, eu preciso usufruir ao máximo de ambos. De que adianta pensar se não posso sentir, de que vale sentir se não tenho consciência disto? Eis o grande desafio de envelhecer bem, continuar a ser um cérebro pensante com um coração capaz de sentir (p.45).

As perspectivas de futuro para o **Idoso B** não estão vinculadas às questões financeiras: **"[...] o escopo de estar estudando não é com fins lucrativos ou pensando em possíveis novos empregos. Porque onde eu estou já estou há 35 anos e, no meu caso, cabe a mim a responsabilidade total da empresa, então não estou preocupado com carreira em termos de trabalho. [...] e fazer alguma outra coisa enquanto puder"**. Ele acrescenta que em muitos momentos os amigos o questionaram do porquê de não cursar algo ligado à Medicina, por ser sua formação universitária original. E perguntavam: **"Você não está chateado?"**, e ele, muito tranquilo com suas escolhas de vida, respondia: **"Eu nunca tive este tipo de frustração"**.

Morin (2005, p.452) atesta que "O sentido da vida é múltiplo, aberto, complexo, por ser vacilante, incerto, relativo, frágil". Ou seja, as finalidades para viver, trabalhar, estudar e ter novas experiências não se esgotam com os anos (ou com a idade), cada vez mais a humanidade vai produzindo fins, nunca deixa de produzi-los e, "talvez esteja a nascer uma nova grande finalidade" (p.452). O **Idoso D** é taciturno, mas nutre grande esperança e aposta no futuro; reconhece que **"eu tô com 70 anos, mas tenho ainda bastante disposição pra**

trabalhar, certo!? Então, vamos tocar o barco pra frente!". A vida compara-se a um jogo, há que se jogar para viver, é essencial aceitar que a vida não seja justificada por uma ideia, uma filosofia exterior à vida. "Aceitar que a vida não seja justificada é aceitar verdadeiramente a vida" (p.452). É aceitar o que a vida já escreveu.

A **Idosa C**, com o incentivo dos filhos e a ajuda dos colegas nos momentos de dificuldades, tem acreditado em sua capacidade e pensa no futuro: **"[...] quem sabe trabalhar em uma consultoria ou coisa assim"**. Suas expectativas são **"[...] até voltar a trabalhar, voltar ao mercado de trabalho"**. Em vários episódios ela afirma e reafirma **"[...] a gente precisa sempre ir em frente, não pode parar!"**. Ainda não satisfeita, conclui com maestria **"E... e a vida tá aí, você pode viver cinco anos, dez anos como pode viver cem anos... e fazer o que nesse tempo todo? Eu penso assim"**.

Se viver é lutar, a **Idosa E** não se abate; mesmo com todos os seus estorvos, a dificuldade de memorização, a dislexia, o tratamento de uma depressão ela acredita que irá conseguir passar na OAB. Afinal, seus objetivos para o futuro são dois: **"passar na OAB e exercer, pelo menos, um caso de advocacia. Pelo menos um eu quero, só para me satisfazer mesmo"**. Mas, confiante e cheia de sorrisos, acrescenta: **"Se bem que eu acho que vou gostar e vou fazer mais"**.

Em vários momentos da entrevista, a **Idosa E** menciona o valor das novas tecnologias: **"Eu fico pensando numa pessoa que não tem nada de informática e começa a estudar hoje, não tem mais que ficar correndo atrás de livros"**. Ela faz uma crítica a alguns professores que dizem: **"porque Deus me livre de informática, porque se eu vir que foi plágio..."**. Morin (2000b) afirma que o ensino tem a função de "transmitir não o mero saber, mas uma cultura que permita compreender nossa condição e nos ajude a viver, e que favoreça, ao mesmo tempo, um modo de pensar aberto e livre" (p.11). Esse modo de pensar propõe uma reforma do pensamento e das instituições educacionais; tendo em vista os principais problemas das sociedades contemporâneas e dos propósitos do ensino.

Morin (2000b) acredita que os estudantes devem ser preparados para enfrentar as incertezas, os imprevistos e, principalmente, as mudanças. O sujeito precisa compreender os problemas, religar conhecimentos, dialogar com outras disciplinas, esse tipo de ação contribui para a inclusão e a troca de experiências. É fundamental que o conhecimento seja compreendido como manifestação da cultura de um povo, de uma época, de uma sociedade. É nesse contexto que o autor sugere que entre o velho e o novo deve haver um diálogo, com o objetivo de ver o diferente e com ele aprender a conviver.

A **Idosa E** conta que fez uso da internet para realizar um determinado trabalho. Não obteve uma boa nota, pois o professor falou que só havia plágio. Muito indignada ela diz: **"tá, só tinha plágio de uns cinco *sites* e, mesmo assim, eram pedaços específicos e reestruturados. Para eu fazer esse trabalho eu tive que estudar, tive que entender, mas o professor não considerou"**.

Percebe-se que neste episódio relatado, a **Idosa E** fez uso das novas tecnologias, todavia não deixou de ler sobre o tema da pesquisa que estava fazendo, entendeu, compreendeu e apreendeu; não usou apenas um recorta-cola, comum em muitos trabalhos que são entregues aos professores. O conhecimento, nesse caso, deu-se porque houve o tratamento da informação, significada por operações de pensamento. Uma efetiva educação na era planetária é o que Morin (2000b) defende, como numa espécie de viagem, transitar pelo saber, atravessando as disciplinas para compor o todo capaz de ser utilizado por indivíduos em sua relação com o mundo global.

A **idosa E** tem alguns impedimentos para aprender e ela reflete sobre essas dificuldades **"ainda bem que não fiz faculdade antes, pois não sei o que seria de mim fazendo Direito e com dislexia quando era jovem e não tinha computador"**. Hoje, o computador é tudo para ela. É a ferramenta que lhe dá a oportunidade de estudar com mais segurança e tranquilidade, **"meu melhor amigo, meu melhor professor hoje é a informática, é o *Google* é a informação disponível e isso muda toda a humanidade"**.

Ela acredita que, a partir do momento que o indivíduo entende o valor do saber, de buscar as informações para compreender o que está acontecendo no mundo, **"muda tudo"**. E foi assim que encontrou a sua estratégia cognitiva, situando e contextualizando as informações, conhecimentos, decisões e, assim, tornando-se capaz de enfrentar os seus desafios da aprendizagem e aprimorar suas capacidades intelectuais para conquistar a autonomia do pensamento e a desenvoltura para lidar com a complexidade da vida.

Em sala de aula sente-se diferenciada, é uma idosa que sabe transitar no ambiente tecnológico, **"uma gagá...! Uma gagá né, quem não sabe informática é uma gagá. Mas, quando eles (os colegas) percebem, até professor quando me vê teclando, digitando... muda um pouco o conceito"**. Muito satisfeita e autoconfiante, ela diz que eles devem pensar assim: **"não... sabe um pouco, não é bem o que eu pensava"**. Conclui afirmando que **"são coisas que no dia a dia a gente vai vendo, que vai conquistando e que a gente nem imaginava que poderia fazer a diferença, mas faz"**.

O modelo de educação preocupado apenas com a instrução, com a transmissão de conteúdos fragmentados e descontextualizados, e que entende o conhecimento como acúmulo de informações, não dá conta da complexidade inerente aos avanços e transformações ocorridos nesse século. Morin (2000b), assim como também defendia Montaigne na década de 1580, acredita que a primeira finalidade do ensino deve remeter à ideia de que uma cabeça benfeita é melhor que uma bem cheia.

O ser humano desenvolveu sua vida para muito além das fronteiras biológicas, traz a complexidade da vida à ideia, ao espírito, à sociedade. Vive plenamente "a condição de indivíduo-sujeito, na oposição subjetivo/objetivo, no problema do erro, na relação vida/morte" (MORIN, 2005, p.464). É um ser de vivência plena, ser existencial "na carência, na necessidade, na satisfação, na plenitude" (p.465). Há uma pitada do irracionalizável no ser, no existir e no viver, consoante Morin:

> O viver é um misto muito estranho e instável de racionalidade, *a-racionalidade,* irracionalidade, onde estes termos intercomunicam e se intercontaminam. A vida desafia o velho racionalismo que a encerrava numa visão unicamente funcional econômica ou que a rejeitava como irracionalidade indigna. Ora, importa compreender que a eliminação do irracionalizável é finalmente não-racional: suprimir a desrazão de viver é suprimir as razões de viver (p.455).

Não são todos os que conseguiram realizar os velhos sonhos da juventude. Nesta pesquisa, os idosos colaboradores conseguiram ou estão quase chegando aos últimos degraus para realizarem seus anseios de outrora. Entre eles está a **Idosa F**, ela proporcionou para si tudo que havia lutado para dar aos três filhos, sua meta sempre foi dar uma formação universitária a eles. Iniciou a faculdade e tudo era novidade, assuntos desafiadores, temas polêmicos e ela teve que reaprender a pensar e entender o mundo, que tão diferente estava de quando era jovem.

Depois de concluir o curso de biblioteconomia, fez um concurso público, passou e foi trabalhar. Antes de aposentar-se ainda teve tempo de fazer uma pós-graduação em Contação de Histórias. Ela lastima ter tido pouco tempo para trabalhar, diz que **"dois anos e meio depois, porque eu já tinha 70 anos, eu fui obrigada a pedir aposentadoria. Pós-aposentadoria ficou chato, porque a gente mal tinha começado"**. A institucionalização da aposentadoria, tendo a idade como referência, acabou promovendo uma homogeneização da população idosa ao relacionar a velhice à incapacidade para o trabalho.

Para a **Idosa F**, a aposentadoria tirou-lhe a possibilidade de dar continuidade ao trabalho recém-iniciado. Não teve a chance de colocar em prática a sua "Contação de Histórias". É com muita sensatez que Bosi (2012) afirma:

> Os projetos do indivíduo transcendem o intervalo físico de sua existência: ele nunca morre tendo explicitado todas as suas possibilidades. Antes, morre na véspera: e alguém deve realizar suas possibilidades que ficaram latentes, para que se complete o desenho de sua vida (p.75).

Cada um dos idosos que colaborou com esta pesquisa procurou, lá no fundo de suas recordações, revelar um pouco de sua vivência e suas conquistas, suas lutas e escolhas, os desafios enfrentados, as frustrações e alegrias. O tempo é a duração de uma vida e o tempo passado é uma riqueza para o homem. "O passado reconstruído não é refúgio, ele é uma fonte, um manancial de razões para lutar" (BOSI, 2003, p.66). Este tesouro não pode ser deixado de lado, porque na interlocução do presente com o passado reside a sabedoria e a experiência de vida.

Em alguns momentos, ao contar sua história, o **Idoso D** refere-se à **"minha época em que estudava"**; mais um pouco e diz **"na minha época"**; ou então **"naquela época"**. Bosi (2012) reporta-se a Beauvoir para esclarecer porque é tão comum ouvir essas expressões nos relatos de pessoas mais velhas.

> Improdutivo, ineficaz, o homem idoso aparece a si mesmo como um sobrevivente. É por esta razão que ele se volta tão prazerosamente para o passado: é o tempo que pertenceu a ele, onde ele se considerava um indivíduo inteiro, um vivo (p.421).

Merece destaque nesta análise o fato de que todas as histórias narradas foram acompanhadas de expressões de satisfação, sorrisos; às vezes, um olhar tristonho e saudosista; em outros momentos, gestos seguros com as mãos como se, de maneira "professoral", estivesse dando uma lição. A essência de cada idoso pôde ser sentida em muitos momentos, e sobre isso, Bosi (2003) observa:

> As mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principiados pela voz. Tiram segredos e lições que estavam dentro das coisas, fazem uma sopa deliciosa das pedras do chão, como no conto da Carochinha. A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana (p.90).

O narrador e o ouvinte estão juntos, em sintonia; como afirma Bosi (2003), deve nascer uma relação de interesses comuns para que se conserve o narrado, a fim de que este seja reproduzido:

> O narrador é o mestre do ofício que conhece seu mister: ele tem o dom do conselho. A ele foi dado abranger uma vida inteira. Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (p.91).

O **Idoso A** relata, com dignidade nas palavras, que pretende **"[...] escrever um livro onde a gente possa relatar um pouco da experiência que nós tivemos na década de 60 e começo de 70"**. Com muita sapiência, diz ainda: **"[...] eu não posso me furtar a colaborar com o pouco do que eu aprendi, eu não posso me furtar. [...] o que nós aprendemos, nós temos que passar, não podemos morrer com isso, temos que passar para que as gerações possam fazer a mesma coisa"**. A esperança de poder colaborar com outras gerações está de mãos dadas com o inesperado (a morte); assim, esperança não é uma certeza, a "esperança do possível é gerada sobre o impossível", afirma Morin (2011b), acrescentando:

> [...] a esperança está "ligada ao ainda não, à aurora a vir, a isso de que o mundo está cheio, mas corre o risco de nunca acontecer, embora se continue a acreditar". [...] Onde há desesperança, a poesia da vida, participação, comunhão, amor, leva alegria e plenitude (p.198-199).

Ao concluir a sua entrevista a **Idosa C** manifesta uma visão de futuro que quer compartilhar com outras pessoas, ao declarar: **"Eu acho assim, se conselho fosse válido eu diria... eu gostaria que através de mim as pessoas espelhem e voltem a estudar também, porque eu vejo tantas pessoas... aí doente... tendo problemas de saúde por não ocupar a cabeça, porque eu acho que ocupar a cabeça é fundamental para você não ficar doente, você não ter outros problemas assim como depressão, principalmente. E... e a vida tá aí"**.

Mais uma vez a presença da educação constituindo um caminho de esperança, de transformação. A **Idosa C** crê na emancipação e regeneração por meio do conhecimento. "Morin [...] afirma que, no plano das ideias, as possibilidades de luta contra os erros, as buscas e problematizações da verdade estão ligadas ao pluralismo, dialógicas e aberturas culturais" (PETRAGLIA; GONÇALVES, 2012, p.40). Se for uma verdade que o gênero

humano possui em si mesmo os recursos de uma criatividade inesgotável (MORIN, 2002a), então é lícito:

> [...] vislumbrar para o terceiro milênio a possibilidade de nova criação cujos germes e embriões foram trazidos pelo século XX: *a cidadania terrestre*. E a educação, que é ao mesmo tempo transmissão do antigo e abertura da mente para receber o novo, encontra-se no cerne dessa nova missão (p.72).

As histórias narradas pelos idosos os ajudam a crescer ao longo de todas as suas idades, eles são capazes de refletir, analisar, perceber erros, experienciar novas situações e, ao se expressarem, dividem com quem os escuta os ensinamentos que guardam. Essa documentação oral é um denso *corpus* da história da espécie e constitui um patrimônio humano que não pode ser avaliado como um conhecimento sem valor; é imprescindível que se compreenda que nem todo saber da humanidade está escrito nos livros. Morin (2002a) assegura que o mundo e a vida não são oceanos de certezas e quando se navega por meio das histórias orais é uma maneira de incorporar as incertezas que habitam o conhecimento científico. Para o autor:

> O mundo não gira sobre um caminho previamente traçado, não é um vagão de trem que anda sobre trilhos. [...] O futuro é absolutamente incerto, é preciso pensar com e na incerteza, mas não na incerteza absoluta, porque sempre navegamos num oceano de incertezas por meio de arquipélagos de certezas locais (p.34).

As narrativas que emergem das lembranças não são totalmente exatas, às vezes nebulosas, cambaleantes. Mas, são verdadeiramente sedutoras e oferecem lindas histórias, uma leveza de fatos que emocionam quem as ouve. Piñon (1994, p.16) ilustra essa questão poeticamente: “A memória tem a densidade e a ligeireza de uma bailarina. É algo engraçado, cheio de fiapos que desobedecem ao rigor do tempo. É como areia movediça. A memória trai”.

A experiência vivida pelo ouvinte e pelo narrador é uma grandiosa aventura, o sentimento de gratidão ao final do encontro é inevitável. O narrador, pelo justo orgulho de ter experiências tão dignas de serem contadas e compartilhadas, como das pessoas ditas importantes; e o ouvinte, por tudo que aprendeu (BOSI, 2003). A densa leveza das histórias orais traduz a verdade ditada pelo sentimento. Não é sem razão que a própria Bíblia (1980) diz que “a boca fala do que lhe transborda do coração” (Mateus, 12: 34, p.1298).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver
Como será que deve ser envelhecer
Eu quero é viver pra ver qual é
E dizer venha pra o que vai acontecer

[...]

Pois ser eternamente adolescente nada é mais demodé
Com uns ralos fios de cabelo sobre a testa que não para de crescer
Não sei por que essa gente vira a cara pro presente e esquece de aprender
Que felizmente ou infelizmente sempre o tempo vai correr

Arnaldo Antunes, 2010

O tema senilidade aparece em Sócrates, que temia ser velho e pagar os tributos que vinham com a velhice, a cegueira, surdez, a falta de memória. Platão dizia que a velhice concede ao ser humano imensa paz e libertação. O mesmo tema transita com tons desoladores nos textos de Aristóteles, que acreditava serem muitos os desconfortos com os quais os velhos são obrigados a conviver. Também é objeto central na obra *De senectude*, de Cícero; ressurge nas cogitações de Sêneca, combatendo a imagem negativa da velhice e, ainda, na obra do médico Hipócrates, que defendia o conceito de que a vetustez começava depois dos 50 anos e apresentava desequilíbrios de humores. Visões deprimentes ou não da velhice datam de antigas eras, Babilônios, Hebreus, Gregos, Egípcios; do Oriente ao Ocidente, o desejo de conservar a juventude para protelar o envelhecimento e, consequentemente, a morte, vem de distantes eras.

O universo do idoso perpassa as passagens do Antigo Testamento, os livros sagrados das arcaicas religiões e as destoantes reflexões dos filósofos, alguns com serena aceitação, outros com tons melancólicos por causa das limitações e dos agravantes físicos e psicológicos presentes no implacável destino do ancião. A diminuição das funções vitais é um processo natural e biológico, crescente e inevitável e está associado à dinâmica cósmica. A discussão acerca do envelhecimento é um tema complexo, é como roçar em questões cruciais que a

finita mente do homem não consegue equacionar; é um mergulho em desconhecidos desígnios. Entretanto, é também objeto de pesquisa que se abre a vários horizontes em diversas áreas do conhecimento, anunciando o quão atual essa temática se tornou nas últimas décadas do século XX e no séc. XXI, tendo em vista que a angústia da idade avançada tatuou-se na mente de muitas pessoas.

Já vai longe a mocidade dos idosos que participaram desta pesquisa, eles estão subindo os últimos degraus da vida; em suas histórias estão as lembranças do que já foi e, em suas atitudes, a confiança no que será. São velhos que se abriram ao novo sem reservas, aceitaram desafios, chacoalharam a poeira da idade porque acreditam que não é tarde. Estão dando a volta por cima e, mesmo aposentados, "tocam o barco pra frente" e não se restringem aos aposentos com chinelos, pijamas e a ficarem sentados numa poltrona com os braços cruzados.

Eles também não devaneiam, não usam roupas de jovens, extravagantes e ridículas para enganarem a idade. Aceitam e vivenciam a velhice com suas mazelas próprias, mas com autonomia e dignidade, sem inspirarem gracejos. Conscientes de que estão "ainda com bastante disposição" para aprender e até trabalhar; eles se afinam com as energias pulsantes do universo, ainda que, por fim se deparem com o irrevogável mistério, encravado no corpo, nas dores e desconfortos que chegaram com o tempo.

Na apresentação feita no início deste trabalho, eram tantas inquietações que me provocavam e faziam-me refletir o porquê de alguns idosos desistirem e saltarem "fora da ponte e da vida" (MELO NETO, 1994, p.195), enquanto outros tomam "a melhor saída" (MELO NETO, 1994, p.201) e descobrem um caminho diferente e encorajam-se diante da nova etapa de vida que se anuncia. E agora, ao terminar esta investigação, percebo que toda documentação oral que pude colher dos idosos mostra que cada indivíduo traz uma unicidade singular e constrói suas experiências pessoais, sonhos, seus valores, crenças por meio de um sistema organizador do mundo interno e do mundo externo, a subjetividade.

Esse processo de auto-organização possibilita que o indivíduo se transforme, faça escolhas e decida o que quer, o que deseja vivenciar e experienciar. Nesta investigação foi possível conhecer a história de uma idosa que traçou uma trajetória a partir das escolhas que realizou durante a vida. Conseguiu fazer uma graduação depois de longos anos de tentativas, concluiu os estudos, fez concurso público, foi aprovada, trabalhou como bibliotecária; ainda nesse período, conseguiu fazer uma pós-graduação e, fechando um anel recursivo, aposentou aos 70 anos.

Considerando a singularidade e a diferenciação de cada trajetória de vida, todos os idosos ouvidos nesta pesquisa almejam viver o máximo e da melhor maneira possível, com dignidade e respeitando os seus limites, o que não os impede de enfrentarem desafios. “Cada cidadão tem uma experiência de vida *sui generis*” e é possível vivenciar muitas novas aventuras após os 60 anos de idade e, sem desânimo, encontrar na educação, em uma sala de aula, por exemplo, “o motivo de amanhecer e ficar feliz”.

A identidade do ancião, que antes estava à margem do mundo, imutável e sem lugar determinado, tendo em vista não ser possível retornar ao passado e, ao mesmo tempo, o presente não lhe dava vez, passo a passo está se transformando. Hoje, o velho está fazendo a travessia para novas posturas e atitudes que lhe garanta o exercício da cidadania: frequenta a universidade, pesquisa, debate questões políticas em sala de aula, utiliza as tecnologias atuais, faz ginástica, viaja, vai a bailes, namora e oferece à coletividade as suas experiências de vida e as suas memórias àqueles que as queira ouvir. Entretanto, essa caminhada é longa e o tema do envelhecimento humano ainda necessita de atenção, mesmo sabendo que muito já se realizou e se conquistou no cenário mundial.

As fontes orais anunciam uma mudança significativa, ao examinar o problema do envelhecimento com lentes metódicas, percebe-se que ainda são poucos os idosos presentes em uma universidade regular; todavia, esse número tem aumentado e tende a crescer cada vez mais. O tema envelhecimento ganha espaço em jornais, em debates da televisão, em estudos interdisciplinares, ele está mesmo na ordem do dia. As políticas públicas evoluem e apresentam conquistas importantes, no entanto, ainda se apresentam pequenas diante do volume de demandas do segmento em questão. Vale ressaltar que uma das maiores conquistas culturais de um povo em seu processo de humanização é o envelhecimento de sua população, refletindo uma melhoria das condições de vida.

Após realizar este trabalho investigativo, permito-me arriscar um parecer sobre o idoso do sexo masculino em relação à mulher idosa. Os idosos contam que deixaram de lado o sonho de fazer um determinado curso universitário porque tiveram interferências do trabalho, os chefes atrapalhavam e até “colocavam pedra no caminho”. Ou então, deixaram de lado a faculdade porque queriam ser independentes financeiramente. Os três idosos homens cursaram uma graduação quando jovens ou até mais de uma; e, depois de aposentados, o que eles estão fazendo, ou até já concluíram, é a graduação sonhada desde a juventude.

Por outro lado, as idosas trazem em suas histórias alguns pontos importantes para se refletir. Quando jovens nenhuma delas pôde fazer o curso universitário, “era difícil naquela

época". Assim, decidiram cuidar da família, dedicaram-se aos filhos; deixaram para mais tarde o sonho da faculdade e, a idosa que era a caçula e a única menina entre os nove irmãos, por ter um pai que achava que a faculdade não era necessária para uma mulher, obedeceu e calou-se perante a autoridade paterna. E assim a vida seguiu para elas.

Chama a atenção, nas histórias relatadas, que os paradigmas impostos pela sociedade, pela cultura e até pela religião às mulheres são categóricos e, muitas vezes, autoritários, pois são regras e normas que dificilmente elas conseguem contestar. Essa normalização é chamada, por Morin (2002a), de *imprinting* cultural e está presente nas experiências narradas pelas idosas; entretanto, nenhum dos idosos homens relatou que tenha vivenciado tais situações. A eles a sociedade atribui o papel de provedor, de trabalhador, aquele que deve sair de casa para tornar-se independente e trazer o sustento necessário à família. Tal reflexão merece um estudo mais aprofundado e investigativo.

Viver é lutar, é combate! Para responder a pergunta que esteve presente em todos os momentos deste estudo: "será que vale mais a pena saltar fora da ponte e da vida ou continuar lutando e encontrar uma melhor saída?", concluo que os idosos participantes deste trabalho conseguiram responder, sabiamente, essa indagação por meio de suas escolhas, decisões e atos que foram deixando atrás de si. O tempo tem a mão pesada, mas não foi capaz de abater os seis idosos entrevistados; com um tom poético e em versos, João Cabral de Melo Neto (1994, p.202) contribui para dizer o que a vida pode escrever:

"— Severino, retirante,
deixe agora que lhe diga:
eu não sei bem a resposta
da pergunta que fazia,
se não vale mais saltar
fora da ponte e da vida;
nem conheço essa resposta,
se quer mesmo que lhe diga
é difícil defender,
só com palavras, a vida,
ainda mais quando ela é
esta que vê, severina
mas se responder não pude
à pergunta que fazia,
ela, a vida, a respondeu
com sua presença viva.
E não há melhor resposta
que o espetáculo da vida:
vê-la desfiar seu fio,
que também se chama vida [...]".

Se for uma verdade que envelhecemos como nos comportamos, como nos assumimos e como vivemos, os idosos aqui investigados enfrentaram inúmeros desafios. Suas histórias de vida mostram que foram bravos guerreiros e, o mais importante, suas atitudes e conquistas realizadas aos 60 anos ou mais anunciam um novo paradigma do envelhecimento humano, um facho verde de esperança, de que é possível estudar, aprender, graduar-se em uma universidade, adquirir novos hábitos, tolerar e enfrentar intempéries e contradições e, mesmo assim, sobreviver, brilhar e conseguir realizar um antigo sonho de juventude.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA Izabel. (Orgs.). **Estudos de Complexidade.** São Paulo: Xamã, 2006.

ALMEIDA, Maria da Conceição de. Um Itinerário do Pensamento de Edgar Morin. Ano 2, nº 18. **Cadernos IHU Ideias**. São Leopoldo, Instituto Humanitas Unisinos, 2004.

ARIÉS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2ª ed. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

ARISTÓTELES. **Parva Naturalia.** Breves tratados de filosofia natural. 1ª ed. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2012.

ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer. **Movimento**. Porto Alegre, v. 10, n. 2, maio/agosto de 2004. 57-71 p.

BARDAN, Laurence. **Análise do Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, LDA. 2009.

BARICKMAN, J. Bert. E se a casa-grande não fosse tão grande? Uma freguesia açucareira do Recôncavo Baiano em 1835. **Afro-Ásia**. v. 29/30, ano 2003. 79-132 p.
Disponível: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n29_30_p79.pdf. Acesso: 31 out. 2015.

BARROS, Manoel de. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BARROS, Regina Duarte Benevides de; CASTRO, Adriana Miranda de. Terceira idade: o discurso dos experts e a produção do novo velho. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**. V. 4. Porto Alegre, 2002. 113-124 p.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice.** Trad. Maria Helena Franco Monteiro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. **Dinâmica populacional brasileira na virada do século XX.** Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Trad. dos originais da versão dos Monges de Maredsous (Bélgica). Tradução de Centro Bíblico Católico. 27ª ed. São Paulo: Ave Maria Ltda, 1980.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Memória e Sociedade:** lembranças de velhos. 17ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil 1988. **Diário Oficial da União**. Poder Legislativo, Seção 1. Anexo. Brasília, DF, 5 out. 1988.
Disponível:http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm.
Acesso: 16 set. 2014.

BRASIL. **Estatuto do idoso**. Brasília: Senado Federal, Câmara dos Deputados, 2003. 42 p. (Fontes de referência Legislação; 53).

CACHIONI, Meire. **Envelhecimento bem-sucedido e participação numa Universidade para a Terceira Idade:** a experiência dos alunos da Universidade São Francisco. Dissertação. Universidade Estadual de Campinas-SP, 1998.

_____. Universidade da terceira idade: das origens à experiência brasileira. In: NERI, Anita L.; DEBERT, Guita G. (Orgs.). **Velhice e sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

_____; AGUILAR, Luiz Enrique. A convivência com pessoas idosas em instituições de ensino superior: a percepção de alunos da graduação e funcionários. **Kairós**, São Paulo, v.11, jun. 2008. 70-104 p.

CAMARANO, Ana Amélia. **Os novos idosos brasileiros:** muito além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Revista brasileira de enfermagem** [online]. vol.57, n.5, 2004. ISSN 1984-0446. 611-614 p.
Disponível: http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019. Acesso: 20 ago. 2015.

CAPUZZO, Denise Barros. **Elementos para educação de pessoas velhas**. Tese. Pontifícia Universidade Católica de Goiás- PUC-GO, 2012.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos.** 27ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

CÍCERO, Marco Túlio. **Saber envelhecer** e A Amizade. Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L & PM, 1997.

COCENTINO, Jamille Mamed Bomfim. **Envelhecimento e cultura:** as perdas na velhice à luz de obra de Gabriel García Marquez. Dissertação. Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2008. Disponível: http://repositorio.unb.br/handle/10482/1743. Acesso: 18 jun. 2015.

CONFÚCIO. **Vida e doutrina**. Os analectos. Trad. Múcio Porphyrio Ferreira. São Paulo: Pensamento, 1999.

CORREA, Mariele Rodrigues. **Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade:** velhice e terceira idade**.** São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

CORTADA, Silvana Oliveira; DIAS, Elaine. T. D. M. Educação de Jovens e Adultos: Território de Manifestação de Subjetividades. **Nontandum, Libro-13**, 2009. SP/Porto: CEMOOrOC- Feusp / IJI-Universidade do Porto. 59-66 e 78-86 p.

DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice:** Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. 1ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2004.

DIAS, Elaine. T. Dal. Mas. Adolescência: entre o passado e o presente, a experiência. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2001.

_____.Subjetividade, docência e adolescência: impactos no ato educativo. **Nontandum, Libro-11**, 2008a. SP/Porto: CEMOOrOC-Feusp/ IJI-Universidade do Porto). 59-66 e 225-226 p.

_____. Noção de sujeito e formação do professor: uma compreensão da prática educativa. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (Orgs.). **Estudos de Complexidade 2**. São Paulo: Xamã, 2008b.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. Disponível: http://www.aulete.com.br/inativo. Acesso: 19 out. 2015.

DICIONÁRIO INTERATIVO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA. Pesquisar "universidade aberta à terceira idade". Agência Educa Brasil, 2006.
Disponível: http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp. Acesso: 19 jan. 2015.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade** (a Meneceu). Trad. Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

FREIRE, Paulo. **Educação para mudança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 21ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FREYRE, Gilberto. **Além do apenas moderno**. Rio de janeiro: José Olympio, 1973.

_____. **Casa Grande & Senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 21ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

FUKUMOTO, Alessandra Harumi Bonito. **O ambiente intergeracional no ensino de italiano:** o caso do italiano no Campus. Dissertação. Faculdade de Letras e Ciências Humanas de São Paulo - USP/ SP, 2011.

IBGE. **Envelhecimento populacional 2010**.
Disponível:http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/0000000847310412201231572748398 5.pdf. Acesso: 20 ago. 2015.

KANSO, Solange. Processo de envelhecimento populacional: panorama mundial. In**: VI-Workshop de Análise Ergonômica do Trabalho; III-Encontro Mineiro de Estudos em Ergonomia; VIII - Simpósio do Programa Tutorial em Economia Doméstica**. Viçosa (Anais). Viçosa: Ed. UFV, 2013.
Disponível:http://www.ded.ufv.br/workshop/docs/anais/2013/Solange%20Kanso.pdf. Acesso: 26 ago. 2015.

KUMAGAI, Cibele; MARTA, Taís Nader. Princípio da dignidade da pessoa humana. In: **Âmbito Jurídico**. Rio Grande, XIII, n. 77, jun 2010.

Disponível:http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?artigo_id=7830&n_link=revista artigos_leitura - Acesso: 17/06/2015.

LACERDA, Cristina B. Feitosa de. A prática pedagógica mediada (também) pela língua de sinais: trabalhando com sujeitos surdos. **Cad. CEDES**. Campinas, v. 20, n. 50, Abr. 2000. Disponível:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101326220000001000 06&lng=en&nrm=iso. Acesso: 16 mai. 2014.

LAO-TZY. **Tao-te King**. O livro do sentido da vida. Trad. Margit Marticia. São Paulo: Pensamento, 1999.

MACÊDO, Neuda Ribeiro. **O idoso na contemporaneidade**: expectativas, desafios e contribuições vivenciadas em espaços de aprendizagem. Dissertação. Universidade Católica de Brasília – UCB. 2013.

MARTINS, Edna. Constituição e significação de família para idosos institucionalizados: uma visão histórico-cultural do envelhecimento. **Revista Estudos e Pesquisa em Psicologia**. V. 13, n. 1. Rio de Janeiro, 2013. ISSN 1808-4281. 215-236 p. Disponível: http://www.revispsi.uerj.br/v13n1/artigos/pdf/v13n1a14.pdf.Acesso: 08 set. 2014.

MARTINS, Heloisa Helena T. Souza. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educação e Pesquisa.** V.30, n. 2. São Paulo, maio/agosto, 2004. 289-300 p.

MEIHY, José Carlos S. Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina. In: OLIVEIRA, Marly de (Org.). **João Cabral de Melo Neto:** Obra Completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MINOIS, Georges. **História da velhice no ocidente:** da antiguidade ao renascimento. Lisboa: Editorial Teorema, 1999.

MONTEIRO, Pedro Paulo. **Envelhecer:** histórias, encontros, transformações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MORIN, Edgar. **La Méthode (t.3).** La Connaissance de la Connaissance. Coleção Points. Paris: Seuil, 1986.

_____. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997a.

_____. **Meus demônios.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997b.

_____. Por uma reforma do pensamento. In: PENA VEIGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro de (Orgs.). **O pensar complexo:** Edgar Morin e a crise da modernidade. Rio de Janeiro: Gramond, 1999. 21-34 p.

_____. **Cultura de massa do século XX:** neurose. V.1. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000a.

_____. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000b.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** 6ª ed. São Paulo: Cortez. Brasília, DF: UNESCO, 2002a.

_____. SILVA, Juremir Machado da; CLOTET, Joaquim (Orgs.). **As duas globalizações:** complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. Trad. Juremir Machado da Silva. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina/Edipucrs, 2002b.

_____. **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. ALMEIDA, Maria da Conceição de; ASSIS, Edgar de Carvalho (Orgs.). Trad. Edgar de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002c.

_____. Da necessidade de um pensamento complexo. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. (Orgs.). **Para navegar no século XXI:** tecnologias do imaginário e cibercultura. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 2003. 13-36 p.

_____. **O método 2:** a vida da vida. Trad. Marina Lobo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. **O método 5:** a humanidade da humanidade - a identidade humana. 4ª ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2007.

_____. **Introdução ao pensamento complexo.** Trad. Eliane Lisboa. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011a.

_____. **O Método 6:** ética. Trad. Juremir Machado da Silva. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2011b.

MUCHINIK, Eva. **Envejecer en el siglo XXI**: Historia y perspectivas de la vejez. Editorial Lugar: Buenos Aires, 2005.

OBATA, Regina. **O livro dos nomes**. São Paulo: Nobel, 2002.

OLIVEIRA, Rita de Cássia. O Processo Histórico do estatuto do Idoso e a Inserção Pedagógica na Universidade Aberta. **Revista HISTEDBR** [online]. N. 28. Campinas, dez. 2007. ISSN: 1676-2584. 278-286 p.
Disponível: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/28/art18_28.pdf. Acesso: 17 set. 2014.

_____; OLIVEIRA, Flávia; SCORTEGAGNA, Paola A. Inclusão, empoderamento e políticas educacionais: a educação ao idoso em processo de construção. **Seminário de Pesquisa do PPE**. Universidade Estadual de Maringá-PR, de 07 a 09 de Maio, 2012. 01-14 p.
Disponível:http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2012/trabalhos/co_03/066.pdf
Acesso: 13 out. 2015.

PACHECO, Jaime Lisandro. As universidades abertas à terceira idade como espaço de convivência entre gerações. In: SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von; NERI, Anita

Liberalesso; CACHIONI, Meire. (Orgs.). **As múltiplas faces da velhice no Brasil**. Campinas: Alínea, 2003.

PEIXOTO, Clarice**.** Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, Myriam Lins de; MOTA, Alda. (Orgs.). **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Cap. 2. Rio de Janeiro: FGV, 2007. 69-84 p.

PETRAGLIA, Izabel. **Edgar Morin:** educação e a complexidade do ser e do saber. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____. **Olhar sobre o olhar que olha:** complexidade, holística e educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Edgar Morin: complexidade, transdisciplinaridade e incerteza. **Site do IECPS**. V. 01. Brasil, 2002. 01-13 p.

_____. Complexidade em tempos incertos. In ALMEIDA, Cleide; PERISSÉ, Gabriel. (Orgs.). Educação & Linguagem - Ensaios. **Notandum, libro-11.** SP/Porto, 2008. CEMOrOC- Feusp/ IJI-Universidade do Porto. 17-24 p.

_____; GONÇALVES, Natália. Cultura, identidade e educação. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA Izabel. (Orgs.). **Estudos de Complexidade 5.** São Paulo: Xamã, 2012.

PIÑON, Nélida. **O pão de cada dia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

PLATÃO. **A República**. Trad. Elza Moreira Marcelina. Livro 7. Brasília: UnB, 1985.

POLTRONIERI, Cristiane de Fátima. **Rememorando vidas:** lembranças de velhos trabalhadores. Dissertação - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – Unesp, Franca- SP. 2014. Disponível: http://hdl.handle.net/11449/123188. Acesso: 25 ago.2014.

RABER. Tânia Bertelli. **As instituições de ensino superior e a efetivação das políticas de atendimento ao idoso**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC. 2006. Disponível: http://www.biblioteca.pucpr.br/tede//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1107.
Acesso: 19 jun. 2015.

RIBEIRO, Alda. Terceira idade esperança de vida. **A Terceira Idade**. Ano 4, n. 6. São Paulo, 1992. 43-46 p.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difel, 1968.

SÁ, Jeanete Liasch Martins. A formação de recursos humanos em Gerontologia: fundamentos epistemológicos e conceituais. In: FREITAS, Elizabete Viana et al. (Orgs.). **Tratado de geriatria e gerontologia**. Cap. 137. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2002. 1119-1124 p.

SÁ, Ricardo Antunes. Educação, complexidade e pedagogia: uma dialogia compreensiva. In: ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel. (Orgs). **Estudos de Complexidade.** São Paulo: Xamã, 2006. 223-242 p.

SAN MARTIN, Hernán; PASTOR, Vicente y Aldeguer. **Epidemiología de la vejez** ¿Qué edad tendrá usted cuando cumpla 70 años? Madri: McGraw-Hill/Interamericana de Espana, S.A., 1990.

SANTIN. Janaína Rigo; BOROWSKI. Marina Zancanaro. O idoso e o princípio constitucional da dignidade humana. **RBCEH**. V. 5, n. 1, jan./jun. Passo Fundo-RS, 2008. 141-15 p. Disponível: http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/viewFile/261/196. Acesso: 12 out. 2015.

SECCO, Carmen Lucia Tindo. **Além da idade da razão.** Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1994.

_____. As Rugas do Tempo na Ficção. **Cadernos IPUB**. N. 10, Número especial: Envelhecimento e Saúde Mental - Uma Aproximação Multidisciplinar. Rio de Janeiro, 1999. 9-33 p.

SÊNECA, Lúcio Anneo. **Sobre brevidade da vida**. Porto Alegre: L&PM, 2008.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **A Metodologia do Trabalho Científico**. 23º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**. Vol.15, n.1, jan./mar. Rio de Janeiro**,** 2008.
Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0104-59702008000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso: 15 mai. 2015.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. **Vida Privada e Quotidiano no Brasil.** Na época de D. Maria I e D. João VI. Lisboa: Editorial Estampa,1993.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.*)*. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SOCCI, Vera. Religiosidade e o Adulto Idoso. In: WITTER, Geraldina Porto. (Org.) **Envelhecimento – Referenciais Teóricos e Pesquisas**. 1ª ed. Campinas: Átomo/Alínea, 2006. 87-102 p.

TAVARES, Dirce Encarnacion. **A presença do aluno idoso no currículo da universidade contemporânea –** Uma leitura interdisciplinar. Tese. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. 2008.
Disponível:http://www.pucsp.br/gepi/downloads/TESES_CONCLUIDAS/DIRCE.pdf.
Acesso: 12 jan. 2015.

VIEIRA, Álvaro Pinto. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 1989.

ANEXOS

Anexo-1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação_____

Título do Projeto: **E a trajetória de vida se alonga além dos 60 anos... O idoso universitário.**
Pesquisador Responsável: **Valéria Carraro**
Instituição a que pertence o Pesquisador: **Universidade Nove de Julho - Uninove**
Orientadora: **Profª Dra. Elaine T. Dal Mas Dias**
Telefones para contato: Uninove: (11) 2633-9000

Nome do voluntário:

_____

Idade: _____ anos

R.G. _____

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa **"E a trajetória de vida se alonga além dos 60 anos... O idoso universitário"**, de responsabilidade da pesquisadora Valéria Carraro.

O **objetivo desta pesquisa** é compreender a importância da educação na vida do idoso (após 60 anos), tendo em vista o seu ingresso nos cursos de graduação universitária e refletir acerca da motivação que o levou a essa atitude.

Para isso, realizar-se-á, por intermédio de **entrevistas voluntárias gravadas**, em um processo dialógico, um levantamento de histórias de vida, com vistas a propor atualizações do que prediz o paradigma do envelhecimento.

As **informações desta pesquisa serão confidencias** e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas; **não haverá identificação dos voluntários** para que, desta forma, seja assegurado o sigilo e a privacidade sobre sua participação.

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa acima descrito.

São Paulo, _____de_____ de 2014/2015.

_____
Assinatura do participante